

REVISTA DA SEMANA

Nº 31

NA CAPITAL CR\$ 1.50 • NOS ESTADOS CR\$ 2.00

3.8.46





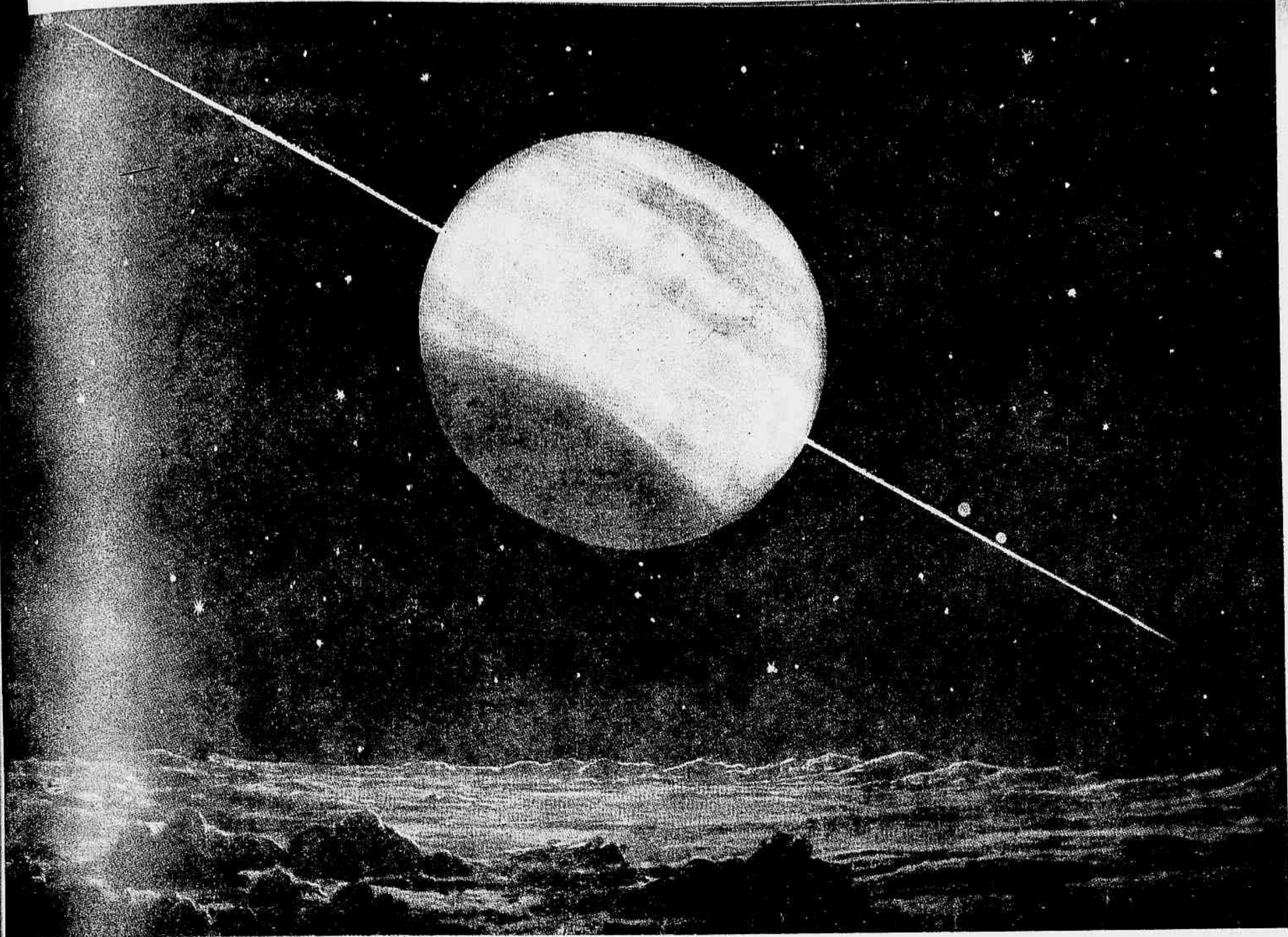
JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro ofereceu domingo ultimo, aos admiradores do turf, mais uma animada reunião, á qual compareceram elementos destacados da nossa sociedade. Como sempre, as "turwomen" cariocas concorreram para que a tarde transcorresse num ambiente de distinção e alegria, emprestando com a sua elegancia, maior brilhantismo a reunião. Nesta página estampamos alguns flagrantes colhidos durante os intervalos das carreiras ali realizadas.



N
milde
seres
de al
Etern
dido
neira
espa
que
e tri
tiosa
man
tória

A
poli
inst
ziu,
fest
enc
Noi
téri
acu
me
me
ped
Poe
cas
za
cot
os
águ
sos
cor
sof
en
Ba
de
lô
sa
F
m



ALUGA-SE UM PLANETA

N^O silêncio difuso do Infinito, o Senhor dos céus e da terra há-de lembrar-se de ter deixado, um dia, na face humilde de um mesquinho planeta, um casal de seres nus... Há seis mil anos? Há um milhão de anos? Que é o Tempo, para o Senhor da Eternidade?... O casal fez, nesse instante perdido da cronologia universal, não sei que maneira prevista pelo código divino. Anjos de espada flamívora expulsaram os pecadores, que se sentiram, então, nus como um deserto e tristes como um túmulo. E, começou, angustiosa e salpicada de sangue, a marcha da Humanidade pelos caminhos incertos da História...

★

As mãos rudes talharam a primeira pedra, poliram-na a primor, fizeram, dela, arma e instrumento de caça, defesa e ataque... Luziu, na escuridade das primeiras cavernas, a festa báquica da primeira centelha. O Fogo encaminhou o homem hirsuto à conquista da Noite — e à meditação primeira sobre os mistérios de tudo. A fera saiu do covil onde se acuara durante milênios. Cozeram-se os alimentos, fundiram-se os metais, surgiu o primeiro instrumento de sopro, gravaram-se nas pedras circunjacentes os primeiros anseios da Poesia... Não tardariam a vir os primeiros castelos, símbolos da força militar e da riqueza econômica dos burgos. Montado nos seus coturnos, o homem medievo quis a-decifrar os segredos da Natureza. Nasceu alquímia, água-mãe da mais prodigiosa ciência dos nossos dias: a Química. Buscou-se, no seio das cousas e dos elementos naturais, a pedra-filosofal. Sonhou-se vida longa, para fruir os encantos do amor e as delícias do progresso. Bacon trouxe, para a monotonia da Média Idade, o ânimo pesquisador de Lucrécio. Apolônio de Tiana renasceu sob a capa misteriosa de Erasmo, de Roterdão... Os santos, com Francisco de Assis à frente concitaram as multidões a olhar para o Céu. Os mais belos

"O professor Tikhov, da Academia de Ciências de Moscou, astrônomo eminente, descobriu que a vegetação de Marte é mui semelhante à da Terra, devendo, pois, os visitantes porvindouros do planeta, encontrar, ali, árvores estioladas".

Dos jornais.

templos da Cristandade nasceram desse clima de angústias, esperanças e dores que caracteriza a transição entre a remota antiguidade e os tempos modernos. O Renascimento foi um clarão — mas a Idade Média não era uma treva... Quando muito, transmutou-se a manhã difusa em dia claro. E, à medida que caminhava, a Humanidade sentia saudades do tempo em que só tinha dois ofícios: rezar e trabalhar. Vieram as reivindicações cíclicas: a Magna Carta, na Inglaterra, a Grande Revolução, na França. Muito antes, ainda nos esplendor do Império Romano, os escravos tinham tentado revoltar-se, mas viram afogado em sangue o seu sonho liberal. E apareceu, em certo ponto do Mundo, um homem que sabia multiplicar os livros. Guttenberg rasga para o humanidade do Renascimento os panoramas intermináveis da inteligência. A bússola permite multiplicarem-se os continentes. A pólvora, diabólica invenção de um frade, põe asas aos exércitos e desmoraliza a fama de inexpugnabilidade dos castelos. Começa o caso dos reis e surge, definitivamente, o esplendor do novo soberano: o Povo. Quantos séculos rolaram no abismo das idades até chegarmos a Pasteur, Edison e Bequerel?...

★

O descobrimento de certas virtudes micríficas existentes no urânio é o começo da Idade Novíssima. Nem Guttenberg com a sua prensa, nem Shwartz com a sua pólvora, nem Colombo com a sua loucura genial, fizeram algo que se compare às primeiras experiências de Bequerel. Havia uma força que podia

tornar translúcidos os corpos opacos. Havia a possibilidade de se desintegrar a Matéria, que os antigos físicos e mais ilustres filósofos consideravam inatingível como um dogma e impenetrável como um desígnio divino. Outros pesquisadores vieram e, certa feita, ao terminar a maior guerra de todos os tempos, o Mundo ouviu um fragor gigantesco: era o Atomo que entrava, desintegrado, nos compendios de explosivos bélicos...

★

Vivemos, agora, perigosamente (como o queria um pensador germânico) a era atômica. A Ciência, Sansão de novo estilo, derrui as colunas de Templo. Sente-se o ruído precursor das grandes catástrofes. Como o Vesúvio, no ano 70 da cronologia cristã, os nossos festins de hoje são interrompidos pelo anúncio surdo, mas crescente, da erupção que se avizinha. Onde estão as nossas riquezas? Os nossos filhos? Os nossos sonhos? Tudo se pode fundir num caldeirão enorme, com centenas de milhões de graus de temperatura. Essa febre há-de consumir o nosso Mundo, se as mãos misericordiosas de Deus não deitarem, sobre ele, a benção que salva, a graça que faz milagres...

Já os nossos homens de ciência perscrutam o clima provável dos planetas mais vizinhos. Em Marte (atenção, senhores turistas!) a paisagem é idêntica à nossa. Há mares, montanhas, vales e alti-planos. Há abismos e cumiadas. Mas as árvores não possuem o viço das nossas árvores. Provavelmente, não há ali rosas rubicundas, nem videtas tímidas...

A turista, gentil recém-chegada ao hotel marciano, não poderá dizer ao **groom**, enquanto descalça as luvas: "**Manda vir um punhado de cravos**". Deverá contentar-se com as ervas mesquinhas de um planeta que já nasceu devastado. Porventura, o cheiro vivaz do enxofre não perturbará os idílios mais doces, na

(Continua na pág. 58)

B E R I L O N E V E S



A super-fortaleza B-29 (à esquerda), que se incumbiu de jogar a bomba sobre o atoll de Bikini. Seus pilotos estavam dispostos a todas as consequências. A bomba deflagrou agora, pelo processo submarino, obedeceu apenas a um calcar de botão feito à distância. — O submarino (à direita), no estado em que foi encontrado depois da primeira explosão de Bikini. O "Apagon" foi novamente experimentado, na prova submarina, quando, ao que parece, as consequências foram mais pronunciadamente devastadoras.

A BOMBA SUBMARINA



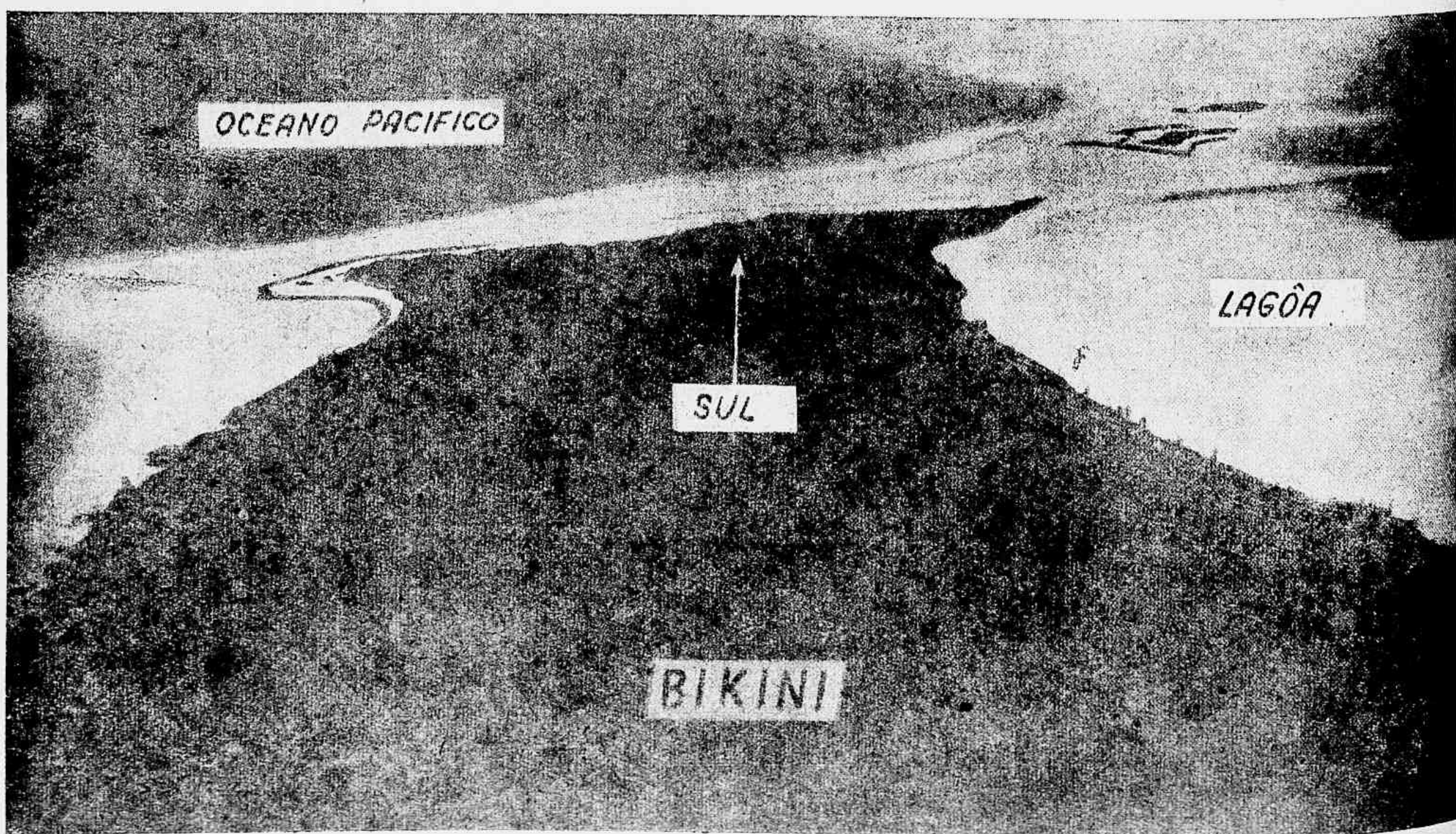
QUANDO redigimos esta nota, começa a conhecer-se toda a extensão dos efeitos da grande explosão submarina de Bikini, "provavelmente a maior força já libertada pela mão do homem", pois que a bomba atômica n.º 5 foi a mais poderosa de todas. Segundo as agências telegráficas, a explosão afundou o "Arkansas", de 28.000 toneladas, o porta-aviões "Saratoga", de 33.000, três unidades de desembarque e cinco submarinos. O couraçado "Nagato", o destroyer "Hughes" e um transporte, mal se aguentavam com os danos sofridos.

A explosão foi alguma coisa de fenomenal. Levantou enorme coluna d'água, a 17.000 metros, e subsequente coluna de gás e vapor a uns 3.000 metros. A coluna de água media uns 700 metros de diâmetro na base, sendo bem mais larga ao alto. A grande onda formada, desfêz-se rapidamente, e media apenas dois a três metros de altura, quando rebentou na praia de Bikini. Não inundou a praia, mas submergiu uma ilhota próxima.

Os navios fora da lagôa, à primeira impressão não estavam afetados. Não houve maremoto nem outro fenômeno. O efeito da explosão foi assim estritamente local. Não se registaram incêndios nos navios, nem fogo sobre a água: sobre esta, ficou apenas uma grande mancha de óleo, aparentemente do "Arkansas". A radioatividade foi maior que na experiência anterior; crê-se que isso é devido aos navios alvos terem sido inundados com água, espumas e nuvens de vapor contaminadas. Essa nuvem era ainda visível, muitas horas depois da explosão, desfazendo-se no horizonte.

As correntes marinhas e o vento difundiram a radioatividade na água rapidamente. Barcos controlados pelo rádio fizeram reconhecimento entre os navios alvos, e recolheram amostras da água. O curso dos acontecimentos foi fielmente observado do espaço, e o serviço de radioatividade norte-americano fez experiências notáveis que só o tempo esclarecerá.

Carneiros levados especialmente da Califórnia (à esquerda), para as provas decisivas de Bikini. Alguns resistiram à primeira, mas ficaram condenados para a seguinte. — Em baixo, um aspecto em conjunto do local das operações, vendo-se à direita, a lagôa, em cuja profundidade foi colocada a bomba atômica, tendo nas imediações, dezenas de vasos de guerra de todos os tipos.



Dentro do largo círculo de ação da terrível arma, na experiência do deserto vasto de New Mexico, havia uma árvore. Com a explosão, desapareceu toda a vida microbiana e vegetal, que medrava nesse ponto. Toda a matéria foi transformada em energia e desapareceu...

A explosão teve lugar com toda a precisão, ao mesmo tempo que os técnicos tomavam todas as precauções. Por pouco, uma patrulha de tripulantes de um dos navios não era sacrificada, saltando-se providencialmente, porque a distancia foi observado, do navio-chefe, não estar um dos navios com as bandeiras da "senha" de "ninguém a bordo", convenientemente desfraldadas.

Em face do êxito da experiência, acredita-se que desde logo os grandes vasos de guerra venham a ser condenados. Menor numero de navios de ataque, e maior quantidade de destróyers e aeroplanos para a difusão das bombas atômicas em caso de guerra, êis o que parecem aconselhar os técnicos.

Outras questiunculas surgem em consequência: A proposta dos EE.UU. para o controle global da energia atômica, incluindo a oferta de destruir seu estoque de bombas e partilhar o segredo, desde que se criassem salvaguardas que teriam de implicar no abandono do veto pelas cinco grandes potencias, foi rejeitada pela Russia. E a discussão continua, em Nova-York, em Londres, em Moscou, onde quer que se regem os destinos da Humanidade, agora correndo o risco mais esse perigo mortal, em guerras vindouras.

Uma das torres massiças, solidamente construidas como ponto de observação, onde foram colocados importantes instrumentos de precisão e camaras fotograficas, para colher os flagrantes que o cinema dentro de poucos dias estará exibindo aqui mesmo no Rio.



A SEMANA EM REVISTA

QUEM GANHOU A GUERRA?



Agora que tanto se fala na absorção de novas legiões de imigrantes é mais que nunca oportuno pedir a atenção das autoridades para o máximo cuidado que deve presidir à escolha daqueles que vamos receber e abrigar e a quem vamos dar oportunidade de iniciar uma vida nova, depois da catástrofe que se abateu sobre o mundo.

Sobretudo, porque o recente e lamentável incidente que teve por teatro o Palácio dos Campos Elíseos em São Paulo, é mais do que suficiente para alertar de uma vez por todas as consciências adormecidas em face do enorme perigo que representam os quistos raciais encaixados no organismo do país, principalmente o de uma raça intelectualmente emperrada no seu fanatismo idiota como o são os japoneses.

De algum tempo a esta parte, os amarelos têm posto em prática verdadeira campanha de terror entre os seus patrícios que, mais esclarecidos e já desvenilhados dos preconceitos e da mística de invencibilidade do Japão, aceitaram a realidade da derrota do outro arrogante Império do Sol Nascente.

Desafiando audaciosamente a vigilância e a ação repressiva das autoridades passaram os nipônicos fanáticos das ameaças para o terreno dos assassinatos premeditados com astúcia e friamente executados.

Mas há um episódio mais constrangedor ainda desses acontecimentos comprometedores da dignidade nacional afetada pelo policiamento espúrio de uma legião de terroristas: é aquele que referimos acima e que se passou no Palácio dos Campos Elíseos. Adotando uma atitude de generosidade inexplicável para com os assassinos da Shindo Remmey, o interventor paulista concedeu-os para uma audiência na qual, como se estivesse tratando com homens dignos, procurou explicar-lhes que o Japão de fato foi derrotado. Isto em vez de metê-los no porão de um navio e mandá-los para ver as ruínas de Hiroshima e Nagasaki onde teriam uma explicação mais convincente.

Pois os audaciosos japoneses promoveram uma reviravolta na situação e terminaram impondo ao chefe do governo da mais importante unidade da Federação condições vergonhosas para a nossa condição de membro das Nações Unidas. Conseguiram nada menos que a proibição de referir-se a imprensa ao Japão mencionando as expressões "derrota" e "rendição incondicional".

Que dirão dos brasileiros os americanos e franceses que ombream com os nossos soldados, combatendo os nazistas? Que juízo formularão os ingleses e russos diante do ocorrido? Afinal, valeu ou não valeu a tomada de Berlim? E o destile da vitória em Londres terá sido um espetáculo somente "para inglês ver"?

São estas as tristes interrogações que nos acodem para comentar a inteligência ocorrência. Enfim, quem ganhou a guerra: os "pracinhas" desempregados ou os amarelos atrevidos?

UM DITADOR MORRE DE CUÉCAS



O mundo se organiza em bases democráticas, depois de uma guerra cruenta em que parte da humanidade sofreu as piores provações e toda ela, de um modo geral, foi afetada. Criou-se um clima dentro do qual não devem vicejar os regimes apoiados na força, com o sacrifício dos mais sagrados direitos do cidadão, conquistados pelo labor intelectual e assegurados pela decisão das armas; inaugurou-se uma nova fase na vida dos povos, na qual prevalecem opiniões e vontades até ontem esquecidas e inconsideradas num clima de restrições que comprometiam seriamente os chamados regimes democráticos; vozes até então caladas à força de violências já se fazem ouvir e dizem alto e de bom som quais as suas aspirações.

Os trabalhistas ingleses ocupam o poder arrancado aos conservadores pela decisão do voto popular; na Polônia instala-se um governo apoiado na vontade coletiva; na Iugoslávia e na Checoslováquia sucede a mesma transformação. Embora com as inevitáveis restrições e recuos aqui e ali, a humanidade reconquista as liberdades de manifestar as suas idéias, da palavra escrita e falada, de reunião, de não ter medo, de não passar fome, enfim,

as quatro liberdades pregadas e defendidas por esse grande sustentáculo da democracia que foi Franklin Roosevelt.

Ao contacto desse sopro renovador, os bolivianos sentiram que era chegada a sua vez. Não fôra mais admissível que continuassem a viver oprimidos num mundo que se liberta. A pressão interior crescera até comprometer a segurança do invólucro policial que sustentava o tirano Villaroel. E um dia estourou e ruuiu como um castelo sem alicerces a estrutura do governo tipicamente fascista da Bolívia. Muitos patriotas pagaram com o seu sangue o preço da libertação do seu povo. Mas valeu o sacrifício porque se instaurou em La Paz um governo de base popular.

Villaroel, como todos os tiranos, era um covarde. À última hora escondeu-se e tentou fugir, dizem os telegramas. Não teve a coragem de morrer, surpreendido como foi, em trajes menores.

A sua herança foi trágica, guardadas as proporções, a mesma que Hitler deixou ao mundo. Corpos cremados, ossadas humanas escondidas em grandes valas comuns, miséria, desolação e terror.

Tudo isto, obra de um homem que morreu de cuécas, por detrás de um espelho, sem guardar a dignidade de homem, o que não tivera a de chefe de Estado.

Tudo tão coerente: tirania, violências, covardias, cuécas, (sempre as cuécas...) Que triste fim, meu Deus!

BOM NEGÓCIO



Advinhe o leitor de que se trata. Por enquanto, adiantamos que é um negócio da China... Não. Não se trata do financiamento do algodão, cujas responsabilidades foram definidas sem a punição dos culpados. Também não é o mercado negro da banha. Qual! O açúcar vai subir? Nada disso. Não nos referimos a um novo caso Dahne & Conceição nem tampouco aos escândalos do leite, da manteiga e outras comidas.

O bom negócio que sugerimos ao leitor, embora não seja uma novidade, pois a Municipalidade o está pondo em prática, é o de compra e venda de dois produtos, transação que oferece enormes possibilidades ao emprego de capital.

Bem, já é tempo de entrar de rijo no assunto. O artigo a vender é rua. Rua, pura e simplesmente. É um produto de fácil colocação no mercado, dispensando os gastos de propaganda e as comissões aos corretores. Garantimos que a procura é enorme. Imagine-se que fila de compradores não se formaria para comprar a avenida Central, a avenida Atlântica ou a Praça Mauá. É negócio mais rendoso do que o imposto de educação e saúde que passou de 40 para 80 centavos.

— Mas não se pode vender uma rua. Quem já ouviu falar em semelhante transação?

— Não se pode? Pois sim... E o que foi que a Prefeitura fez com a rua do Propósito, na Gambôa? Vendeu-a por 470 contos à Standar Oil que já lhe oferecera, há anos, 2 milhões de cruzeiros pela mesma mercadoria... (E note-se que a rua do Propósito é passagem obrigatória para milhares de moradores naquela zona.)

E agora, vamos ao outro aspecto do negócio. Vendendo ruas o leitor poderá juntar uns bons cobres que não aconselhamos depositar nos bancos. A inflação não aconselha. Muito melhor é comprar "maillots" como o fez, igualmente, a nossa prestimosa conselheira comercial, a Prefeitura.

— "Maillots"? E o Metro? E o calçamento da zona norte? E os problemas econômicos do sertão carioca?

— Ah! Essas cousas custam muito dinheiro. Só o Metro custaria um milhão de contos. É mais aconselhável comprar "maillots" e calções de banho. Vendendo a rua do Propósito, a Municipalidade recolheu 470 mil cruzeiros, dos quais gastou apenas a ninharia de 2.990,00 comprando roupas de banho para os visitantes ilustres da ilha de Brecoió, conforme declarou o engenheiro Julião Castelo, administrador dos Parques da Prefeitura.

É ou não um negócio de grandes possibilidades? Só não podemos garantir é que essa "sopa" dure muito tempo...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 31 := 3-8-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Press" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos editados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

LITERATURA

Aluga-se um planeta (Berilo Neves)	3
A Rosa Imarcescível (Escragnolle Doria)	18
O tempo retrocede (John Dickson Car)	19
A mulatinha do rancho (Thereza Almeida)	34
Livros Novos (João Luso)	35
A Volta (J. D. Car)	45

REPORTAGENS

A bomba submarina	4/5
Nossos amigos — os irracionais	8/15
A França de Ultra-Mar	42/43
Figuras e Fatos	44

SECÇÕES

A semana em Revista	6
Rádio	17
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	38/39
Artes Plasticas	46
Música	53

HUMORISMO

De Bom Humor	22
Encapelação (Raul)	52

FEMININAS

Para as grandes ocasiões	28/29
Três novos modelos	32/33
Lã e Peles	40
Estampados	41
Luvas, rendas e plumas	47
Para mocinhas	48
Tailleurs	49
Trabalhos Manuais	50

CURIOSIDADES

Vitrais	20/21
Nasce uma bailarina	30/31
Alcoviteiros ilustres	51

TEATRO

"Avatar"	23/26
----------------	-------

NOSSA CAPA



Uma autêntica bailarina, que de Oklahoma surgiu para novos e amplos horizontes, participando do "ballet" russo de Chicago e pronta a aparecer, em futuro próximo, nos filmes de Hollywood, ocupa a capa deste número. Chama-se Milada Miladova e está procedida de referências muito lisongeiros da crítica especializada. Damos neste numero, na página dupla central, outros interessantes flagrantes fotográficos e pôses de miss Mladova.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de ma-

térias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**



MENAGOL
REGULA!



Os grandes concursos literarios da "Revista"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados à 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, esses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (doze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR \$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuídas entre esses srs.: Daniel Rocha (Club Ginástico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Críticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR \$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginástico Português.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

O PINCE-NEZ DE OURO

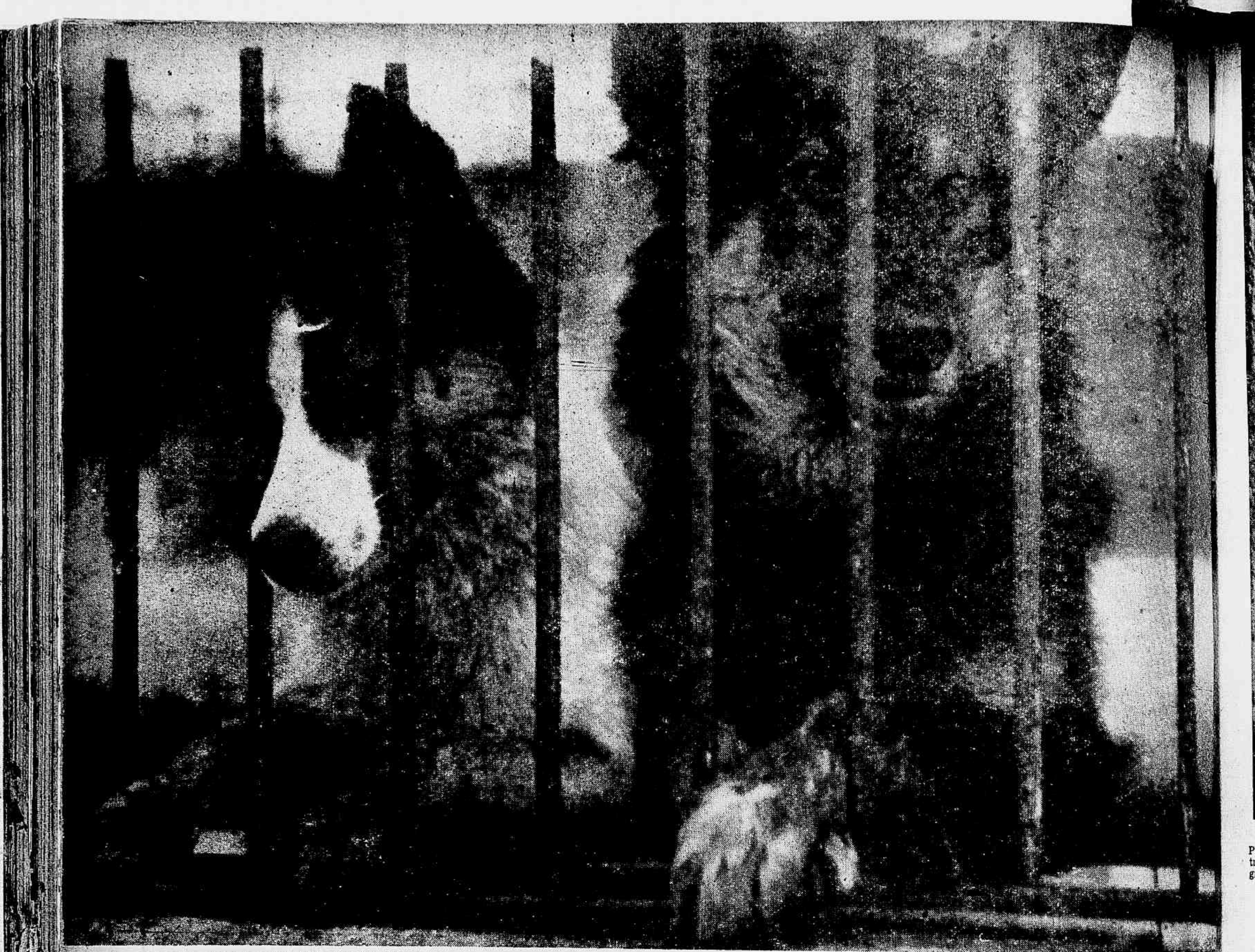
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓCIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

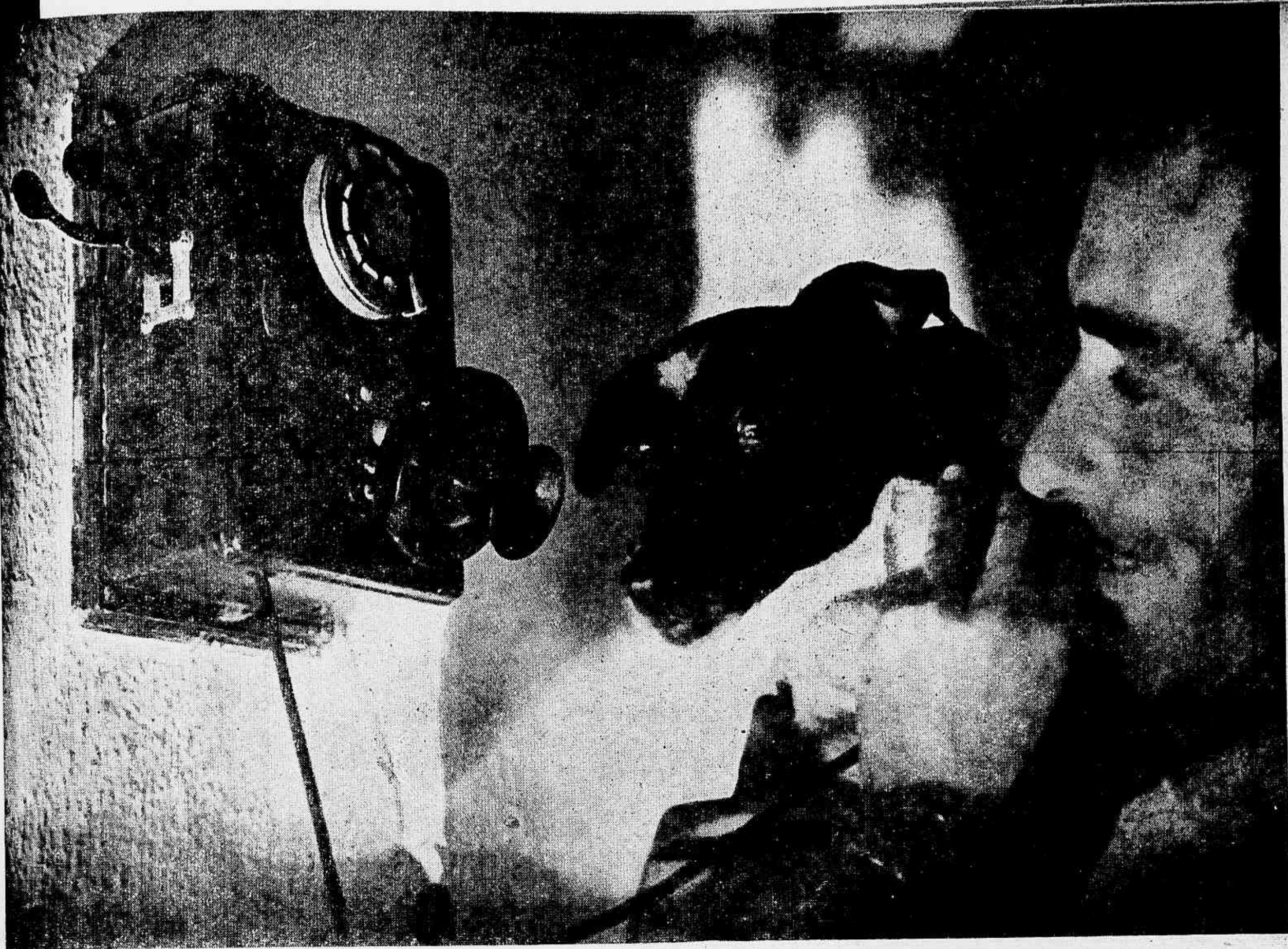


PI
tr
gr



A
M
H

A
ex
te



PROCURA-SE UM DONO PARA ESTES DESPRESADOS — Na SUIPA, (Sociedade União Internacional de Proteção Aos Animais, cachorros e gatos são recolhidos diariamente, tratados e alimentados. Se o dono não o for buscar eles são doados a pessoas que se interessem realmente pela sua sorte. Do contrário, lá permanecem indefinidamente. Na gravura acima, por exemplo, a veterana da casa, com oito anos de pensionato, atende a um telefonema. Mas não foi ainda "a voz do seu dono" que ela ouviu. Foi um chamado equivoco... Ao lado, outros dois flagrantes apanhados na SUIPA.

NOSSOS AMIGOS, OS IRRACIONAIS

A SOCIEDADE DE PROTEÇÃO AOS ANIMAIS E O HOSPITAL VETERINARIO DA PREFEITURA — HOMENS E CACHORROS: OS MESMOS DESTINOS NA VIDA E NA MORTE — A TRAGÉDIA DO VIRA-LATA E A BÓIA VIDA DO "LULU" GRANFINO — AINDA HÁ QUEM DESPREZE AS VACAS... — 15 DIAS QUE SEPARAM UM CACHORRO DA ELETROCUÇÃO — "AS LAGRIMAS SECA- RAM MAS A SAUDADE PERDURA"

AINDA HA' QUEM ABANDONE AS VACAS — Esta, por exemplo, recolhida pelo "rapa" municipal ao Hospital Veterinário, aguarda impassivelmente o seu dono. Se ele não vier, entrará em leilão e mudará de residência.

"No seu olhar tão languido e tão doce
Havia um quer que fosse
De íntimo desgosto."

PRETINHA — Também pensionista da SUIPA, foi apanhada em lastimáveis condições físicas, atropelada e faminta como um autêntico vira-lata. Mas na avenida Suburbana 1779 encontrou afinal um lar, coisa que muito pai de família não consegue.

Assim começa o sentido poema de Guerra Junqueiro, "O Fiel", em que o bardo português retratou com tanta felicidade o sentimento imperecível de fidelidade que une o cão ao seu dono.

Se bem que outros sentimentos, nos animais, sejam mais gratos à consideração do que o servilismo do cachorro, o episódio narrado pelo poeta, entre o Fiel e o seu ingrato dono, o pintor, valeu à raça canina uma verdadeira consagração.

Não sabemos de quando datam as primeiras sociedades de proteção aos animais mas temos que depois do poema de Guerra Junqueiro, os homens voltaram-se com mais carinho para os seus verdadeiros e dedicados amigos.

Na guerra que terminou há um ano os animais demonstraram, e principalmente os cachorros, o seu alto grau de utilidade e o quanto os homens precisam deles, cada vez que inventam novas máquinas. Os pombos continuam servindo de correio, apesar do telégrafo sem fio e dos aviões de 800 quilômetros por hora; outros pássaros ainda são verdadeiras antenas para suprir o deficiente olfato do homem, registrando antes de qualquer aparelho de precisão os primeiros sinais da presença de gases mortíferos; os cães são empregados, ora como estafetas nas perigosas linhas de frente, como guias de homens





UM ATENTADO A DIGNIDADE CANINA — Esta gravura, que encontramos em nosso arquivo, é de algum inimigo dos cachorros. O pintor satírico emprestou aos nossos prestimosos e fiéis amigos sentimentos que são privativos dos homens, tal como a paixão pelo jogo estampada nestas faces contraídas e principalmente a trapaça, o jogo desleal, a mentira. Veja, caro leitor, se esse "bull-dog" de charuto, em primeiro plano, passando sorrateiramente um ás ao companheiro, não está assumindo uma autêntica atitude do vaidoso e viciado "homo sapiens"...

que perderam a visão no horror da catástrofe; para socorrer os sentinelas ameaçados pelo inimigo, e muitas outras incumbências que a limitação das possibilidades físicas do homem conduziria a um verdadeiro fracasso.

Os animais continuam, pois, apesar de todas as conquistas da civilização da máquina, da eletricidade, e da conquista da energia atômica, a ser os mais dedicados servidores do

DESCANSANDO A SEXTA — Num dos pátios da Sociedade de Proteção aos Animais, o gato, outrora faminto e esquelético, descansa à sesta, após a refeição farta, numa confortável cadeira de vime. E ainda dizem que a vida está difícil...



seu irmão racional, o cabotino e vaidoso "homo sapiens".

OS MESMOS DESTINOS

A pesar de não se preocuparem com os problemas que afetam tão duramente a existência humana, os irracionais têm destinos semelhantes. Talvez por influxo da convivência...

O certo é que os cães, os gatos, os cavalos os burros (os quadrúpedes) e os outros estão, como os homens, separados por profundas diferenças... sociais, digamos para empregar o termo tão atual.

Há o cachorro de Copacabana, com casa, comida e condução garantidas, sem a preocupação da fila, fechando os olhos ao preço proibitivo da carne e do leite, dormindo em colchão macio, frequentando o... salão de beleza uma vez por semana, desafiando o frio com um capote de lã e gosando da companhia de granfinas igualmente bem nutridas e de grande sucesso no "foot-ing" das 5 da tarde. Esse cachorro tem geralmente um nome carinhoso (atualmente os nomes são de preferência em inglês), tem conta na farmácia e nem corre o risco de tomar remédios falsificados porque a Mary, a Lúcia, a Helen ou a Madame cuidam de mandar preparar os seus remédios por um especialista de nomeada.

E na pista desse cão granfino, há o gato de estimação gosando de todo o conforto do "living", de barriga cheia, lavado, perfumado e penteado que faria inveja a milhões de criaturas deste mundo desigual.

E o cavalo? Que dizem de um cavalo de corrida que toma o leite roubado às crianças e a Monteiro Lobato, come aveia, e lancha de goiabada com queijo, dormindo em baias asseadas, tomando banho todo santo dia, dispondo de assistência médica, com o futuro garantido nos aplausos que recebe a cada semana?

No entanto, leitor, tal como sucede entre os homens, há irracionais que vivem tal qual os

lavradores do interior do país, sem nenhum conforto, com uma ração escassa, dormindo mal e trabalhando como um burro... Sim, há irracionais que são verdadeiros burros, tanto quanto os outros, talvez...

A TRAGÉDIA DO VIRA-LATA

Quanta significação humana não terá a existência de um pobre vira-lata, mendigando da

A HORA DA "BOIA" — Essa hora que é para muitas criaturas uma hora de tristeza, precisamente porque não existe aquilo que o estômago reclama, para os cães da SUIPA significa um almoço lauto de carne desfiada que a casa adquire alguns e os restaurantes dão de graça.



manhã
fome im
verno ri
mãos de
vem os
abandon
e por le
lhado?

E qu
outros t
dia de v
infeliz
ria pel
e o lixe
ranças
nhadas
o cosin
os pont
fronta-
vessar
que nã
do. Tr
gada e
pelo ca
mens q
deles m

AINI

Enfin
pobre
Suburb
que nã
gue, ap
com cu
O no
dades
ro" qu
bens e

A S

Inter
dizer
SUIPA
nacion

Des
seu no
foi fu
União
tulo m
mesm
aband

Fun
SUIPA
rar os
da sor
mento
que p
cruzei
tes de
a Soc
ciados

O a
85.100
porta
resum
des e
Há
acent
de al
note-
dem
ment

U

Ap
mais,

os qu
Aquê
a cab
preen
quer
na fil

manhã à onite um ossinho para enganar a fome implacável? E durante as noites de inverno rigoroso, não lembram esses párias irmãos de Rin-Tin-Tin as condições em que vivem os infelizes moradores das favelas, ou os abandonados da sorte que têm por teto o céu e por leito as lages frias de um passeio molhado?

E quando vem a manhã que para tantos outros tem a significação radiosa de um novo dia de venturas, o vira-lata, como o seu irmão infeliz da categoria dos racionais, só vê miséria pela frente. Logo cedo, upa! acordou tarde e o lixo já passou, levando as únicas esperanças de um almoço frugal. Depois, as caminhadas fatigantes em busca de um jantar que o cosinheiro do restaurante não guardou. E os pontapés? Enfim, em dado momento de fronta-se com uma possibilidade. Mas ao atravessar a rua, o fez tão castigado pela fome que não viu o bruto caminhão se aproximando. Três costelas partidas, uma pata esmagada e o sangue, o pouco que lhe resta, corre pelo calçamento ante a indiferença dos homens que também são indiferentes à desgraça deles mesmos.

AINDA HÁ QUEM SE LEMBRE DOS ANIMAIS

Enfim, um cristão condeou-se da sorte do pobre vira-lata e telefonou para a avenida Suburbana, n.º 1779. E quando ele pensou que não sairia mais vivo daquela poça de sangue, aparece um carro e um cidadão o apanha com cuidado e o leva.

O nosso herói tem agora novas possibilidades de recomeçar a vida, a "vida de cachorro" que lhe coube na discutida partilha dos bens e dos sofrimentos.

A SOCIEDADE DE PROTEÇÃO AOS ANIMAIS

Interrompemos a história do vira-lata para dizer ao leitor alguma coisa a respeito da SUIPA, por extenso Sociedade União Internacional de Proteção aos Animais.

Destinada à finalidade que se contém no seu nome, a SUIPA existe desde 1931, quando foi fundada com denominação de Sociedade União Infantil Protetora dos Animais. O título mudou um pouco mas a finalidade é a mesma: proteção e assistência aos animais abandonados.

Fundada em 1931, vem desde então a SUIPA realizando a obra de recolher e amparar os animais abandonados, os deserdados da sorte, valendo-se para isso dos bons sentimentos de um grupo numeroso de associados que pagam uma mensalidade mínima de 3 cruzeiros e de donativos além de outras fontes de renda menos constantes. Atualmente, a Sociedade conta com cerca de mil associados.

23.047,20 DE ALIMENTAÇÃO

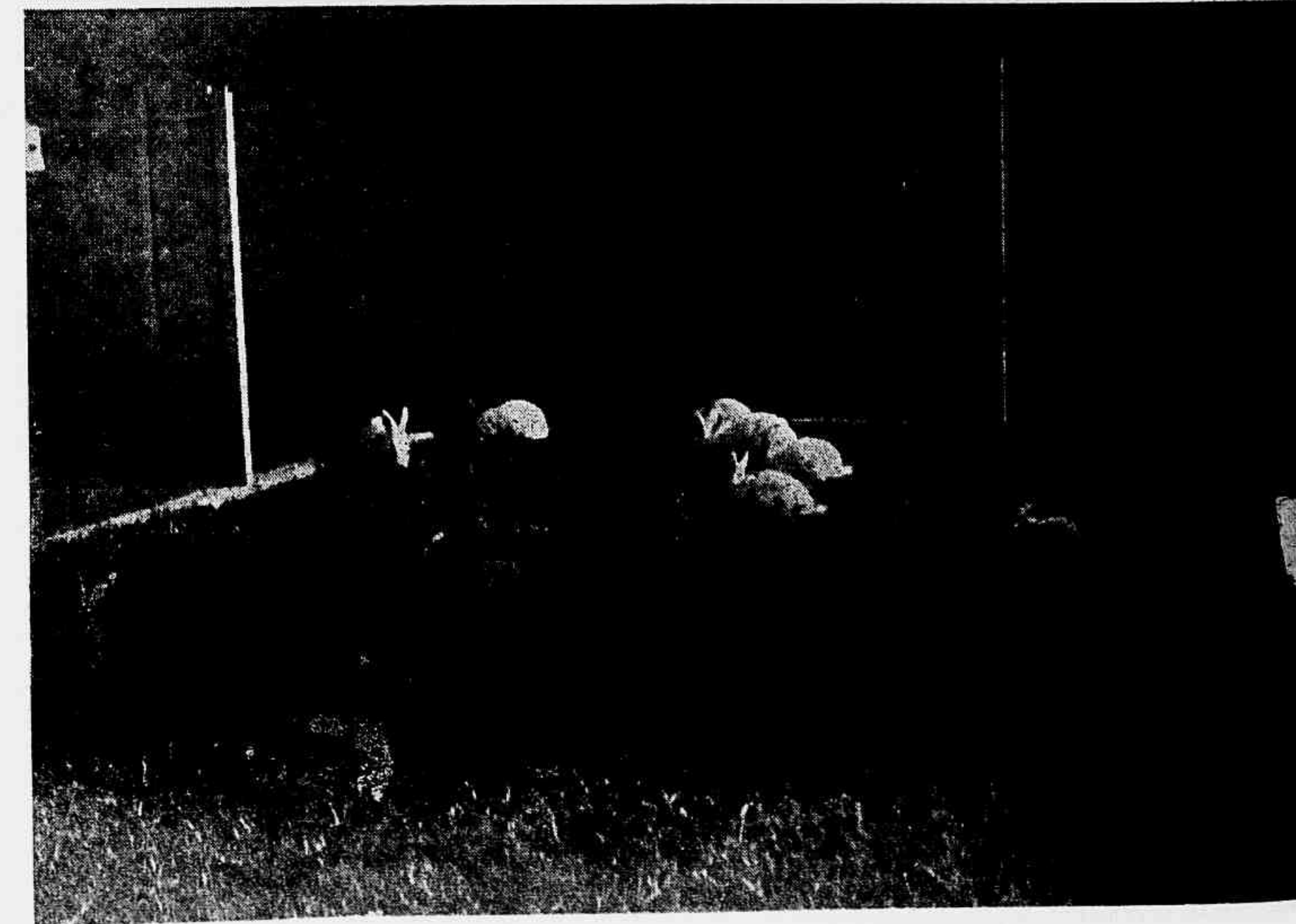
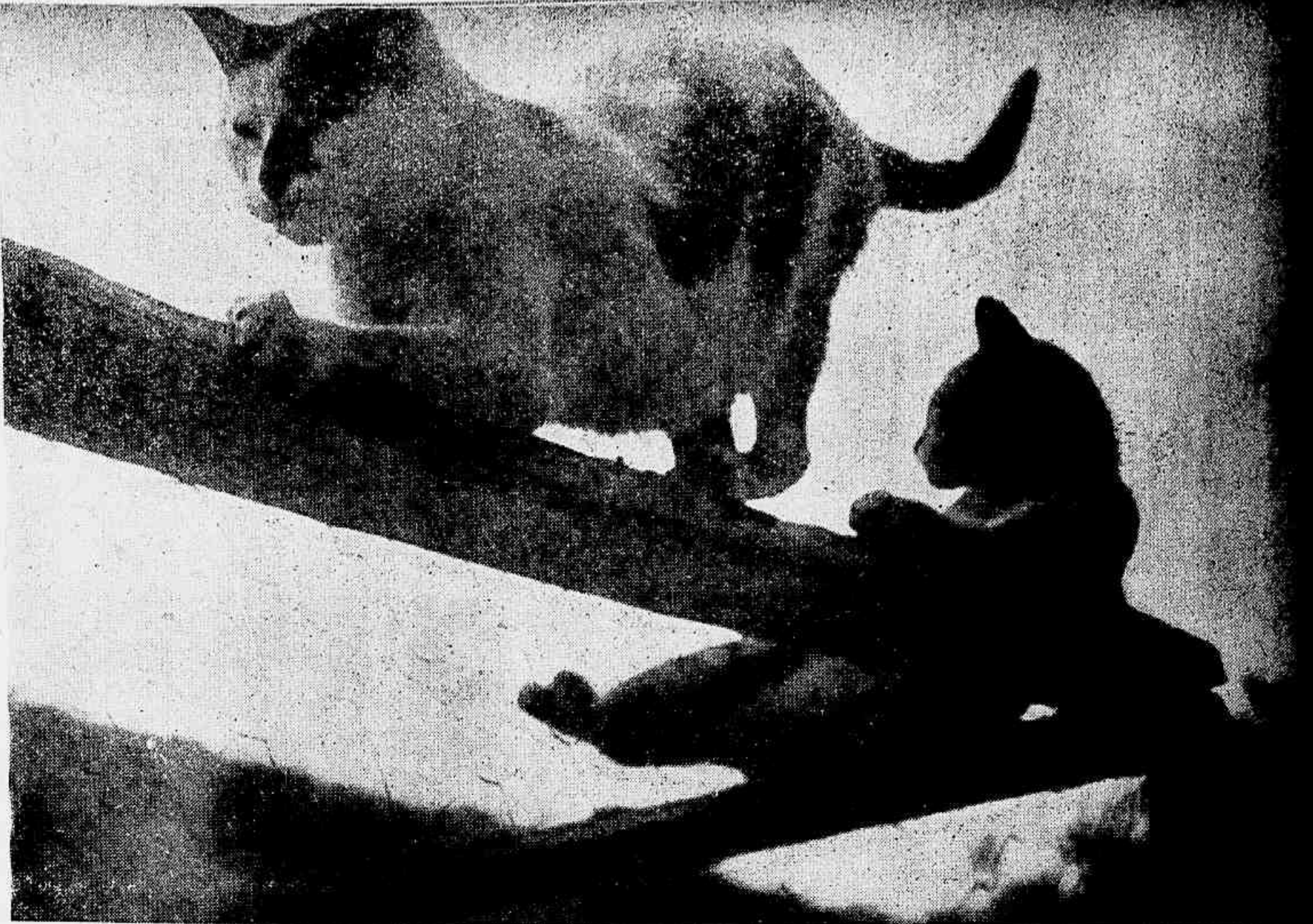
O ano passado, a receita elevou-se a 85.100,40, sendo a despesa de 71.567,10. Houve portanto um saldo de 13.533,30. É este, um resumo, o movimento de um ano de atividades expresso em números.

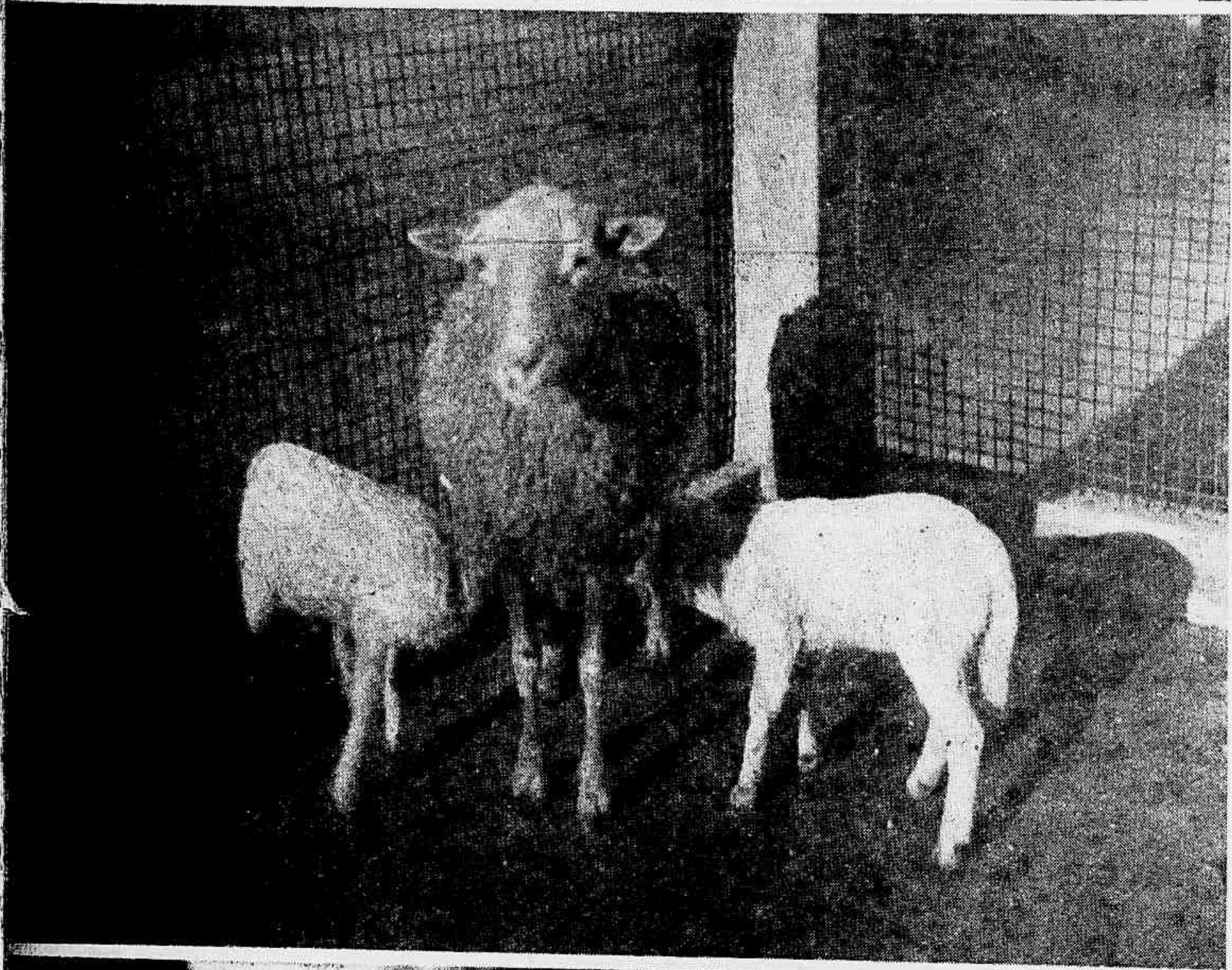
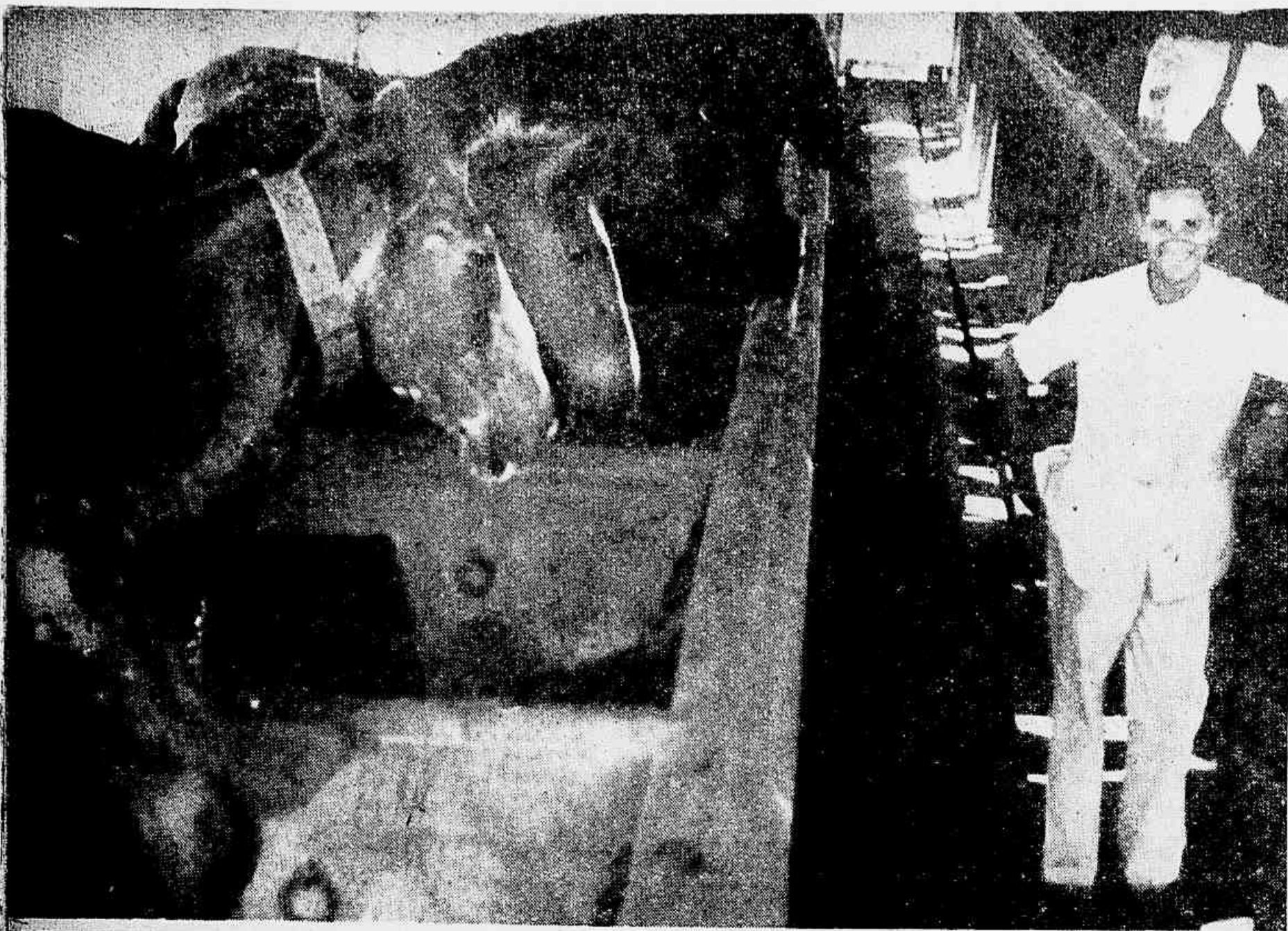
Há uma parcela, todavia, que desejamos acentuar. É a que diz respeito às despesas de alimentação que foram de 23.047,20. E note-se que vários hotéis e restaurantes cedem os restos de comida à SUIPA, para alimentar os seus cães e gatos.

UMA VISITA AOS PENSIONISTAS

Apezar de chamar-se de proteção aos animais, a verdade é que a totalidade dos hóspedes

OS QUE NÃO ENTRAM NA FILA DO APARTAMENTO — Aquêles gatos brincando no corredor de sua casa na SUIPA, a cabra que se vê logo abaixo, sem demonstrar maiores preocupações pela vida e os coelhos, sempre roendo qualquer coisa que lhe caia entre os dentes, estes não entram na fila do apartamento. Têm casa, comida e condução.





des da Sociedade é de cães e gatos. Estes são, de preferência, as vítimas do abandono.

Fizemos uma visita à SUIPA. Os poucos empregados que a Sociedade mantém (porque não há recursos para ter o corpo de funcionários que seriam necessário) trabalham com uma dedicação exemplar. No momento, preparava-se a refeição da tarde, além de um curativo que não pudera ser feito pela manhã. E separados em diversos compartimentos, ou passeando pelo pátio, ou dormindo à sesta, e ainda protestando contra o tratamento (alguns recém-chegados), cachorros e gatos de todos os tipos: grandes e pequenos, magros e gordos, plebeus ou de origem nobre, robustos ou doentes, enfim uma cachorrada e uma gataria sem fim.

O sr. Osvaldo vai-nos mostrando alguns exemplares dignos de atenção: uma cadela veterana, com oito anos de casa, um outro, meio brigão que ainda não se acostumou com a vida em comum, um gato que come tranquilamente junto aos cachorros e assim por diante.

Em tudo se percebe um esforço tremendo para suprir as deficiências inevitáveis de uma organização particular que não recebe nenhuma subvenção oficial.

Mesmo assim, são atendidos de 3 a 4 animais por dia, havendo atualmente, nas diversas dependências da casa, cerca de 150 exemplares.

A Sociedade de Proteção aos Animais realiza assim, dentro das suas modestas possibilidades, uma obra de piedade para com os nossos pobres e infelizes irmãos irracionais abandonados. E eles merecem. Não são seres humanos mas dão às vezes a essa criatura vaidosa e egoísta que é o homem exemplos edificantes dos mais elevados sentimentos.

OS HÓSPEDES DA MUNICIPALIDADE

Na avenida Bartolomeu de Gusmão, 1120, nossos amigos os irracionais têm igualmente um abrigo: é o Hospital Veterinário da Prefeitura. Todavia, a organização e funcionamento assenta de preferência sobre bases científicas, não se revestindo das características de asilo dos abandonados, como no caso da SUIPA.

E' que o Hospital, como repartição pública que é, não se orienta pelos sentimentos afetivos do homem para com os animais. Destina-se à execução de um serviço complementar da higiene urbana que é livrar as vias públicas de animais provavelmente perigosos ou incômodos, cuja presença é julgada como comprometedora para os nossos fóros de metrópole civilizada. Dentro desse critério, a organização funciona admiravelmente.

Assim, os cães, gatos, cabras, cavalos e outros animais recolhidos ao Hospital são instalados confortavelmente, conforme as possibilidades orçamentárias que são incontestavelmente mais generosas do que as rendas da sociedade de que já falamos.

QUATRO VETERINARIOS PARA ALGUMAS CENTENAS DE CLIENTES

No Hospital Veterinário não há o problema de falta de trabalho, da clientela escassa que atormenta os clínicos incipientes ou incompetentes. Quatro veterinários (outrora eram oito) têm que dar conta de quanta coisa afete a saúde de centenas de animais ali recolhidos e de outros tantos que o Hospital cria e adquire, desde o minúsculo rato branco que vão servir de cobaia para as experiências de contaminação da raiva a cavalos de cujo sangue o laboratório se utiliza para a preparação de soro.

NO HOSPITAL VETERINARIO — Aclima, um aspecto das baías, vendo-se os cavalos criados para a preparação de soro. No meio, uma ovelha amamenta dois borregos bem nutridos que entrarão em leilão se o dono não os resgatar e em baixo, um flagrante da inoculação da substância nervosa de um cão suspeito, num rato branco. Se o cão estiver doente, o rato morrerá por certo. Mas muitas vidas humanas poderão salvar-se.

AINDA I

O repórter canis indolentes por peitos por pre roen com a m res maled te; os mi vítimas bodes, ca ancorada Bôa Vist

Mas o dente é nhor. N famílias provocar leite ba "rapa" E trata-s verdade do nos decidiu E' um

DOLO

Os ar dem ser uma tax Assim, devolv zeiros. mais de um sem

Nessa do estal mentais buscar pusera frontav

A DEDIC Marques

AINDA HÁ QUEM DESPREZE AS VACAS

O reporter vai olhando com interesse os canis individuais onde ficam os cachorros suspeitos portadores da moléstia, os coelhos sempre roendo qualquer cousa, usando os dentes com a mesma sofreguidão com que as mulheres maledicentes abusam da lingua irreverente; os minúsculos coelhinhos brancos, eternas vítimas da ciência, cavalos, burros, cabras, bodes, carneiros, uma verdadeira Arca de Noé ancorada ali nas proximidades da Quinta da Boa Vista.

Mas o que é extraordinariamente surpreendente é a presença de vacas. Vacas, sim senhor. Nêstes tempos bicudos em que pais de famílias ordeiros se metem em encrencas e provocam sururus por causa de meio litro de leite batisado, ainda há quem abandone ao "rapa" municipal autênticas vacas leiteiras. E trata-se do caso de um criador obstinado, um verdadeiro homem do "contra" porque segundo nos informou um funcionário, o dono já decidiu que não irá buscar as suas vacas.

E' um exemplo edificante de renúncia.

DOLOROSOS INCIDENTES SENTIMENTAIS

Os animais recolhidos ao Hospital só podem ser rehavidos mediante o pagamento de uma taxa, onerada pelo custo da permanência. Assim, o cachorro apanhado na via pública é devolvido ao dono por duzentos e poucos cruzeiros. E já houve tempo em que se cobrava mais de 600 por um cão matriculado e 900 por um sem matrícula.

Nessa época se passavam, nas dependências do estabelecimento verdadeiros dramas sentimentais. Pessoas desprovidas de recursos iam buscar o seu "Lulu" que um descuido o expusera à temível ação da carrocinha e se defrontavam com o impasse sem solução.

E' extraordinária a amizade de certas pessoas pelos cães, já que a dos seus semelhantes é enganosa e falaz. Mas não é menos verdade que desembolsar 900 cruzeiros significa a fome da mulher e dos filhos. E em tais casos, o homem coçava a cabeça, olhava piedosamente para o cãesinho que agitava a cauda com entusiasmo, argumentava, fazia cálculos, (contas inúteis, pois o orçamento não admitia mesmo aquela despesa) lançava um último olhar ao fiel amigo de tantas horas e deixava o Hospital chorando como uma criança a quem se arrebatasse o brinquedo predileto.

A ELETROCUÇÃO E O FORNO CREMATÓRIO

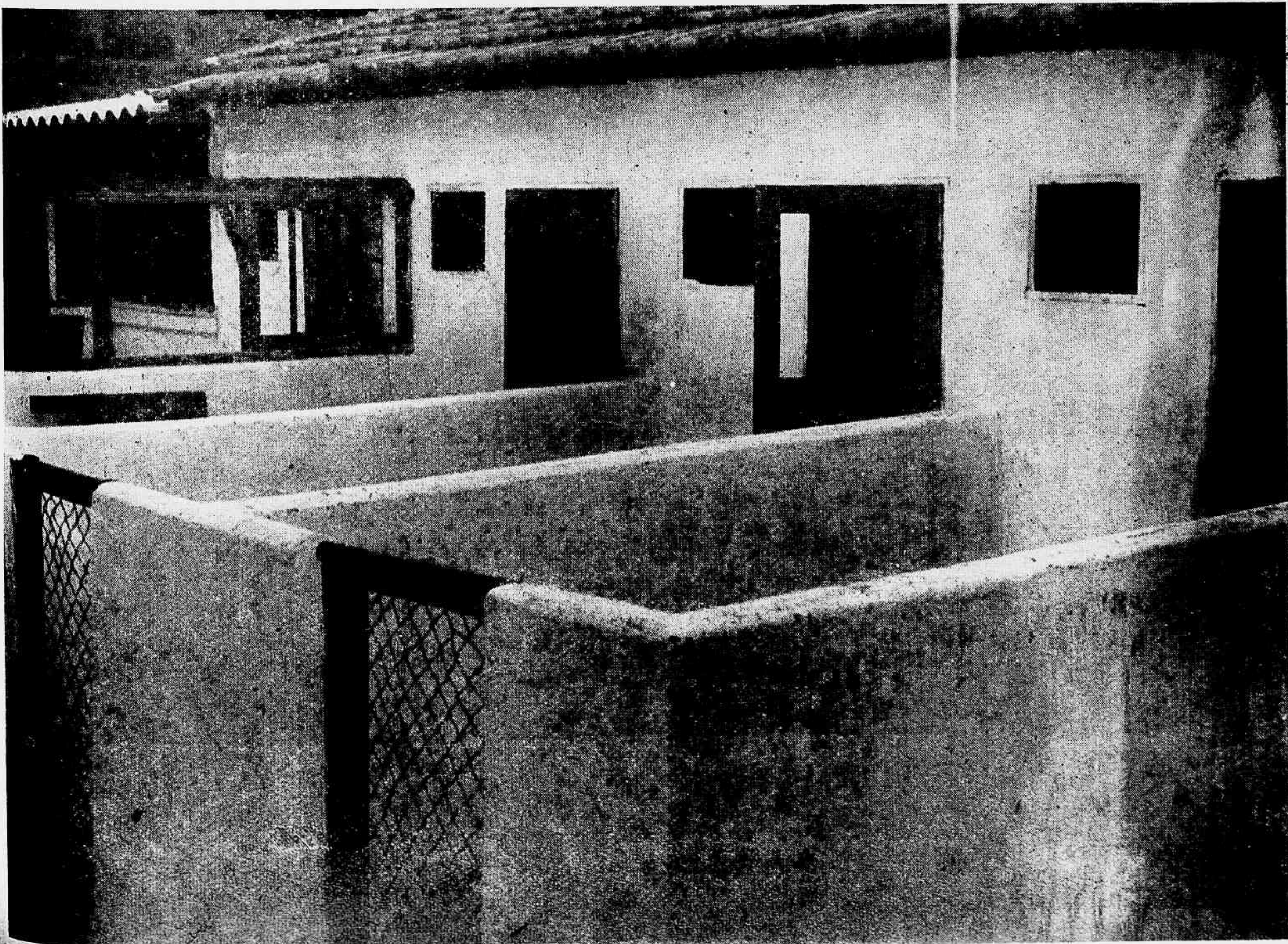
Sabia o pobre homem que o seu cãesinho tinha 15 dias de vida contados. Depois dêsse prazo, se ninguém o reclamar (pagando a taxa, é claro) ele entra num pequeno cercado de ferro e o funcionário liga a chave: 600 volts percorrem-lhe o organismo e poucos minutos depois ele está no forno crematório. Assim terminam os seus dias os cães apanhados pela carrocinha municipal. Cuidado com o seu, caro leitor. Realmente, a taxa hoje é mais acessível. Mas é sempre melhor fechar a porta do que abrir os bolsos aos cofres da Prefeitura.

"AS LÁGRIMAS SECARAM MAS A SAUDADE PERDURA"

Tal como entre os homens, os destinos dos cães são diferentes até na sepultura. Enquanto uns são reduzidos a algumas gramas de cinzas, outros têm um marco assinalar-lhe a última morada, e outros ainda, têm um autêntico mausoléu, como é o caso de Democrata, Tony e alguns outros, cujos nomes estão gravados em mármore, nas lápides bem trabalhadas do cemitério dos cachorros. As inscri-

ções, variando embora de redação, reproduzem mais ou menos o sentimento destas pa-

A DEDICADA ENFERMEIRA — Na Sociedade de Proteção Aos Animais, dispensa-se todo cuidado aos cães e gatos apreendidos. Na foto ao lado, a dedicada enfermeira Juraci Marques Cardoso e o solícito funcionário Osvaldo Gouveia preparam uma injeção que deve ser aplicada no "Lulu" que de uma hora para outra começou a rejeitar a "boia". Apesar dos poucos recursos, a SUIPA atende a uma média de 3 a 4 animais por dia. Em baixo, aspecto dos canis para os cachorros atacados de moléstias da pele.





"REVERTERE AD LOCUM TUUM" — Aqui está o cemitério dos cachorros nos fundos do Hospital Veterinário. Mas a lágrima tem sido derramada sobre estas sepulturas há muito tempo, pois os donos mortais de alguns dos mais autênticos amigos que o homem encontrou sobre a terra. As pedras indicam o nome e as datas. Não há outras lápides, com inscrições em mármore. Porém a morte é a mesma, imprecável para todos.

lavras: "As lágrimas secaram mas a saudade perdura".

Para enterrar o seu cão, o leitor terá de pagar taxa mínima para todos os casos. Afora essa despesa, e de acordo com a amizade e os recursos da bolsa, poderá constituir o mais custoso mausoléu.

ROMARIA AO TUMULO DO "FIEL"

De vez em quando, informa-nos o solícito funcionário Heitor Raposo, há aqui verdadeiras romarias. Homens que na voragem destes dias cheios de apreensões, acossados por sugestões de toda sorte, solicitados por mil e um problemas, deixam lá um dia os seus negócios e vão recordar, em alguns minutos de contemplação frente ao túmulo do "Fiel" momentos da mais pura e devotada amizade.

E a gente fica pensando, diante daquelas sepulturas, que se o cemitério não se restrin-

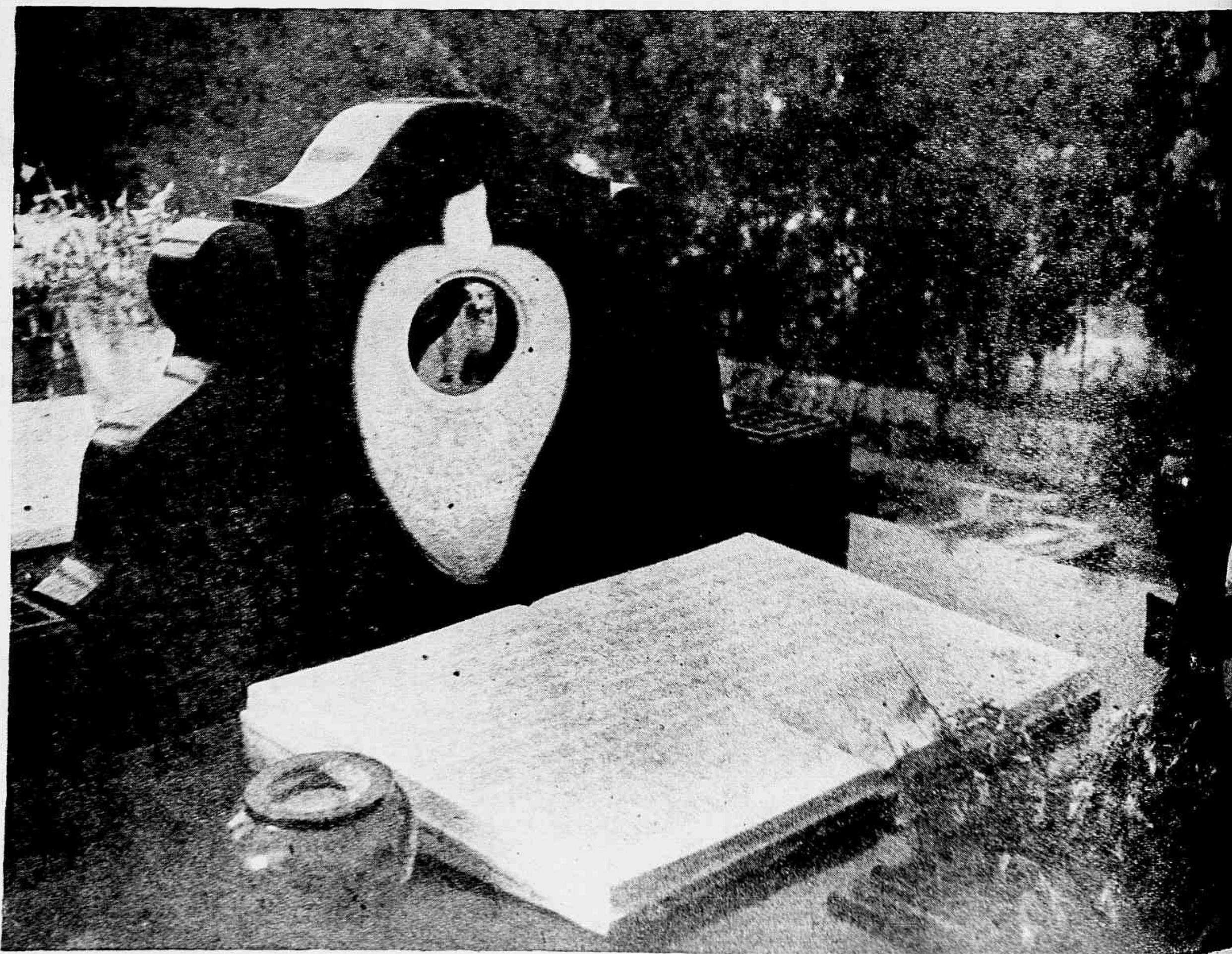
gisse aos cachorros, que belo túmulo e que filosóficos pensamentos não mereceria o famoso Burro Canário...

VALIOSA CONTRIBUIÇÃO CIENTIFICA

O Hospital dirigido pelo dr. Nilo Esteves presta, afora, o serviço de recolhimento e tratamento dos animais, valiosa contribuição a outros órgãos científicos, através o funcionamento do seu laboratório, onde são estudados novos aspectos da zoe-patologia e onde se prepara grande quantidade de soros, inclusive para o Instituto Pasteur.

Para o público, entretanto, éle existe, sob a acusação antipática de matador dos nossos cachorros, ora como um instituto que presta grandes serviços à população, informando com a maior rapidez possível, aos órgãos competentes, o estado sanitário dos cães suspeitos. Isto tem contribuído para o salvamento de muitas vidas preciosas.

"AS LAGRIMAS SECARAM MAS A SAUDADE PERDURA" — Embora o leitor descreia, esta sepultura abaixo, que talvez tenha custado alguns milhares de cruzeiros é de TONY, um cachorro que os donos estimavam como um filho. A inscrição da lápide de TONY é mais extensa do que a que serve de título a esta legenda. Todas, porém, refletem o mesmo sentimento de desolação do homem que perdeu um amigo tão sincero como é difícil encontrar outro igual entre os seus semelhantes. Em cima à esquerda, um aspecto do museu, também do Hospital Veterinário.



inário. Ma
uns dos m
dites. Ma
todos.

o e que b
a o famos

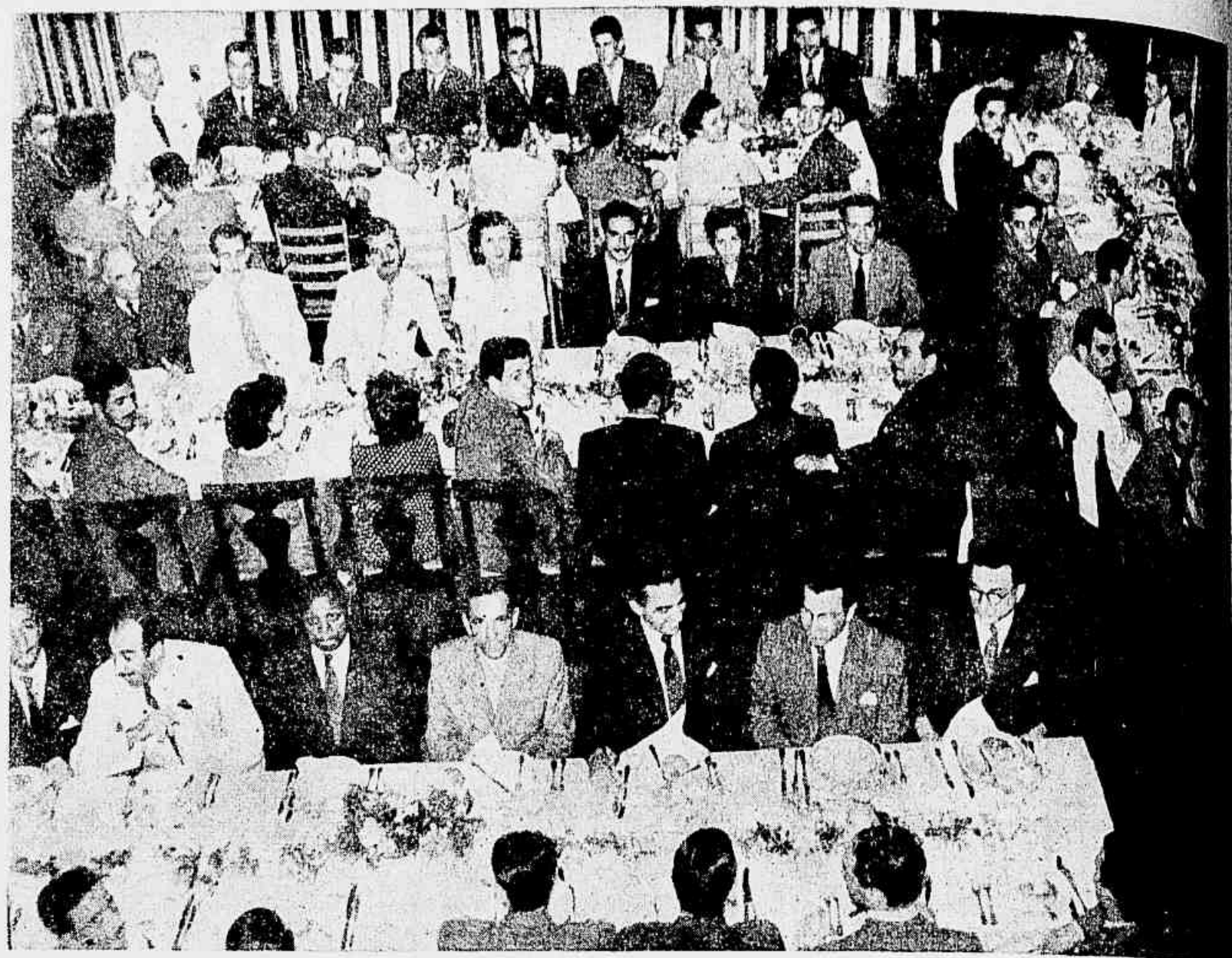
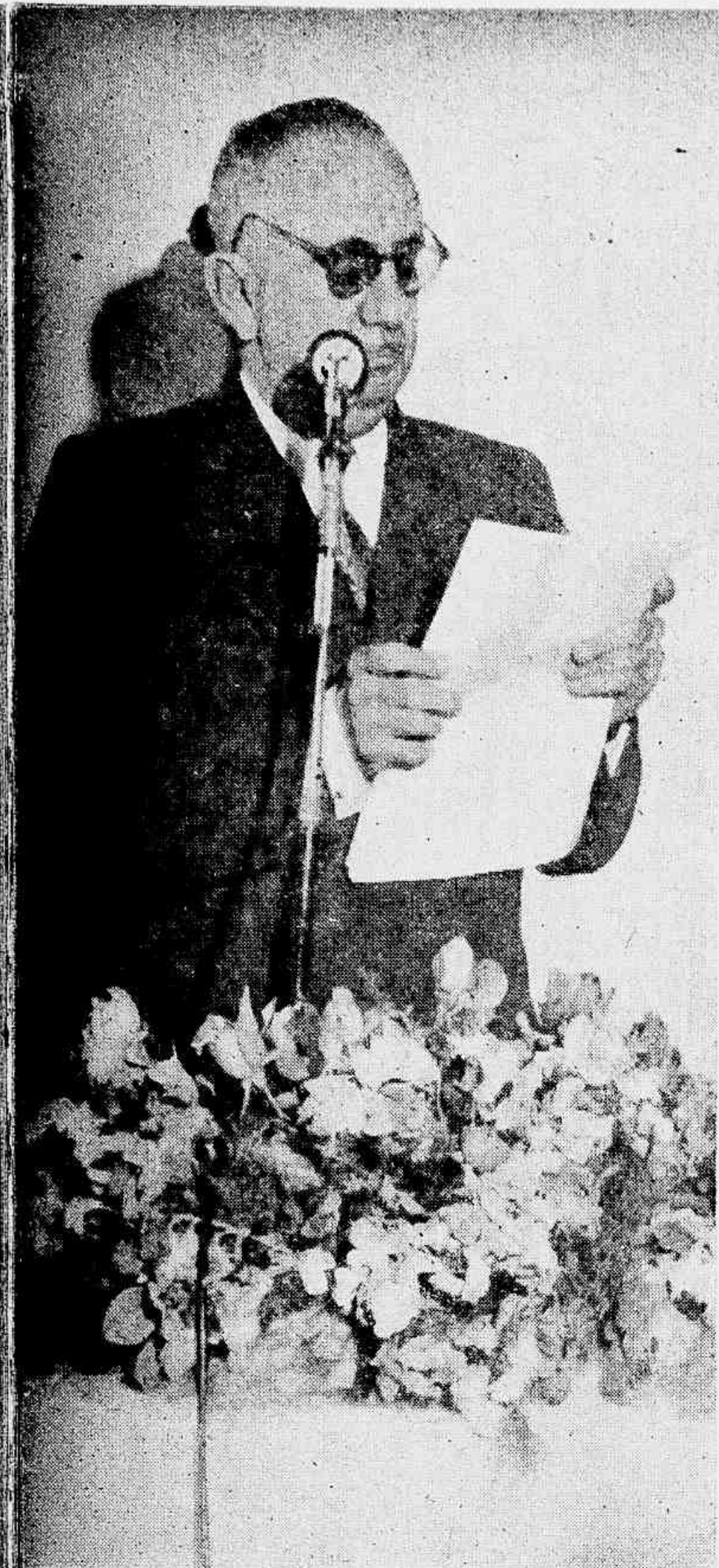
NTIFICA

o Esteve
ento e tr
ribuição
funciona
estudado
de se pr
inclusive

existe, on
or dos m
stituto que
ção, info
el, aos a
o dos cas
ra o salve

é de TONT
etem o me
um aspect





← O homenageado pronunciando o seu discurso.

Um aspecto parcial do almoço.

Homenagens

A cronica social registou, na semana transacta, o almoço oferecido ao sr. Emilio Farah, presidente do Instituto dos Comerciantes, ressaltando a significação da homenagem, promovida pelos orçãos da numerosa classe contribuinte daquela autarquia, manifestando assim de público a sua aprovação às diretrizes que a atual direção do Instituto houve por bem adotar na defesa dos interesses dos seus filiados. O comparecimento de destacadas personalidades do mundo oficial, da politica, do comércio e da sociedade, emprestou ao acontecimento coloridos de real expressão. Assim, estiveram presentes, por

si ou seus representantes, o presidente da Assembleia Nacional Constituinte o secretario de Educação e Cultura do Distrito, o diretor do D.N.I., o diretor do D.N.T., o presidente do IPASE, o presidente da Federação dos Empregados no Comércio, senadores e deputados da U.D.N., do P.S.D. e do P.T.B., dirigentes de outras associações de classe, autoridades e figuras representativas da sociedade.

Durante a festa, que foi abalilhada pela Orquestra Universitaria, falaram diversos oradores, entre os quaes o deputado Ruy de Almeida, em nome dos manifestantes. Agradecendo o homenageado fez uma exposição das suas atividades administrativas, dizendo-se profundamente reconhecido pela homenagem cujas galas transferiu à pessoa do Chefe da Nação, general Eurico Dutra, e por cujo exito na direção suprema do país ergueu sua taça, no que foi acompanhado pelos presentes.

Detalhe da mesa principal, vendo-se o sr. Emilio Farah as sras. Leonarda de Oliveira Farah e Izaura Farah.



Assembleia
e Cultu-
D.N.T.,
ção dos En-
da U.D.N.
associação
vas da se-

Orquestra
e os qua-
manifestam-
posição dos
fundamente-
feriu à pes-
e por cui-
ta toça, no

Casamento de gente de rádio, cuja popularidade se fez no contacto assíduo com os ouvintes, sempre desperta invulgar curiosidade. Muito mais quando se trata de duas figuras simpáticas e queridas, como sucedeu no dia 20 de julho, quando a sta. Lídia Matos, conhecida rádio-atriz, se uniu pelos laços do matrimônio com o locutor Urbano Lóes, do "cast" da Rádio Globo. Teve lugar a solenidade religiosa na Capela Nossa Senhora Menina, cele-

brada por Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro pela Igreja Católica Apostólica Brasileira, e atraindo áquela templo da Tijuca, numerosa religião de "fans", como de praxe. Nas gravuras, em cima, os noivos recebendo a bênção, vindo-se também o pai da sta. Lídia Matos. Em baixo, flagrante do publico que assistiu á cerimonia, e ainda os noivos recebendo, da sacada, os votos de felicidade de seus admiradores.



R A D I O

A ROSA IMARCESCIVEL

A 15 de Maio de 1888 entrava na legislação brasileira uma lei singular. Diga-se logo por que. Per ter só dois artigos, diferente portanto da cadatupa de artigos e parágrafos das leis ordinárias com o seu chavão restando disposições em contrario.

No seu apenas a lei 15 de Maio era contudo importantíssima por extinguir de golpe a escravidão negra no Brasil, tendo consequências de relevância.

Ausente o imperador, á morte em Milão, cabia á princesa imperial regente do Imperio, D. Isabel, assinar a lei 15 de Maio, referendada pelo ministro da Agricultura. Em 1871, regente do Imperio, D. Isabel tomára pena libertadora para subscriver a lei do Ventre Livre, alforriando no berço os filhos da escrava.

A promulgação da lei 15 de Maio ecoou longe no Brasil onde duas provincias, o Amazonas e o Ceará não contavam mais escravos. Apagava-se per mão feminina a mancha do cativo no Brasil, mancha apagada a sangue de guerra civil nos Estados Unidos.

Cessaram entre nós os tão decantados "horrores da escravidão", hoje o universo a braços com os "horrores da civilização, em nome de um progresso dilacerador da espécie humana.

Presentemente alguns objetos dão memoria da assinatura da lei 15 de Maio: um autografo, uma pena, uma caixa, uma rosa de ouro entre resas do mesmo metal.

Juntos em 1888, tais objetos se dispersariam em 1889. O então Archivo Publico Nacional recolheu a pena de ouro e de pedras preciosas, a caixa onde se a guardava, o autografo da lei 15 de Maio iluminado por Leopoldo Heck continuador da paciencia caligrafica de Luis Aleixo Boulanger, martir da cegueira por excessiva applicação da vista.

A Mesa da Abolição, a Rosa de Ouro dadivada pelo Papa á Princesa Redentora, conheceram e ilio, se tal palavra póde da tristeza de peccas passar á remoção de objectes.

A Mesa da Abolição, a Rosa de Ouro viajaram como havia viajado a sua dona a bordo do *Alagoas*. Foram parar em França, afinal ao castélo d'Eu, solar de dos Orleans.

Todos os objectes lembrando a Lei Aurea, pelo menos enquanto houver quem saiba que não ha hoje sem hontem, devem ser guardados a sete chaves.

A pena historica, a caixa do seu encerro, têm historia, pequena, mas não desprecianda.

A ROSA DE OURO — (Foio Marc Ferrez)



Uma caixa de prata, com inscriçáo no tampo, guardou a pena de 15 de Maio, o objecto sem duvida preparado por uma das grandes joalherias da época, a Luis de Rezende por exemplo.

Uma subscrição popular, a quinhentos reis por pessoa, custeara o fabrico da pena, por idera do dr. Luis Pedro Urango, professor do Collegio de Pedro Segundo, calende-lhe a iniciativa da oferta de pena historica destinada a firmar a Lei Aurea a 15 de Maio, data natalicia de D. João VI, bisavô da D. Isabel. O ascendente libertário esportou do Brasil franqueando-as ao commercio estrangeiro, a descendente libertaria uma raça fraturando-lhe a liberdade.

A Mesa da Abolição pertencia ao mobiliario do Paço da Cidade, parte p's do mobiliario da Casa Imperial pouco após o Quinze de Novembro leilado a preço e martel, e no momento quem dá mais, ninguém da mais das bastas publicas.

A Mesa da Abolição, escapa ao leilão, passou oceano, nem como a Rosa de Ouro, para ser agora de novo do Brasil e doada á antiga Capela Imperial do Rio de Janeiro.

A Rosa de Ouro não é venera, como se diz e escreve. Bem esclarece o sentido do presente de Leão XIII, por motivo da Abolição em nossa terra; um livro de monsenhor João Esberard, nascido em Barcelona para vir a ser o primeiro arcebispo da diocese de São Paulo cuja vida foi contada, excelentemente, pelo Professor Tanner de Abreu.

Esberard primava pelo culto dos seus escritos á vernaculidade e a ela fiel em sua obra — *A Rosa de Ouro* — esclarece desde logo que a dadiva nada tem de ordem hierárquica. É presente excepcional de galardão pontificio a príncipes, princezas, pers nages, gratos á Santa Sé ou mesmo a catedrais e igrejas.

O mmo papal consta de uma roseira de ouro, com uma rosa principal entre outras rosas menores formando ramo, tudo no objecto representando preço symbolico e material.

Urbano II, e promotor da Primeira Cruzada, é apontado como primeiro dador da Rosa de Ouro a Foulques, conde soberano de Angers.

O Vigário de Cristo consagra a Rosa Aurea em data fixa na quarta domingo da Quaresma, domingo na qual o introito da missa recomenda alegrar-se com Jerusalem, momentaneamente suspensa o rigor penitencial da Quaresma até que a Resurreição proclame em Jesus a victoria de vida sobre a morte.

No século XVIII as catedrais de Genova e Belchua, a igreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma figuram no rol dos templos agraciados com a Rosa de Ouro, agora com ela indirectamente distinguida a Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, no seu antigo local enquanto não arrasam ou mudem para algum arrabalde.

Na lista dos gratificados com a Rosa encontram-se por ultimo os nomes de duas princezas aparentadas, a casa de Habsburgo de laço estreito com a de Bragança.

Aquellas senhoras régias foram Maria Cristina, arquiduquesa e rainha regente de Espanha, e Isabel, regente do Imperio do Brasil governado como a Espanha, á femineira.

Ao extinguir da escravidão no Brasil, Leão XIII, em nome da Igreja, canoniza Pedro Claver, o Apostolo dos Negros. No momento tambem recebia o Papa as homenagens do orbe catolico por motivo do seu jubileu sacerdotal.

Dirigio-se então a Roma o deputado Joaquim Nabuco, munido de uma apresentação ao Secretario de Estado da Santa Sé. Apresentava Nabuco o cardinal Manning dirigindo este ao Secretario de Estado uma carta na qual, historiando á breve a escravidão no Brasil, dizia esperar que o jubileu de Leão XIII fosse assinalado em nosso paiz pela redenção de um cativoiro multi-secular.

A 10 de Janeiro de 1888, Nabuco dirige carta a Leão XIII reforçando os votos abolicionistas de Manning. A 5 de Maio expede o Papa extensissima exortação aos episcopado brasileiro.

Aos seus Veneraveis Irmãos, os bispos do Brasil, recomenda Leão XIII que insistantem junto aos emancipaveis dentro em pouco que se compenentrem profundamente das doutrinas da Igreja de modo a recolher para sempre a religião catolica, em toda a extensão do Imperio do Brasil, os frutos da libertação concedida. Assim exprima desejo, Leão XIII no undecimo ano de seu pontificado successor do de Pio IX.

Nabuco escrevera a Leão XIII, mas tambem o buscára pessoalmente. Em audiência entendera-se com o Papa. Servindo-se da lingua franceza, pleiteára a causa do abolicionismo patrio, mostrando-lhe antecedentes. Nas colunas de *O Paiz*, Nabuco daria conta da sua entrevista de tres quartos de hora. Se ha quem precise medir tempo esse deve ser o Papa asoberbado de providencias abrangendo *urbi et orbi*.

No Brasil declararia Nabuco ter sido o fim de sua viagem a Roma dizer a Sua Santidade, em nome do abolicionismo, o anseio de secundar o Papa a ação dos bispos brasileiros em favor dos escravos, redundando isto em ponto de apoio na consciencia catolica do paiz. Bastaria para tanto uma só palavra.

Declarou Leão XIII a Nabuco:

— Direi a palavra desejada e póde o senhor estar certo de que, quando o Papa houver falado, todos os catholicos terão de obedecer.

Por sua vez diria Nabuco:

— "A impressão que senti, durante todo o tempo da audiencia, não se compara com a sensação causada pela presença de um dos grandes soberanos do mundo. O throno brasileiro é uma excepção. Nunca no Brasil houve homem tão accessivel como o Imperador, nem casa tão aberta como São Cristovam."

Leão XIII cumpriu promessa, nele a palavra empenhada devendo ser mais sagrada do que em qualquer outra pessoa. Os bispos brasileiros receberam a palavra pontificia, os catholicos obedecendo conforme suas consciencias.

Entendeu Leão XIII recompensar a Princesa Isabel pela sua parte na Lei Aurea. Premiou a subscritora maior da lei grande concedendo-lhe a Rosa de Ouro, presente fora do comum.

Dá ser entregue com solenidade, a que o presente fazia jus, a Igreja propensa aos efeitos decorativos que ferem olhos e alma. Mesmo os que não sentem admiram visualmente.

Realizou-se pomposa a entrega da Rosa de Ouro na Capela Imperial. Um prestimo conduzindo a Rosa partio da Internunciatura Apostolica de sede no convento carmelitano do largo da Lapa.

Na Capela Imperial, o internuncio Spolverini deixou a Rosa de Ouro sobre o altar-mór, onde missa pontifical ouvida per D. Isabel em logar separado, ao lado da Epistola.

Um sacerdote, em voz alta, leu o breve pontificio investindo o internuncio de poderes para entrega do presente especial. Acolhida, sustendo a Rosa de Ouro, a Princesa ouviu uma fíla do internuncio.

Para presenciar a cerimonia havia duas especies de publico. Um enchia o templo, as suas tribunas, em suas dependencias. O segundo publico, respeitador forçado da lei do espaço, aglomerava-se na rua 1.ª de Março e no Largo do Paço.

Havia o que vêr, muita tropa em grande gala comandada pelo marechal Severiano da Fonseca, o irmão que Deodoro tanto respeitava, acatando-lhe os conselhos. Em breve Severiano seria barão de Alagoas, para morrer pouco depois da concessão do título lembrando provincia natal.

E Deodoro não muito longe da entrega da Rosa de Ouro... O não muito longe consta da Historia.

ESCRAGNOLLE DORIA

(Conto de JOHN)

AS 19 lan ale

troyer Lan de um co para Ingla si todos o marino fo tarde. A do destroy, queno: Ca marinheir Stevens, Mackenzie

As 19.2

Larmont rado, o de tar o ruic parara ta boio esta quem inic

pitão, do ouvira o meio dos dera o a

cabine, fa cados. T Estados U uma exp

quele su mais uma que eran american

zistas. O ziu as tempo c

estavam que o mostrasse rino. Po

ra a ma vera mai gou o ma

deira. E perar. C ras e vir

Naque capitão d

xo, dava o destroy de um to

Que r guem, m

casco, fa ar. O s

Quem s aquele sabotage

lentamen

casco, tr perando

parte no a origen

e vinte mente.

As 19 pé dian

ra-o: — Vo

disso... Não e

perior e homens

Lowry que se

cindivel siões, fa

lhe vota le mom

— An pazes. — Vo se intro Lowry.

(Conto de
JOHN DICKSON CAR)

ÀS 19.30 horas, um torpedo lançado pelo submarino alemão, destruiu o destroyer Larmont, que fazia parte de um comboio que se dirigia para Inglaterra. Morreram quasi todos os tripulantes. O submarino foi posto a pique, mais tarde. A lista de sobreviventes do destroyer, entretanto, foi pequeno: Capitão Robert Lowry, marinheiros de 1.^a classe? Russel Stevens, Larry Ames, Julian Mackenzie e Al Smith. Só.

ÀS 19.20 a tensão, a borbodo Larmont era insuportável. Parado, o destroyer esperava captar o ruído do submarino. Este parara também. Todo o comboio estacionado aguardava quem iniciaria o combate. O capitão, do destroyer Larmont, que ouvira o ruído do submarino por meio dos aparelhos de escuta e dera o alarme, estava em sua cabine, fazendo cálculos complicados. Tão perto da costa dos Estados Unidos? Só poderia ter uma explicação a presença daquele submarino solitário: era mais uma condução para espões que eram despejados na costa americana, pelos transportes nazistas. O Capitão Sowry franziu as sobrancelhas. Tivera tempo de avisar a todos e estavam estacionados esperando que o aparelho de escuta mostrasse onde estava o submarino. Porém este compreendia a manobra e não se movera mais. O capitão Lowry largou o mapa e recostou-se na cadeira. Era inútil. Precisava esperar. O tempo corria. **19 horas e vinte e cinco minutos**

Naquele mesmo momento o capitão do submarino, lá em baixo, dava uma ordem: Assim que o destroyer se movimentar, mande um torpedo. E' a nossa chance

Que ruído seria aquele? Alguem, no destroyer, batia no casco, fazendo um ruído peculiar. O submarino aprontou-se. Quem seria o responsável por aquele descuido? Descuido ou sabotagem? Jack Latham batia, lentamente, inexoravelmente, no casco, trancado numa cabine, esperando a explosão. Por toda a parte no destroyer procuravam a origem do ruído... **19 horas e vinte cinco minutos** precisamente.

ÀS 19 horas Jack Latham, de pé diante do capitão, ameaçava-o:

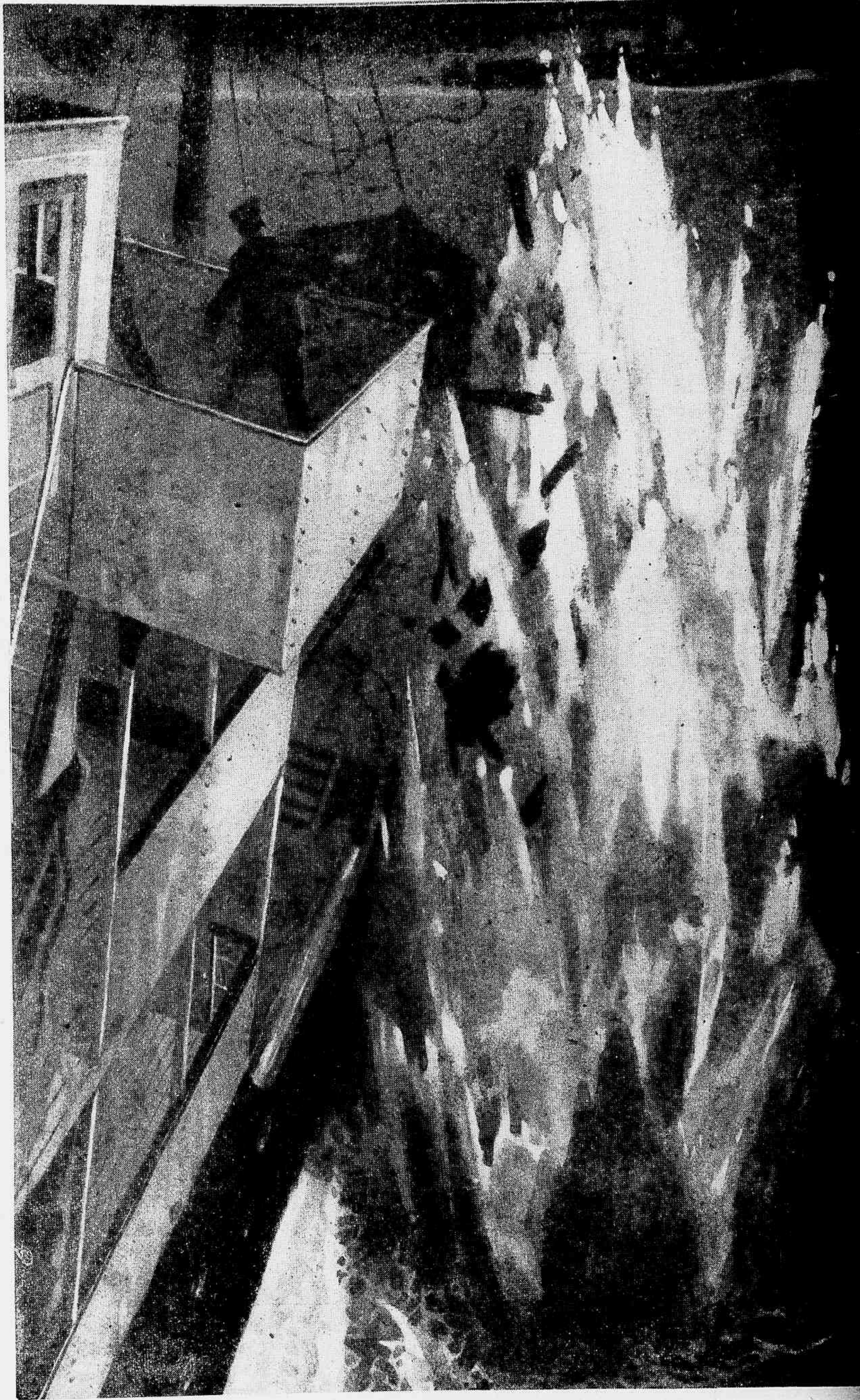
— Você não voltará!

— Você parece muito certo disso...

Não eram subordinado e superior e sim dois homens. Dois homens discutindo ferozmente, Lowry perdera aquele controle que se impunha como imprescindível para, em todas as ocasiões, fazer jus ao respeito que lhe votava a tripulação. Naquele momento, porém, era outro.

— Antes de partir, fizemos as pazes.

— Você não tinha o direito de se intrometer na minha vida, Lowry.



— Não esquecendo nunca de que você é um marinheiro e que eu podia mandar po-lo a ferros pelo que disse, responderei que foi você que se intrometeu na minha vida. Eu era casado e feliz. Foi você quem tentou conquistar minha mulher...

— Por que ela se voltou para mim? Que é que você lhe dava,

como marido? Nada, absolutamente nada. Sempre foi assim. Ela vivia abandonada, sem carinho, sem afeição.

— Você esquece uma coisa meu amigo. A mim ela amava, disse Lowry com voz triunfante.

Latham, desesperado, sentindo que fora atingido, retrucou:

— Mas você nunca a fará feliz...

— Por que? Pensa você que é o seu amor que a amparará, com a eterna lembrança de minha presença?

— Ela esquecerá... ela esquecerá...

— Esquecerá como? Num ca-

(Continua na pág. 56)

○ TEMPO RETROCEDE

VITRAIS

LONDRES — Poucas artes há que requeiram tanta pericia e habilidade aos milagres da luz e da cor como a do vitral. O azul, do turqueza ao azul quase púrpura; o verde, do azul-verde aos tons amarelados; o rosa, do rosa-do-à "nuance" delicadamente nacarada da flor; os amarelos, pardos e vermelhos-rubis — todas essas cores reunidas em modelos sabiamente combinados criam a difusão da luz transfigurada, que tanto contribui para a atmosfera das catedrais e igrejas.

O artista recorta em laminas de vidro preparadas e coloridas pelo fabricante pequenos pedaços, conforme o desenho do seu modelo, que em seguida reúne por meio de juntas de chumbo para formar a janela.

A fim de dar aos seus vitrais uma cor ainda mais viva, o artista pinta as linhas com uma tonalidade monocromica que adquire a propriedade do negro, de vez que exclui a luz. E' assim que com o auxilio do vidro colorido o artista elabora um poema de policromia e luz.

A história do vitral demonstra que desde o Século II trata-se de uma arte rica e completa e a obra realizada durante os três séculos que se seguiram não é menos notavel no tocante à vitalidade e a beleza dos vitrais produzidos.

A partir do século XVII, verifica-se um declínio e o século XVIII, não produziu vitrais dignos de nota.

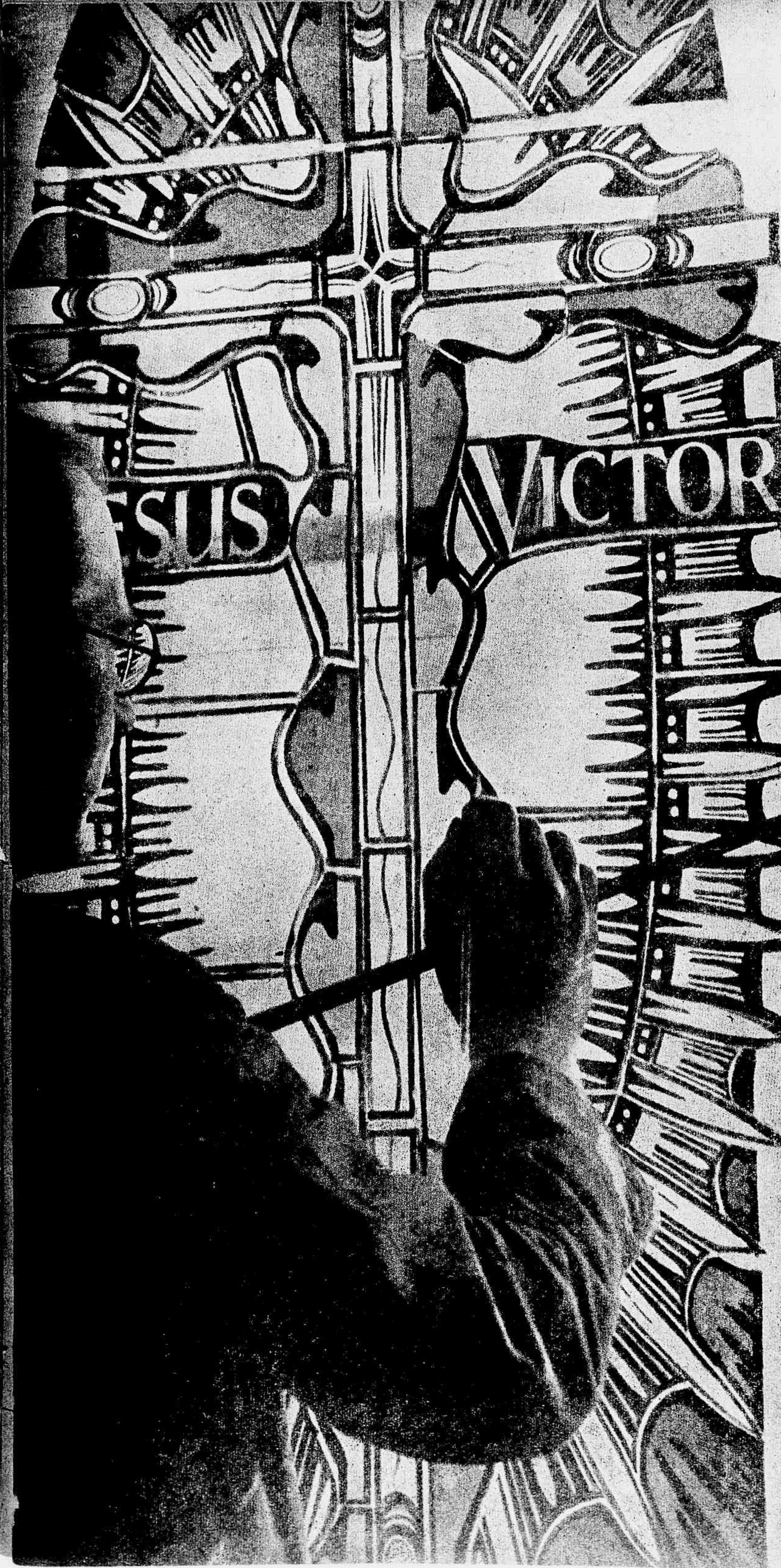
Sómente a partir do século XIX assistimos a uma renascença da arte do vitral, sob a influencia do estudo da arte da Idade Média, viciada porém por um romantismo desfavoravel à vitalidade dos desenhos. Essa influencia é fácil de compreender, pois os artistas que trouxeram ao seu oficio algo da frescura de imaginação dos antigos pouco mais faziam do que repetir os modelos de outrora.

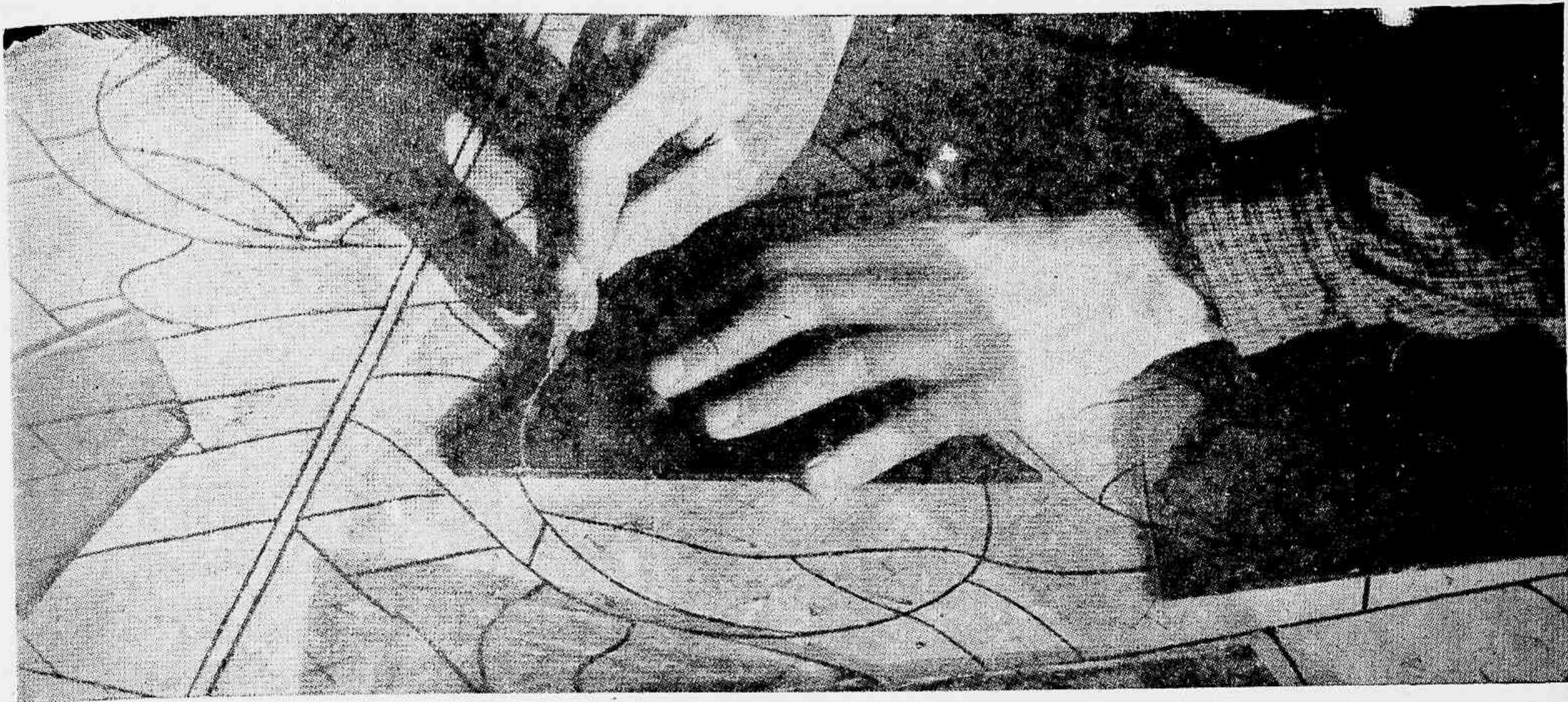
Como a beleza dos vitrais depende, em última análise, da beleza e da perfeição do desenho, não é surpreendente que a arte do vitral tenha variado em qualidade com as oscilações sofridas pela arte da pintura. A arte do vitral acha-se ainda hoje aberta a todas as experiencias, sob condição de que o artista seja suficientemente realizador e seu cliente bastante ousado. A última palavra jamais é pronunciada numa arte que depende de maneira tão completa da qualidade do artista e de sua habilidade manual.

Fazendo parte da arquitetura, o vitral deve necessariamente evoluir com ela. O número res-

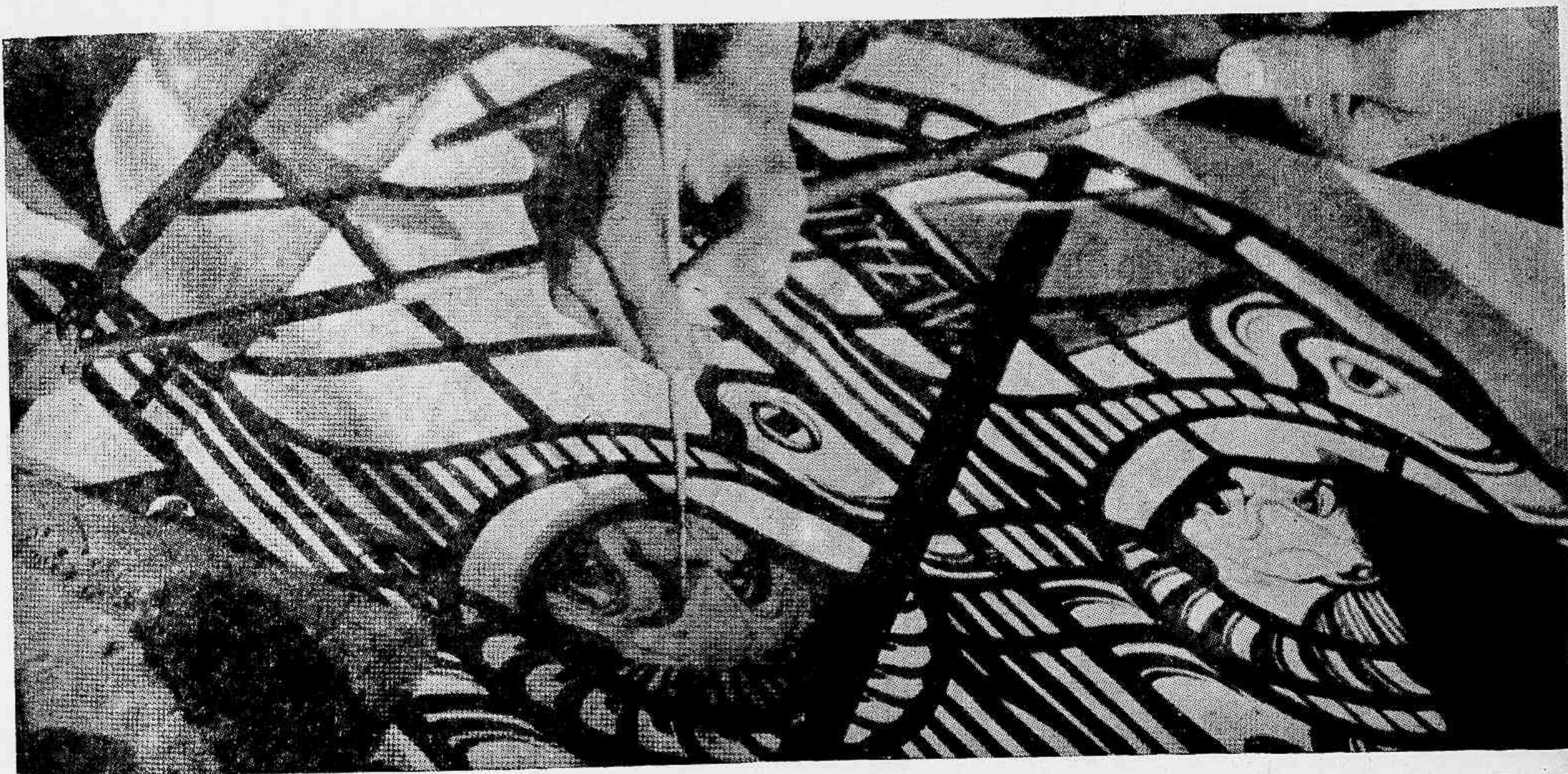
(Continua na pág. 57)

Aqui, ao lado, podemos ver o artista entregar a tarefa final, de retocar os vitrais através da luz, para obter a maior perfeição. A difusão da luz, contribue para dar ao vitral uma atmosfera mais nobre e imponente.

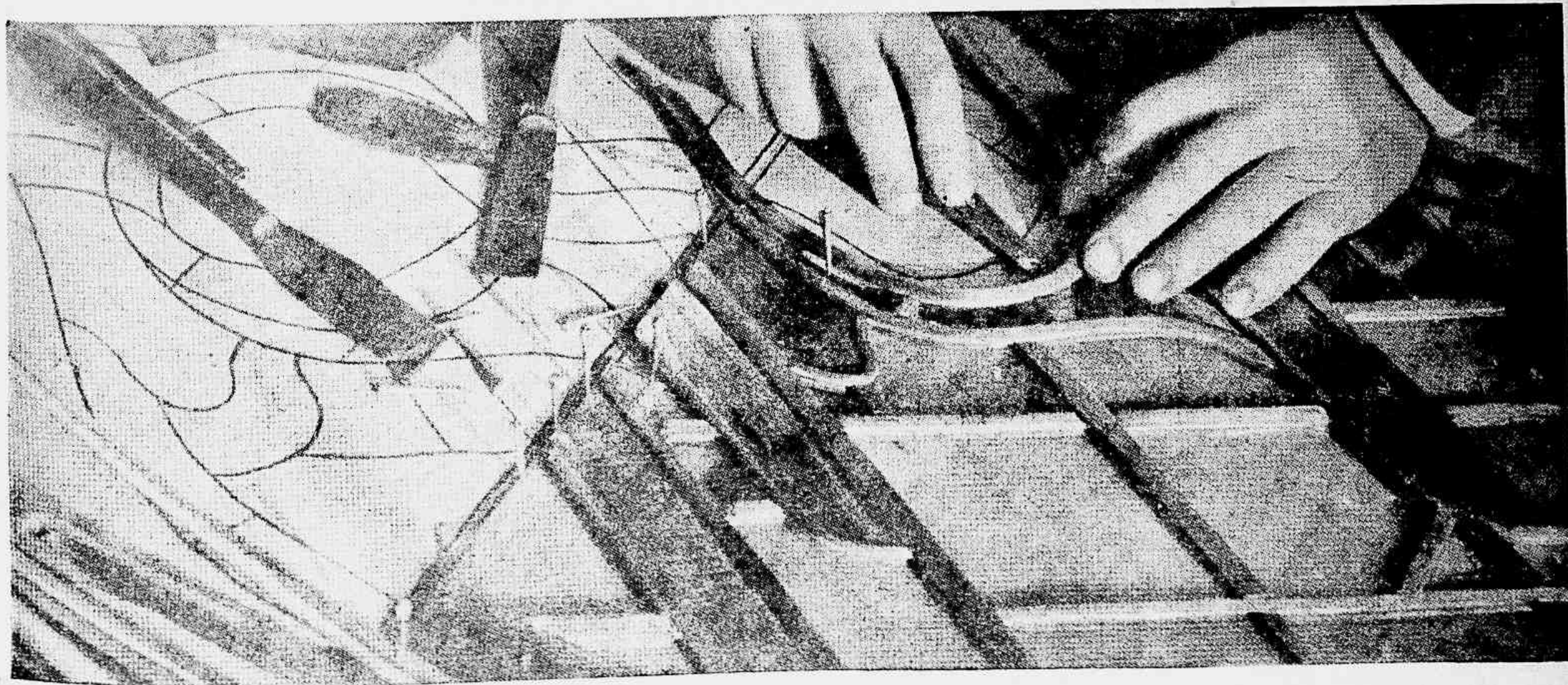




A função preliminar, no preparo dos vitrais, consiste em recortar o vidro em laminas coloridas pelo artista, nos seus menores fragmentos, conforme o desenho do seu modelo. A gravura superior, mostra exatamente essa parte da tarefa: O corte das laminas. Depois elas serão reunidas por meio de armações de chumbo, para formar a janela, dando um realce maior ao trabalho, em conjunto. Preparar vitrais exige, antes de tudo, um apurado gosto artistico.



Na ilustração superior, vemos agora as mãos do artista pintando o vidro e reproduzindo os desenhos bizarros. Em baixo, podemos apreciar a tarefa de ligar os fragmentos do vidro, às armações de chumbo. A beleza dos vitrais depende, em ultima analise, da beleza e da perfeição do desenho, devendo este ser reproduzido com a maxima fidelidade. Artistas especializados, ganham preciosos salarios nos grandes centros artisticos norte-americanos e europeus.



DE BOM HUMOR



— Alô! Polícia? Depressa! Acabo de prender um gatuno!



— Ora graças, querido! Enfim chegamos a uma conclusão e nos entendemos!



— Hip, hip, hurra! Viva a liberdade! Acabo de ser absolvido!



— Oh, Barbosa! Nem você imagina como me sinto feliz vendo que você veio assistir ao meu casamento, querido!



— Alô... Teixeira? Depressa, corre a salvar-me... Vê se me tiras deste "espeto", rapaz!



— Mãe, que lugar monótono, velhinho! Faz quanto tempo não há um naufrágio, nem nada...



1 Estava o Professor Nehru Khan em seu gabinete de consultas, advinhando quando o mordomo lhe filava os cigarros e consultando, por habito, a sua bola de cristal, quando esta o advertiu da visita de um distinto casal. Grandes complicações... Ele, incrédulo! Ela, mais curiosa do que outra coisa.

2 E realmente apareceram, a Condessa e o Conde de Posnansky, exilados da Polónia. O Professor retirou-se para deixar o campo livre ao ajuste de contas entre marido e mulher... A Condessa pediu a Dimitri que se ausentasse, pois na sua presença não poderia usar de franqueza nas perguntas a fazer ao advinho.

AVATAR

A estréia de Genolino Amado, autor teatral continua marcando um dos sucessos desta animada estação. Sua peça inspirada em um conto de Theophile Gautier devolveu á plateia carioca esse ilustre casal de artistas — Dulcina-Odilon — e veio brindar a literatura do nosso teatro com esse bem feito original, que teve a seguinte interpretação:

Condessa Posnansky....	Dulcina
Conde Dimitri Posnansky	Odilon
Professor Nehru Khan.	Manoel Pêra
Marcelo de Moraes.....	Ribeiro Fortes
Lucia	Dinorah Marzullo
Criada	Maria Luiza
Mordomo	Restier Junior.

Como tantas vezes temos feito, damos aos leitores, nesta e nas páginas seguintes, a história animada de "Avatar", com varias ilustrações fotográficas de Arnaldo Vieira.

3 Enfim, Nehru Khan e a Condessa estão a sós! Que profetisa a bola de cristal? Uma coisa horrivel! Muito breve a Condessa correrá o risco de trair o Conde, embora jamais sua paixão pelo marido venha a diminuir. Complicado, tudo isso! E a Condessa retira-se, incredula, até revoltada com a insolença de Nehru Khan...



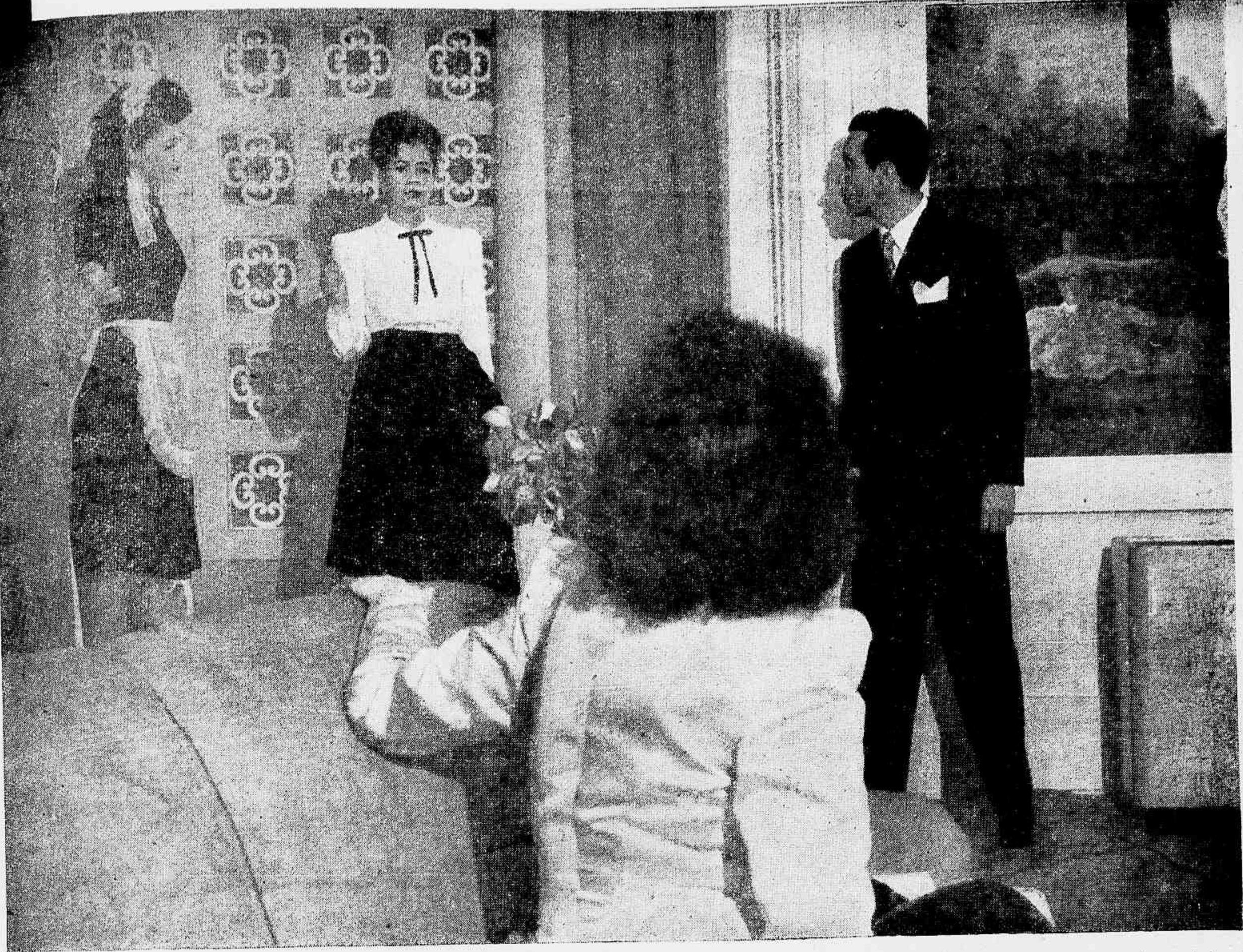


4 Mas em verdade o Professor estava disposto a realizar um novo e perigoso "experimento". Ele hipnotiza o Conde, pouco mais tarde, transferindo-lhe a alma para o corpo de Marcelo de Moraes, um jovem pintor que está perdido de amores pela Condessa. A alma do pintor passa para o Conde. Um perigo, tal como a bola previra!

5 Desde então, as complicações aumentam. A Condessa estranha a impetuosidade amorosa do marido, cuja alma é agora a do pintor. E como realmente adora os sentimentos do Conde, sente-se inclinada para Marcelo, por encontrar nele o fetiche antigo de seu esposo. Será que a Condessa vai, enfim, trair "apenas" o corpo do marido, com a alma do próprio marido?

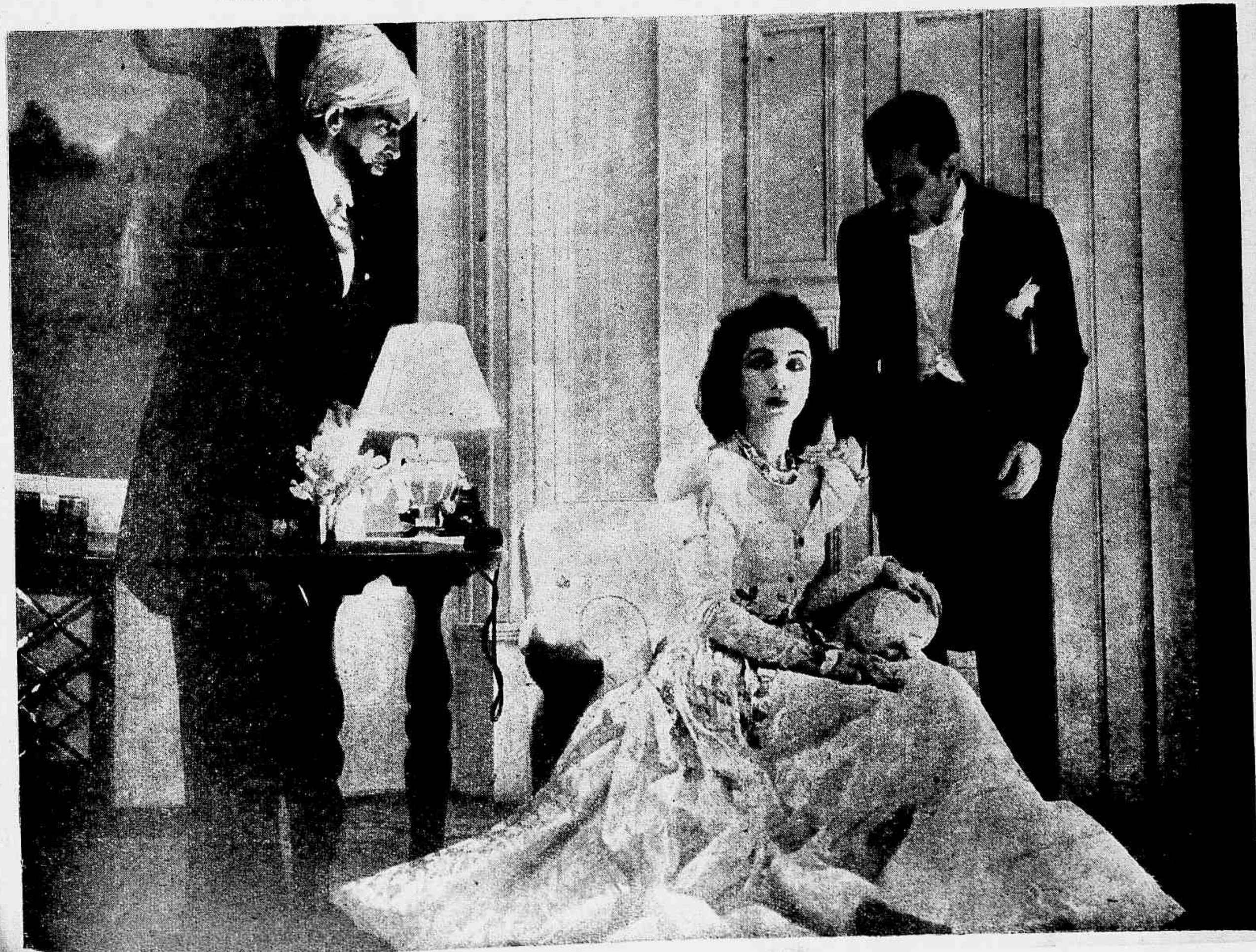
6 Subitamente o corpo mostra

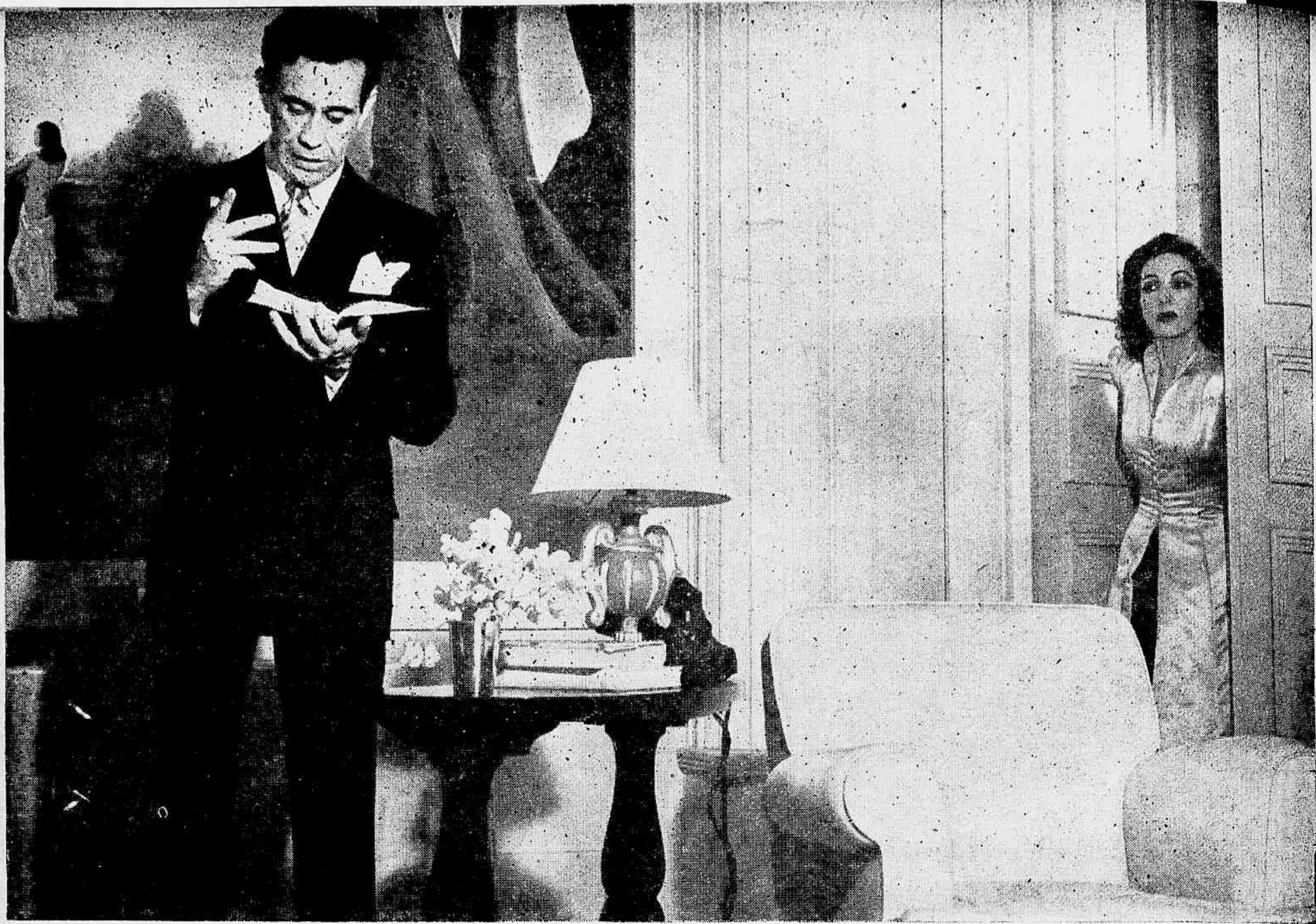




6 Subitamente, aparece Lucia, antiga companheira do pintor Marcelo, queixando-se à Condessa de lhe ter roubado o seu amor. Mas a alma do pintor, dentro do corpo do Conde, protesta... A Condessa surpreende-se ao ver que o marido demonstra conhecer de longa data aquela criaturinha. Que poderá ela fazer para endireitar as coisas?

7 E o mistério segue o seu curso ascendente. Agora ela compreende que tudo sofre a influencia nefasta do Professor. Seu marido não sabe, sequer, dizer uma palavra em polonês, não pode ser Dimitri... E Marcelo a surpreende, manejando admiravelmente o seu idioma patrio, quando ele é brasileiro! Si pudesse esbofetear Nahru Khan...





8 A experiência do Professor é perigosíssima. A Condessa espanta-se dando com o marido às voltas com uma gramática polonesa... Estaria louco? Ou será mesmo que a alma do pintor foi transferida para o envólucro físico de Dimitri? Nesse caso, quem é realmente seu marido, o pintor ou o Conde? Só mesmo Nahru Khan poderia dizê-lo!

9 E depois de mil complicações, Nahru Khan resolve devolver a cada corpo a sua respectiva alma. Dimitri volta a ser o marido carinhoso, feliz, mas a alma de Marcelo evaporou-se durante a delicada prova. Para compensar a falta, o próprio Nahru Khan resolve desaparecer fisicamente, aproveitando a alma para o corpo do feliz pintor...





NOS BASTIDORES FEMININOS

JANE ADAMS (Universal)

VOCÊ naturalmente já indagou a si própria o motivo do seu fracasso social; suas amigas "esquecem" de convidá-la para seus passeios e festinhas; os rapazes nunca levam adiante seus "flirts"; você não tem nenhuma amiga verdadeira; não recebe confidências de quem quer que seja e, pior ainda, não tem também a quem confiar os segredos. O mundo é mau, pensa você, porque deixa você de lado, parecendo não tomar conhecimento da sua existência. No entanto, você é mais "bonitinha" do que a "fulana", mais "chic" do que a "bel-trana" e seu papai tem mais prestígio do que o da "sicrama". Como explicar então tudo isso? Porque é que os rapazes não coem aos seus pés e as moças não vivem ao seu redor, elogiando a sua beleza, a sua elegância, sua graça e seus encantos?

Essa gente não enxerga então? Não vê que você é melhor do que qualquer outra pessoa? Porque anda errada toda essa gente?

Simplesmente, respondemos nós, porque "errada" não é essa gente toda; porque errada anda você!

Sim, você! Você que com o seu egoísmo não enxerga senão a você mesma; você que acha que todos devem ser amáveis com você, sem no entanto nunca ter procurado ser amável com os demais; você com os seus sarcasmos, com as suas ironias, com os seus desdenhos, com os seus comentários mordazes e felinos.

Não, minha criança, o erro não está com os outros... Si não se aproximam

de você ou si não insistem em procurar o seu convívio, é porque não podem tolerar o seu despotismo.

Para eles, você não é uma companheira agradável apesar de todas as boas qualidades que você julga ter. Você os afugenta logo após o primeiro contato. E eles têm razão. Ninguém pode apreciar uma pessoa que só pensa em si, que tudo quer para si que só menciona o nome de outrem para fazer críticas; que é rispida, mal educada, incapaz de uma palavra de simpatia ou um gesto agradável.

O defeito, portanto, está em você mesma, e si você realmente quer que se modifique o ambiente ao seu redor, só tem uma coisa a fazer: HUMANISAR-SE. "Humanisar-se", minha amiga, significa demonstrar pelos outros o interesse que você quer forçar os outros a demonstrar por você; significa ser simples, simpática, agradável, boa companheira em qualquer circunstância; colocar os interesses alheios acima dos seus, enfim, significa justamente o contrário do que você é atualmente.

A princípio será difícil, mas com força de vontade e um verdadeiro desejo de vencer, você acabará conseguindo realizar o milagre e então, os seus fracassos se transformarão em sucessos.

KITTY



delo em pesada seda branca, com drapeados na blusa e na saia. Grande apanhado de flores artificiais num dos lados da blusa. Usa-o Audrey Long, da RKO. A seguir, um modelo para jantar, composto de saia de pesado crepe de seda cinzento e blusão de renda prateada. Decote formado pelo recorte da próprio renda. Igual acabamento é dado aos punhos e abas que caem sobre a saia. E finalmente Frances Langford lindíssima nessa "toilette" de noite em "mousseline de soie" branco, com rosas de veludo no decote e na saia. Grandes babados "godet" formam o decote e as mangas e grandes babados também, aumentam o volume da saia. A "estrela" da RKO usa anquinhas com este modelo.

A PRESENTAMOS nestas páginas às nossas leitoras, três lindos figurinos próprios para ocasiões de cerimonia. São todos eles muito originais, e de grande efeito. Primeiro temos um elegantíssimo mo-

**PARA AS
GRANDES
OCASIÕES**



ra-
de
dos
ng,
ara
ado
de
elo
ca-
bas
nte
essa
line
udo
aba-
e as
ém,
"es-
com





CHAMA-SE Milada Mladova, nome que parece pertencer a uma dançarina russa, quando realmente nasceu nos Estados Unidos e onde as discipulas de Terpsichore não aparecem profusamente: veio ao mundo em Oklahoma, terra dos vaqueiros, dos homens rusticos e das mulheres do campo, trajando suas roupas multicôres, de tecido barato, mulheres e homens prêsos ao "folk-lore" tipicamente "yankee". Mas a joven Milada, filha de um violinista da Orquestra Sinfônica de Chicago, desde menina sentiu que seu destino seria o das bailarinas classicas. Trocou as roupas caracteristicas do seu Estado pelas volateis gazes do "ballet" e desde cedo abandonou a típica Oklahoma, disposta a viajar, correr mundo, competindo com as celebridades em vóga. Seus idolos chamam-se Nijinsky, Isadora Duncan e os outros que o "placard" luminoso, fosforecente, dos grandes teatros da Broadway costumam expôr. Deu com um professor amigo, capaz de sentir-lhe as possibilidades. O velho pai incumbiu-se de financiar seus estudos. Não é ainda a celebridade que sonhou, mas está mais perto de alcançar um lugar ao sól, agora que o cinema vem de leva-la para seus dominios. A experiência adquirida como componente do "ballet" russo, suas continuas excursões pelas principais cidades norte-americanas, devem frutificar agora. Ela aparecerá no filme da Warner, em preparo, "Night and day".

NASCE UMA BAILARINA







PARA as diversas horas do dia aqui estão estampados nestas páginas três novos modelos. Os dois primeiros para jovem, e o terceiro próprio para senhoras.

Na página ao lado: Um modelo de Milo Anderson para Joan Winfield, da Warner Bros, é em jersey de lã azul claro, com bordados em ouro e madrepérola. Na saia, grupo de pregas que caem suavemente. Para a mamãe, aí está um elegante "tailleur" em tecido quadriculado preto e branco. O casaco é sem gola, prestando-se para variações. Grande macho na frente da saia. Uma novidade em "sweaters", é apresentada pela "es-



treia" da Warner Bros, Lili Palmer. A "sweater" é feita em lã verde claro com aplicações recortadas de feltro, em cores vivas. A mesma aplicação ela usa numa das pontas da saia.

**T R Ê S
N O V O S
M O D E L O S**

A mulatinha do RANCHO

Ontem passei por um desses muitos ranchos que, na beira da estrada, oferecem um descanso ao tropeiro que passa.

E, como tantos outros, apei exausto, com os lábios secos a pedir um chimarrão.

Um cusquinho raquítico, com todos os ossos a saltarem para fora do couro amarelo e cheio de feridas, chegou-se aos meus pés e deu dois latidos roucos.

Aproximei-me do rancho de paredes de pedra e teto baixo de capim caninha, com duas enormes figueiras a fazerem sombra, e lobriguei uma figurinha minúscula que se escondia no vão da porta.

— Boa tarde! disse-lhe num sorriso amigoso.

A mulatinha escancarou uns olhos negros muito grandes e fugiu correndo, com suas pernas compridas e muito finas a assomarem do vestido rasgado.

Parei e fiquei a espera de que surgisse al-

guém, pois o cusco magricela teimava em continuar com sua tosse asmática.

Olhei mais atentamente para o que me cercava e divisei muitos pés de marmeleiros que vergavam ao peso de frutos graúdos e amarelos. Mais abaixo pessegueiros carregados ofereciam alimento à passarada que se agrupava nos galhos.

De um lado daquele rancho singular, escarpado, como que ansiando por desaparecer, um pequeno e imundo galpão abrigava

(Continúa na pág. 54)

CONTO DE THEREZA ALMEIDA - ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO MOURA
CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"



SAÚDE.

E' u
plar — n
quem par
tê-los. En
E sabe c
frequênci
sionam, c

Sauda
Muita

O EMPA
Livr

Pro
a Livra
O emp
São

pensava
estilo
afirmaç
fórmula
como v
e até en
uma co
ou, con
solutan
próprio
mais v
obras s
tudo n
sivame
E, a p
veras,

O
os nov
isto é:
tude in
nir e

Vulro
A
cados

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

SAUDADE... MUITA SAUDADE... versos de Luiz Otávio — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1946.

É um livro de estréia. Assim o autor nos diz, na dedicatória do presente exemplar — não, porém, como desculpa da qualidade da poesia ou pedido de clemência a quem para os moços nunca foi severo, preferindo, em último caso, ignorá-los a combatê-los. Em verdade, não precisa o Sr. Luiz Otávio de ser julgado com favor. Tem o dom. E sabe como se ama a arte. Nas quadras que formam a maior parte do volume, com frequência se encontra o belo pensamento em forma esmerada. Há imagens que impressionam, dando-nos vontade de decorar a trova inteira. Colhemos ao acaso:

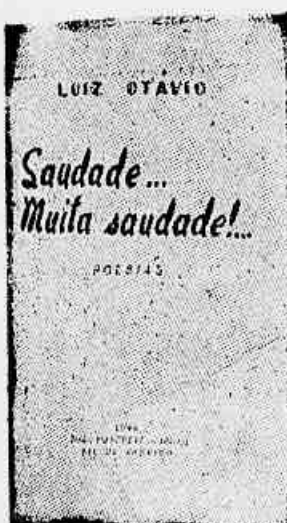
O' doce santa morena!
O' Mãe que não conheci!
Esta tristeza... esta pena...
eu julgo que vem daí.

Muita gente empedernida,
incapaz de um só perdão,
por milagre passa a vida,
vivendo sem coração.

Se demorares, querida,
algo triste se vai dar:
encontrarás a saudade
vivendo no meu lugar.

Não gosto de teimosia...
Mas não sei dizer porque
sendo você tão teimosa,
gosto tanto de você.

Longe de ti, triste eu passo.
(Se vivo nem mesmo sei...)
É cada trova que faço
um beijo que não te dei.



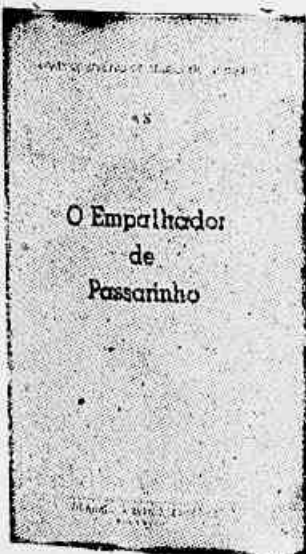
O EMPALHADOR DE PASSARINHO, crônicas e ensaios literários de Mário de Andrade. — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1946.

Prosseguindo na edição "em estante" das obras de Mário de Andrade, nos dá agora a Livraria Martins uma coleção de estudos críticos, com o título, por ele designado: O empalhador de passarinho.

São cerca de cinquenta trabalhos publicados na imprensa, entre 1938 e 1944. Mais rápidos alguns, outros mais desenvolvidos, todos indicam a superior tendência do escritor tão prematura e imprevisivelmente arrebatado pela morte às letras brasileiras. Tendência superior, dizemos, não só pela convicção e o ardor que a elevavam, mas também pela influência que exercia no seu meio. Mário de Andrade se tornou, com efeito, mais que um modernista, um futurista ou como os seus julgadores, quer os adeptos, quer os adversários, lhe queiram chamar; no seu gênero, foi um precursor e um mestre. Os seus companheiros realmente o tinham na conta de chefe. O movimento em que, ha cerca de vinte anos se empenhou uma roda de jovens escritores paulistas, a ele o elegeu como figura suprema. Desde então, ficou Mário de Andrade animando e orientando uma escola. E foi nesse caráter — embora nunca o alardeasse ou assim explicitamente se intitulasse — que o autor da *Paulicéia desvairada* assumiu a função de crítico.

A condição especialmente notável destas páginas está na íntima relação sempre observada entre as idéias e a linguagem. Mário de Andrade escrevia rigorosamente como pensava e desejava — nada mais natural — que os outros pensassem. Usava dum estilo directo, enérgico, e tanto quanto lhe fosse possível, sucinto. Dava às suas afirmações um tom geralmente decisivo. Não devia ter empregado muitas vezes fórmulas tais como "creio, parece-me, no meu entender..." Formulava o conceito como verdade irrefragável. E era sincero — eis a qualidade que poucos escritores, e até entre os mais apreciados, sabem sustentar e impôr. Mário de Andrade mantinha uma coerência veemente, corajosa, entre o doutrinamento e a acção realizadora ou, conforme, mais correntemente se diz, entre a teoria e a prática. Não se parecia absolutamente com o sempre citado Frei Tomás. Assim, para dar força, com o exemplo próprio, à sua tese da língua brasileira, cometia — propositalmente sem dúvida — as mais violentas e, perante a gramática, mais condenáveis incorrecções. Se ainda, nas obras sobre música, observava certas regras clássicas, tratando de literatura, e sobretudo na fase a que o *Empalhador de passarinhos* corresponde, expressamente, ostensivamente curava. Fazia questão disso. Questão de lógica, de lealdade consigo mesmo. E, a poder de audácia — de talento também, está visto! — conseguia impressionar de veras, fazendo-se respeitar.

O *empalhador de passarinhos*, que, para os seus louvores e encorajamentos, escolhe os novos autores, de índole rebelde ou revolucionária perante as chamadas "velhas" isto é: as eternas normas da arte de compor versos ou prosa, terá, pelo menos, uma virtude incontestável: servirá, como talvez nenhuma outra das obras do autor, para definir e explicar aquela excepcional individualidade.



tendência para admirar. E tal virtude, podemos dizer que a Sra. Neves Lobo a possui no mais alto grau. Anima-a o constante desejo de exaltar o merecimento alheio. Todas as superioridades do espírito, do caráter, do sentimento lhe despertam um culto sincero. A princípio dava certo método a essa devoção...



leiga. Na organização dos seus trabalhos em livro, reunia as individualidades conforme a esfera em que houvessem assinalado o seu gênio. Assim as *Glórias Brasileiras* se distribuem em três séries sistematicamente compostas; assim se especializam, como os títulos logo indicam, as duas séries da *Vida dos grandes músicos*, *Os melhores poetas brasileiros* e os *Mestres da pintura*. Mas no presente volume, *Vultos célebres*, não houve o mesmo rigor de classificação. No seu entusiasmo glorificador não esperou a escritora tempo suficiente para incluir estes nomes em obras que dissessem respeito exclusivamente à capacidade política ou ao valor guerreiro, a um campo científico, um gênero literário ou um ramo de arte. E com os louvores que abrangiam vinte notabilidades e já formavam um volume de tamanho considerável — vieram a dar trezentas e trinta páginas — conciliou vultos dos mais diversos e não pertencentes a uma época mas escolhidos no período que vem de Shakespeare nossos dias.

Na maneira de tratar esses eleitos mantém a Sra. Neves Lobo a singeleza que lhe caracteriza todos os trabalhos. No cuidado de averiguar as datas e todo o material informativo e no empenho de tudo expor com perfeita clareza estão as qualidades dominantes da sua obra. E ao prazer que esta possa dar na leitura se alia o seu valor como elemento instrutivo e de pronta consulta.

Os vultos que no presente volume se contêm são: — José Bonifácio, Napoleão Bonaparte, Marconi, Pasteur, Telstoi, Vitor Hugo, Goethe, Voltaire, Maria Antonieta, D'Anunzio e Duse, Maria e Pedro Curie, Bolivar, Edison, Roosevelt, Shakespeare, George Washington, Benjamin Franklin e Alexander Bell.

A SABEDORIA DO PADRE BROWN, contos de G. K. Chesterton, tradução de Lígia J. Smith — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.

O Rev. Brown é um tipo curioso, meio filósofo meio detective. Tem, além disso, uma costela de psicólogo. A sua condição de sacerdote é que pouco influe para o interesse do enredo ou dos diálogos destas narrativas. Contém o presente livro uma dúzia de casos, em geral de natureza ou de aparência criminosa e nos quais o ministro do Senhor se vê envolvido já porque ia passando na ocasião, já porque o chamaram para socorrer a vítima ou ainda porque o foram consultar na sua notória qualidade de polícia amador, capaz de desvendar mistérios dos mais densos e resolver problemas dos mais complicados. Com efeito, a sua argúcia como a de Sherlock Holmes não falha. Empregando análogos processos de observação e dedução, tornou-se digno discípulo do herói de Conan Doyle. E, às vezes até, pretende suplantá-lo. No primeiro destes contos, por exemplo: *A ausência de Mr. Glass*, não só precede e torna dispensáveis as diligências da polícia oficial como desbanca um emulo de Sherlock, profissional como este e igualmente famoso. Trata-se dum caso de assassinato "evidente" e do desaparecimento, "inabitável" também, dum cavalheiro desconhecido das testemunhas mas que, "sem dúvida alguma", se chamava Glass, doutor Glass. Ouviu-se, através da porta dum quarto, a discussão em que os dois personagens se haviam empenhado; o rumor da luta; um tiro, etc. Quando porém, se arrombou a porta, encontrou-se o suposto assassino solidamente amarrado e amordaçado; e a vítima, sem que tivesse podido sair pela porta nem pela janela única do quarto, desaparecera. O detective do officio reconstitue os lances do crime tais como a experiência e o raciocínio lh'os fazem compreender. Mas o pastor de almas sorri da história assim engendrada e em dois tempos apura a verdade dos factos: O que houve foi uma série de experiências do inquilino do quarto, joven ventríluquo, que em segredo se andava exercitando para, mais cedo ou mais tarde, se apresentar, como prestidigitador e ilusionista, ao público dos *music-halls*.

Outros enigmas o padre Brown esclarece de maneira mais ou menos engenhosa. Os contos de G. K. Chesterton não assumem o grau de sensacionalismo, de teatralismo, das concepções do celebre novelista que imaginou *A marca dos quatro* e *O cão dos Barkerville*, assim como não igualam afeição veemente de "pssibilidade" por que aquelas histórias, ainda quando inverossímeis, se impõem. Mas o presente livro não deixa de cumprir a sua missão de entreter, divertir. E de certo o autor, desta vez, não pretendeu outra coisa.

RECEBEMOS:

DISCURSO — João Dault d'Oliveira. Rio, 1946. Recebemos um exemplar do discurso proferido pelo Sr. João Dault d'Oliveira, presidente da Confederação do Comércio, durante o almoço oferecido pelas classes produtoras às delegações estrangeiras á posse do Presidente Eurico Dutra.

VULTOS CÉLEBRES, breves biografias por Chiquinha Neves Lobo — São Paulo, 1946.

A Sra. Chiquinha Neves Lobo adora a biografia. Sete dos seus oito livros publicados se consagram a este gênero que geralmente indica a tão simpática, tão louvável

NAÇÃO ARMADA — Revista civil e militar, N.º 78, do 7.º ano, correspondente a julho de 1946.



NUPCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA

★

ENLACE
AMALITA BRITO
BEZERRA DE MELLO
DR.
DALMO DE VASCON-
CELOS REIS PEREIRA

A noiva, acompanhada de seu pai, ao entrar na igreja.

REALIZOU-SE a 19 de Julho próximo passado o enlace matrimonial da senhorinha Amalita Brito Bezerra de Mello, filha do grande industrial e ilustre economista sr. Othon L. Bezerra de Mello e de D. Maria Amalia Brito Bezerra de Mello, com o Dr. Dalmo de Vasconcelos Reis Pereira, filho do advogado Dr. Hildebrando de Vasconcelos Reis Pereira e de D. Minerva de Vasconcelos Reis Pereira.

Na cerimonia civil, que teve lugar na residencia dos pais da noiva, à Rua Cosme Velho n.º 92, às 11 horas, serviram de testemunhas o Dr. Othon



Os noivos, com seus padrinhos, durante a cerimonia religiosa



Os noivos entre pessoas de suas famílias e Amigos.

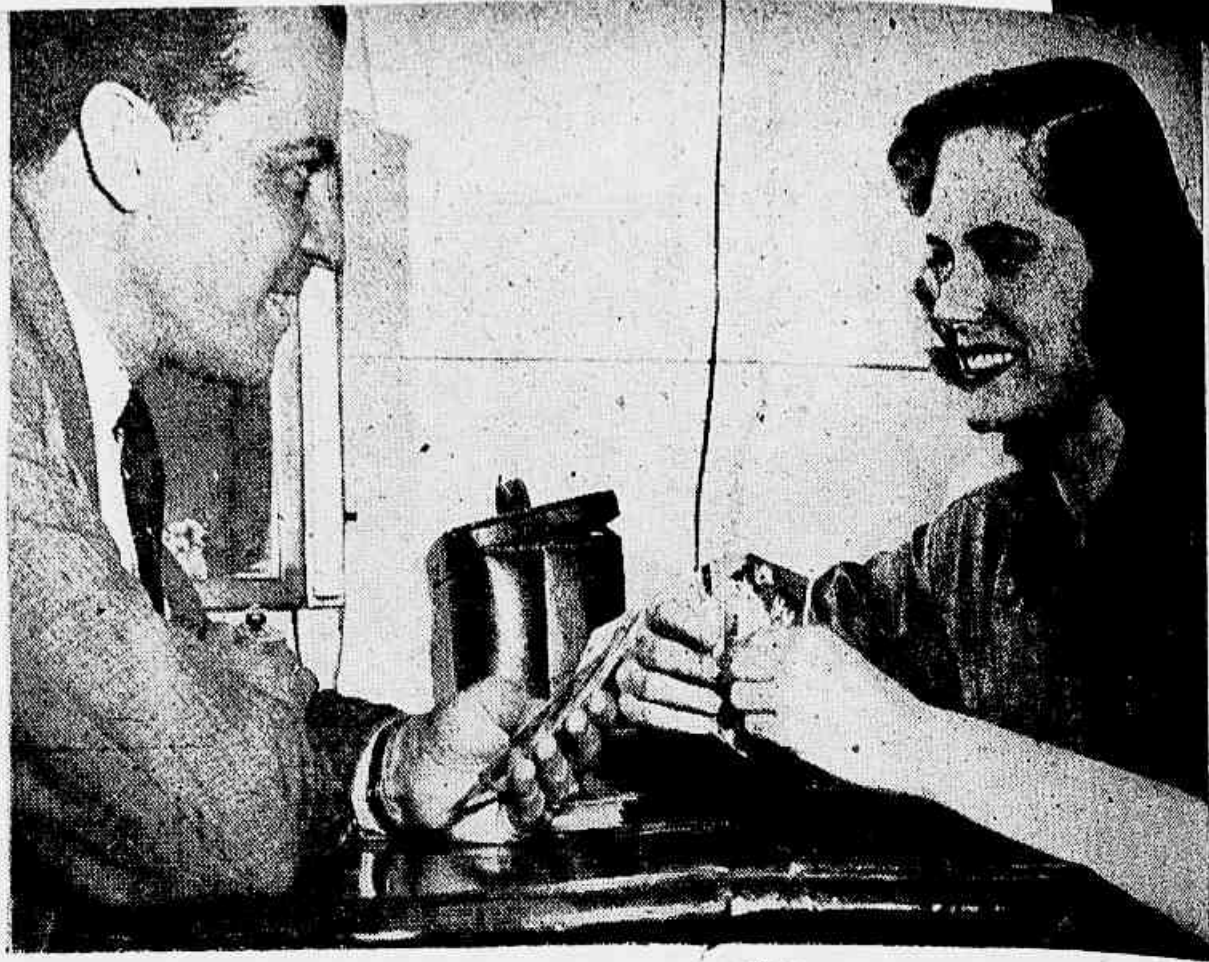
Lynch Bezerra de Mello Junior, a senhora D. Alcina Lynch Bezerra de Mello, o Sr. e a senhora Arthur Brito Bezerra de Mello, por parte do noivo; o Sr. e a senhora Hildebrando de Vasconcelos Reis Pereira e o Sr. e a senhora Rubens Berardo Carneiro da Cunha, por parte da noiva.

A cerimonia religiosa foi celebrada na igreja da Santissima Trindade, à rua Senador Vergueiro, às 17 horas, servindo de paraninfos o Sr. e a Senhora Othon L. Bezerra de Mello e o Sr. e a Senhora Luiz Brito Bezerra de Mello, por parte do noivo; o Sr. e a Senhora Alberto Brito Bezerra de Mello e o Sr. e a Senhora Jayme da Silva Loyo, por parte da noiva.

Após a cerimonia religiosa o Senhor e a Senhora Othon L. Bezerra de Mello receberam seus convidados em sua residencia à Rua Cosme Velho n.º 92, em cujo parque foi servida uma lanta ceia.



Os noivos cortando o bolo nupcial.



A REVISTA EM HOLLYWOOD

A' esquerda: Dick Haymes e sua esposa, trabalham conhecimento com a REVISTA DA SEMANA, por intermedio de Louis Serrano. E parecem ter encontrado qualquer coisa engraçada no texto! — A' direita: Alex Smith recebe a visita do illustre desaparecido senhor Ramon Novarro, com quem joga uma partida de cartas. Será namoro? Não, não, mil vezes não, senhores!

Hollywood, julho. (Por Louis Serrano) — Olga San Juan é uma garota esfusiante de graça, com dois olhos que parecem duas bombas atômicas. Ela costuma dizer que nasceu no Brooklyn, e isso mesmo declarou verbalmente na entrevista aqui gravada com Celestino Silveira nos estúdios da Paramount. Na realidade, parece que Olga San Juan nasceu em San Juan de Puerto Rico, e daí o aproveitamento do nome — San Juan. Ela é o "ai Jesus" dos estúdios, e desde os figurinistas até os maiores, diretores e artistas, não ha quem deixe de se envolver no perigo iminente de miss Olga.

Si a bomba de Bikini não levasse o nome de Gilda, outro ainda mais apropriado seria o dessa incorrigível garota, cujo tempo de folga é sempre consumido em pregar partidas aos colegas, em inventar pequeninas "intrigas" e em se deixar seduzir... á distancia. Sim, porque demais perto. Olga San Juan não dá conversa. Quando lhe perguntam si pretende casar-se muito breve, pisca os olhos, sorri com malícia e limita-se a responder com um arsinho petulante, atrevido:

— Casar... p'ra que? Acha que eu preciso casar-me?

E o interlocutor fica sem geito, não acertando com a resposta. Olga San Juan desconcerta o mais incauto reporter. Foi o que também sucedeu comigo.

O retrato que hoje ofereço aos leitores da REVISTA, me foi entregue pessoalmente pela "estrelinha". Com uma recomendação expressa: A de acrescentar que no original ela é muito, mas mesmo muito mais bonita do que na reprodução...

E posso garantir que a "estrela" não mente, não.

A' esquerda: Olga San Juan, a mais recente "descoberta" da Paramount que alça com Bing Crosby em "Bleu Sky". — A' direita, em cima: Uma pose sofisticada de Betty Hutton. Ela é a heroína de "Dinheiro não dá felicidade", e de "Chispa de Fogo". — Em baixo: Linda Darnell em "Ana e o Rei do Siao". — E finalmente, George Montgomery casado com a cantora Dinah Shore — e o cachorro de estimação do casal.



a esposa,
REVISTA
de Louis
do qual
— A di-
do ilus-
Novarro,
e cartas,
vezes não,

Louis
Juan é
graça,
parecem
cla cos-
eu no
decla-
revista
ino Sil-
Para-
ece que
ern San
e daí o
— San
dos es-
rinistas
s e ar-
e de se
ente de

não le-
, outro
seria o
a, cujo
e consu-
aos co-
ueninas
r sedu-
porque
n Juan
ndo lhe
casar-se
os, sorri
respon-
tulan-
te,

Acha
?
m geito,
esposta.
certa o
oi o que
O.
reço aos
e foi en-
a "estre-
endação
ntar que
to, mas
onita do
a "estre-

a mais re-
unt que al-
eu Skyes".
pôse sofis-
heroína de
de "Chis-
da Darnell
— E final-
sado com a
achorro de



Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:



ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,



por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e
na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servido-
res da Estrada de Ferro Central do Brasil (8.º and.
da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Ofi-
cinas do Engenho de Dentro em irradiação feita
simultaneamente.



INFORMAÇÕES:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
11.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,
—— Fones 43-9331 e 43-9562 ——



LÃ E PELES

Esta é uma interessante combinação
de lã clara e peles de leopardo,
apresentada neste inédito modelo
exibido pela "glamourosa" Lucille
Ball, estrela da M.G.M.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!



Produto
COSTA PENNA
BAHIA BRASIL



como estou outra agora...

Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora são, estão brilhantes, sedosos, são e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fina sem empinar, evita a caspa e a queda de cabelo. Depois de permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá o brilho natural. Nos cabeleireiros de 1.ª ou nas suas 8 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS FINESSO TÍPICO FINESSE DO CABELO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 tel. 82

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

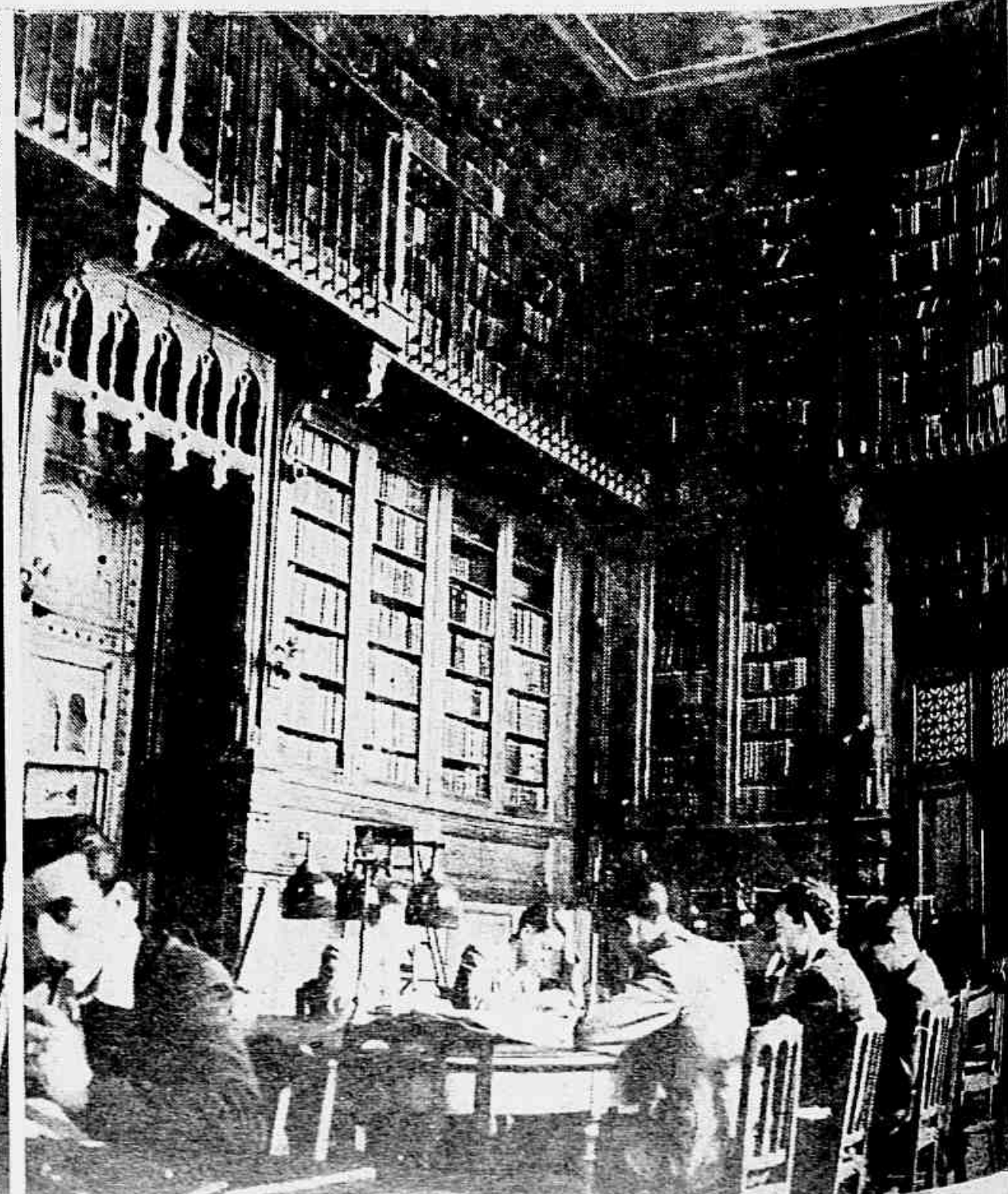
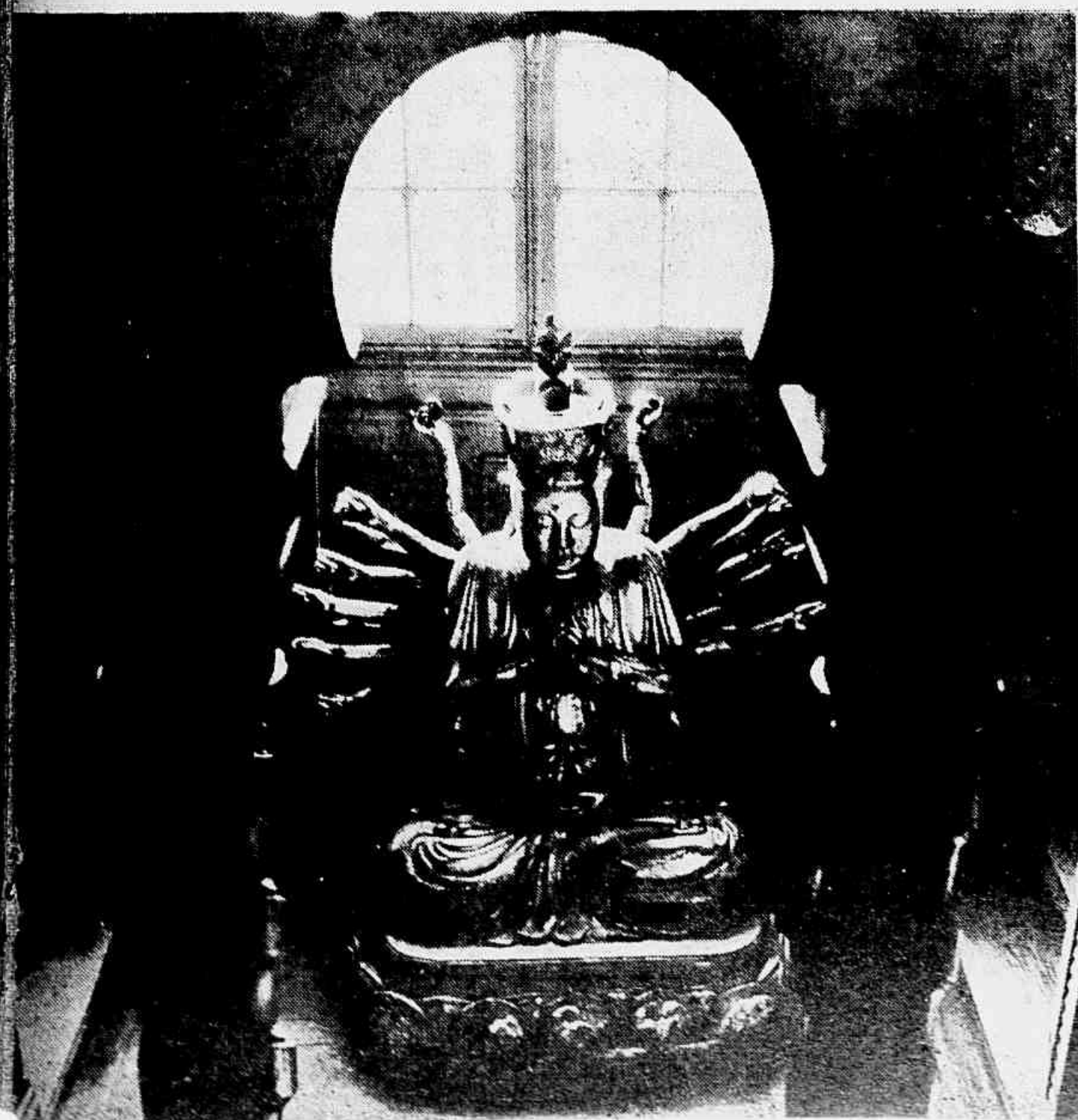
R3

Angela Greene é quem apresenta este modelo de feitiço simples, cujos motivos ornamentais, resumem-se no original dade do estampado, de inspiração azteca.

ESTAMPADOS



Pateo interior da Escola (ao alto), podendo vêr-se dois alunos uniformizados. Ali se formam os futuros administradores das colônias francesas. Em baixo, à esquerda, estatua conservada em lembrança do objetivo inicial da fundação, isto é, acolher as missões cambodgianas. A' direita: A biblioteca, onde os alunos da Escola Nacional da França de Ultramar encontram cinquenta mil volumes à sua disposição. Entra-se nessa escola por concurso, e a fundação desse estabelecimento data de 1886.



A FRANÇA

DE ULTRA-MAR

A cultura não deve ser monopólio de nenhuma classe e de nenhum país: é um bem que deve tocar a todos. Esse o pensamento da França de ontem. Esse o pensamento da França de hoje. Para preparar os franceses de ultra-mar, isto é, os que nasceram nos territórios da União Francesa, foi fundada, em 1886, a Escola Nacional da França de Ultra-mar. Administrativamente é a escola dirigida por um superintendente e um superintendente adjunto, assistidos por um Conselho, por sua vez nomeado pelo Ministro da França de Ultra-Mar, e compreende três secções: 1) a da África Oriental e Ocidental; 2) a da Índochina; 3) a da África do Norte.

Os alunos entram para a escola por meio de concurso. Duram os estudos, dois anos, versando sobre vários matérias entre as quais o direito metropolitano e ultramarino, as línguas inglesa e alemã, odontologia, etnografia, geografia, direito comercial, higiene colonial e outras.

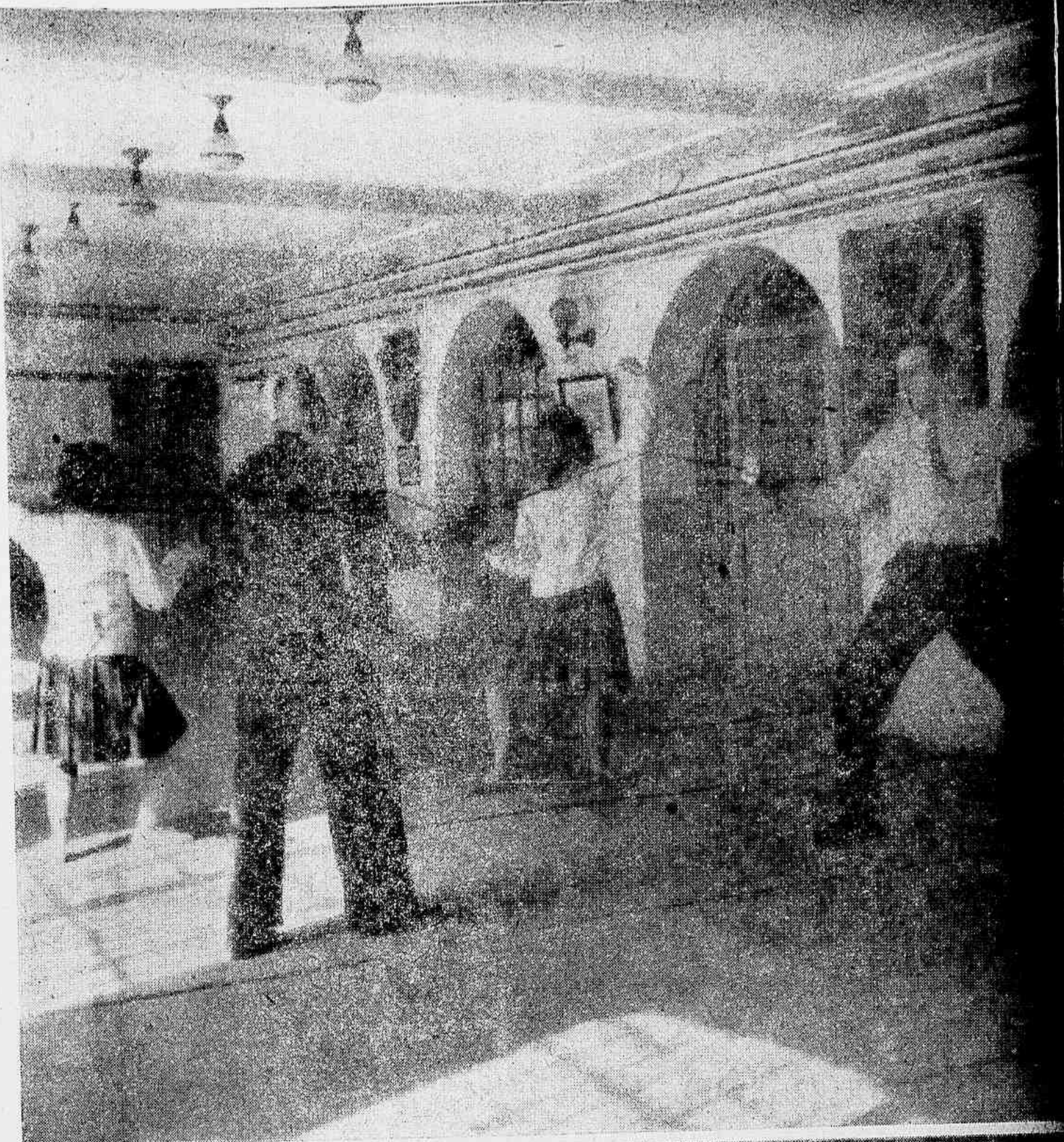
Nesse estabelecimento, é obrigatório o ensino da esgrima, como se vê em uma das gravuras destas páginas. A biblioteca da escola, que foi fundada por Auguste Pavis, é uma das mais completas de todo país. Numa dependência importante do edifício, é conservada a estatua em lembrança do objetivo inicial da sua fundação. Esse objetivo é o de acolher as missões cambodgianas para bem educa-las. Três secções são distribuídas nos trabalhos: África Negra, Madagascar, Índochina e África do Norte.

Ali os alunos entrando por concurso, não pertencem a qualquer seleção de classe social. Tanto pode matricular-se na Escola Nacional da França de Ultra-mar, o filho da família rica, e cujas posses lhe permite um curso demorado, sem desequilíbrio para sua situação financeira, como o filho do proletário, pois a este o Estado dará o necessário auxílio de ordem material. Milhares de alunos tem sido diplomados, voltando para seu torrão natal com uma visão esclarecida da França e de seu poder colonial.

Por muito tempo se fez sentir uma campanha de oposição á fundação desse estabelecimento de ensino, admitindo-se que o seu verdadeiro propósito seria de tirar aos alunos, procedentes das colônias, seu entranhado amor pela colônia, transferindo-o para a metrópole. Mas, bem cedo ficou demonstrado não haver fundamento algum nessa suspeita. A França possui suas colônias e precisa abastecê-las de indivíduos, nelas nascidos, mas de cultura suficiente para servir á coletividade. Empreendimentos de arte, outros de caráter esportivo, iniciativas literárias, enfim, lições de toda a natureza, são ministradas aos pequenos franceses das colônias.

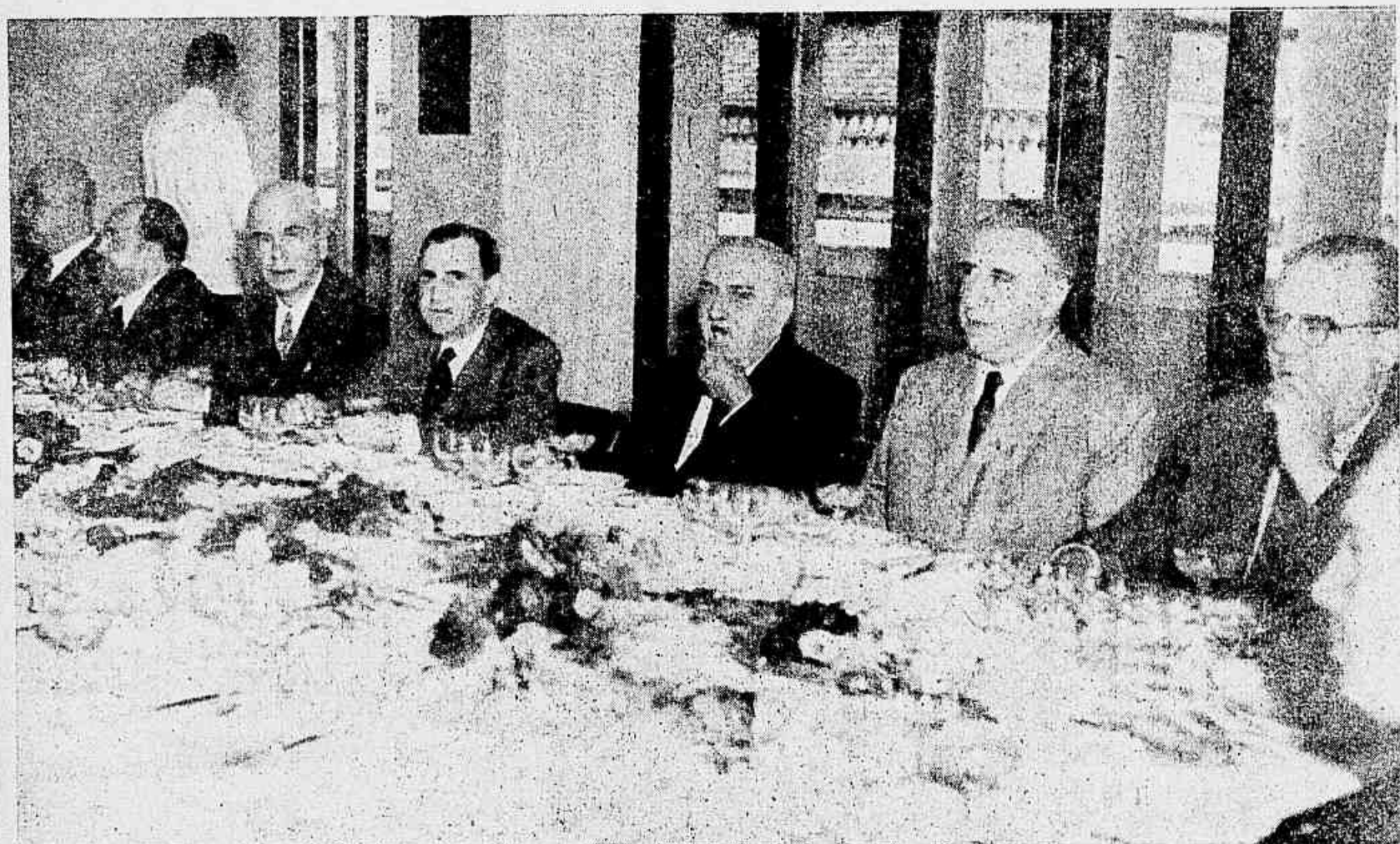
E', enfim, obra sólida, de larga repercussão internacional, originada de um estabelecimento de ensino modelar.

Em cima: Aula prática de esgrima, que é das matérias obrigatórias na Escola Nacional da França de ultra-mar. Ao lado: o sr. Jean Dartel, diretor-adjunto da escola criada especialmente para alunos das colônias francesas, em sua mesa de trabalho.

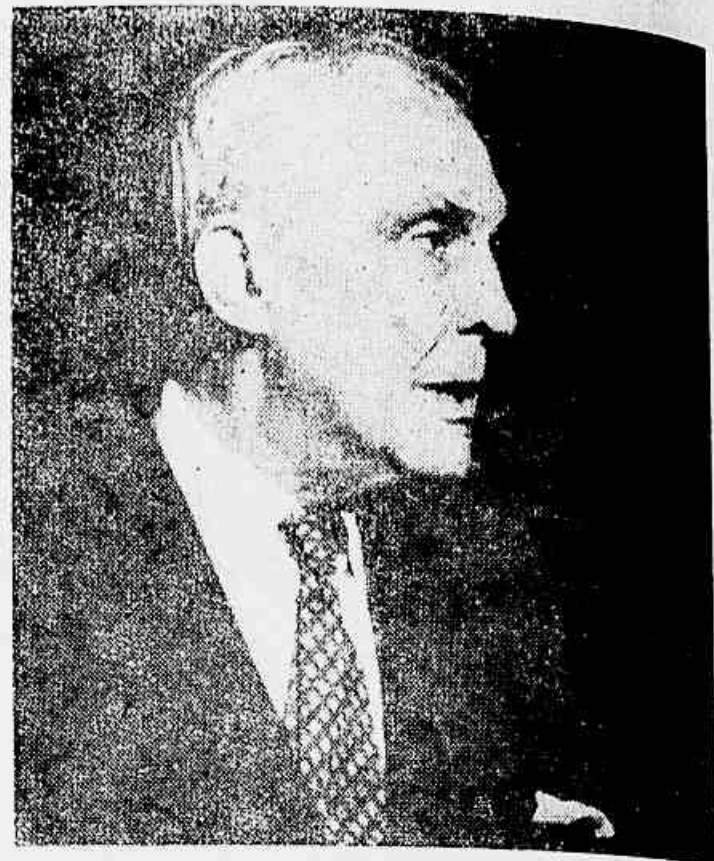




Um pouco antes da recente celebração do 870 aniversário da Catedral de Lund, os estudantes dessa cidade sueca realizaram um grande carnaval, revivendo tradições de antes da guerra. Na gravura, uma velha embarcação Viking certamente manejada por uma tripulação menos guerreira do que nos dias dos Vikings.

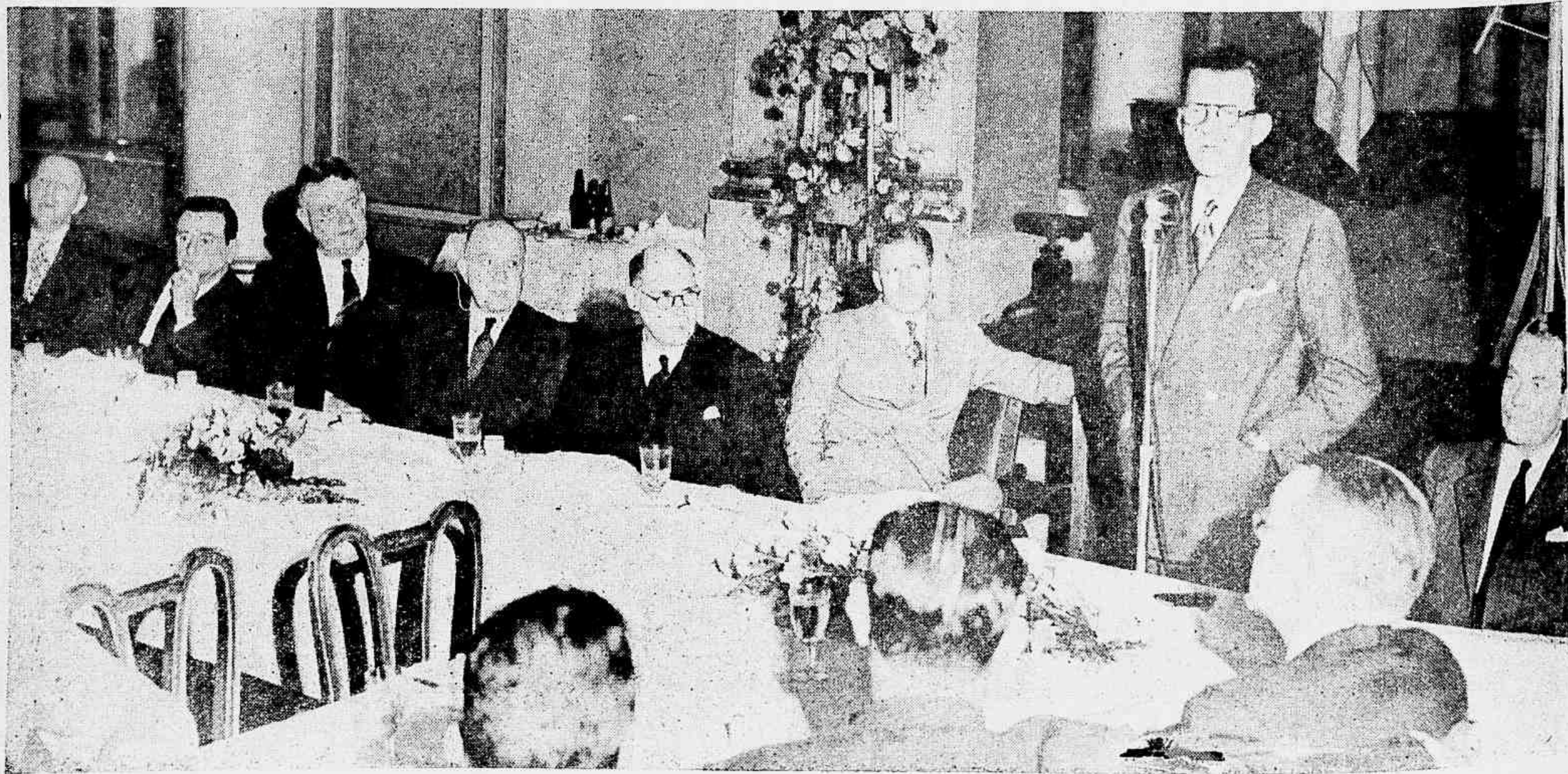


Por motivo de sua partida para a Europa na chefia da Delegação Brasileira à Conferência da Paz a reunir-se em Paris, a diretoria da Associação B. de Imprensa homenageou o sr. João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores, com um almoço no qual tomaram parte destacadas figuras, como se vê na foto acima.

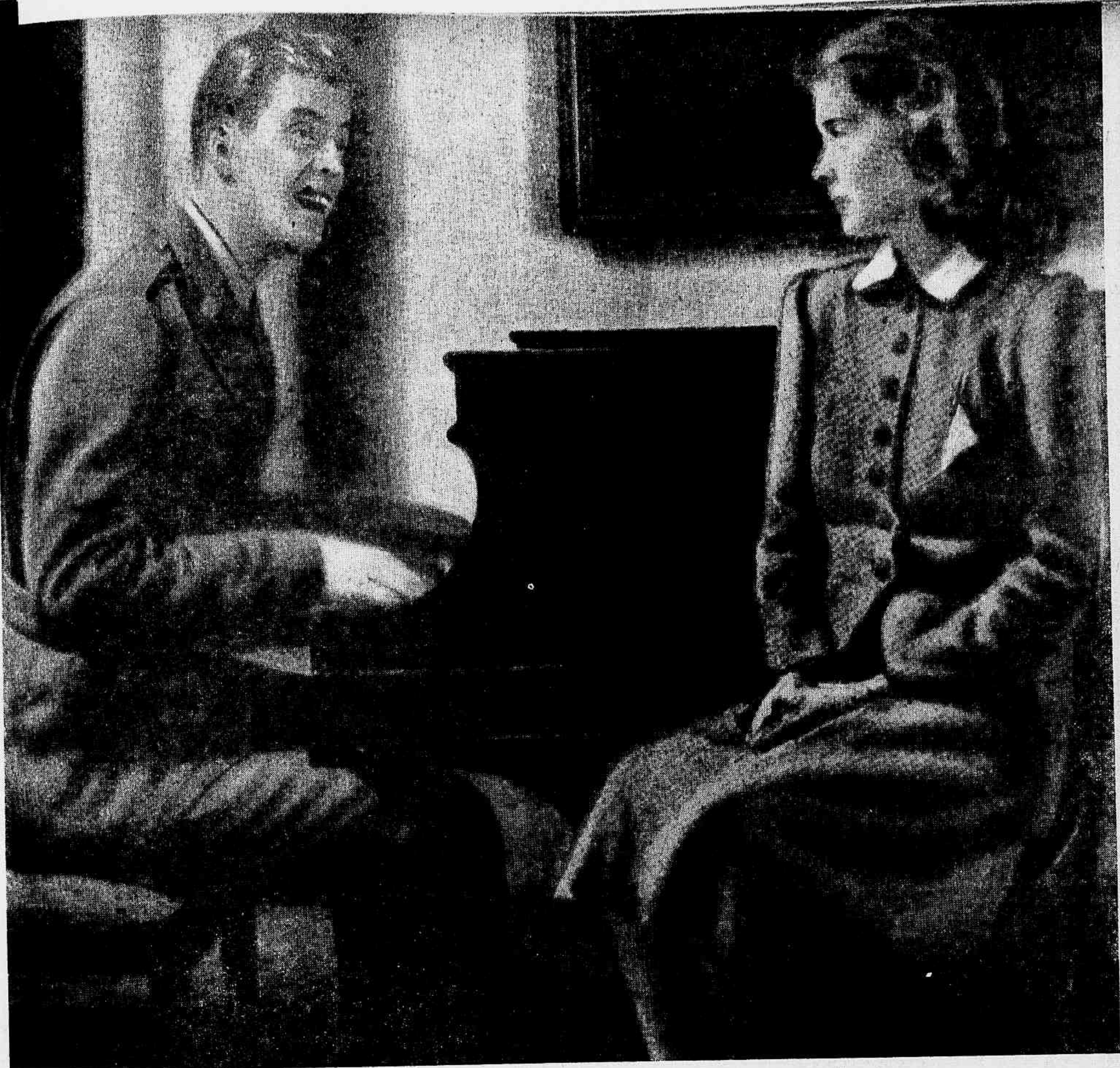


Realizou-se a 26 do mês passado a conferência de João Luso sobre Raimundo Correia — a 3.^a da série com que a Academia de Letras comemora o seu Cincoentenário. Durante assistência que encheu os salões, o orador falou sobre: — Os grandes homens e os seus creados de quarto — A conquista duma afeição — O falado pessimismo de Raimundo Correia — Como se desfaz essa lenda — A propósito do Mal secreto — O Horóscopo, obra de arte — As enigmatopéias e as aliterações — O verso "Raia, sangüínea e fresca, a madrugada" — O Juiz Raimundo Correia e certos advogados — Uma paródia das "Pombas" — Raimundo na velha sala do "Jornal do Commercio" — Quando o poeta recordava e ria — A república de Tabatinguera — Um poeta da Velha Guarda e a grande virtude dos seus versos — Um discurso parlamentar — Um admirador do Chiado — Raimundo, amador de frivolidades — Elogio da frivolidade — O fabordão — Raimundo Correia, poeta de amor.

FIGURAS E FATOS



Flagrante do novo Embaixador norte-americano no Brasil, sr. William Pawley, quando faz lava sobre a reciprocidade das relações comerciais entre o nosso país e os EE. UU., no banquete que lhe foi oferecido pela Câmara de Comercio Americana do Brasil.



ELA deu uma última vista d'olhos em tudo e, finalmente convencida de que nada mais poderia fazer, saiu. O jantar estava pronto e ela esperava que ele não demorasse muito a chegar. Requentado, nunca era a mesma coisa.

Quando a notícia de sua volta chegara, ela, a princípio, se entregara à natural alegria do regresso anunciado. Porém, mais tarde, vendo como era curta a licença de que ele gozaria — uma noite somente — ela começara, laboriosamente, a elaborar um plano completo para as poucas horas de que ele disponha.

Um jantar bem feito, seria, sem dúvida, recebido com entusiasmo, depois da comida saudavel mas preparada sem requintes culinários, do exército. Depois, talvez ele quisesse divertir-se. Havia tanto tempo que não se viam... Não. Melhor seria ficarem em casa, sozinhos. Assim, poderiam por em dia os assuntos atrasados. Há quanto tempo não o via... Ele, sem dúvida, não haveria de querer falar sobre a guerra. Vinha para casa afim de esquecer a guerra. Falariam sobre o passado. Sobre o futuro, também. Sim, sobretudo sobre o futuro.

O trem não se atrasou. Bob vinha magro e pálido, mas a alegria natural do encontro o animou bastante.

— Alô, querida.

A única coisa que ela pode dizer naquele momento foi:

— Alô.

Sentia-se constrangida. Não saberia explicar, certamente, porque tudo aquilo que planejara contar-lhe, desde o primeiro momento

não lhe ocorria. Uma falata de assunto embaraçadora pesava...

— Como foi de viagem?

— Bem.

Ele respondia por monossílabos. Também não ajudava...

— Preparei um jantar para você.

— Ótimo.

— Acho que você vai gostar... Fiz todos os pratos que você gosta...

Ele sorriu: Todos? Vai me dar uma indicação?

Ela estava satisfeita. Ele, afinal, sorria. Porque, ó porque, tivera que planejar aquilo tão diferente? Sentia que o normal é o que estava acontecendo — ele tranquilo, satisfeito de estar de novo em casa, com a esposa. Ela, ansiosa, fazendo o possível para que ele se sentisse bem. Entretanto, a ausencia prolongada deixara que a imaginação dela criasse uma vida diferente, impossível, romantica. Ele nem sequer a beijara. Por que a beijaria, aliás? Ela mesmo não encontrava resposta.

Ele perguntou:

— Mamãe telefonou?

— Falou de San Francisco. Disse que tornaria a telefonar às nove horas, para falar com você.

— Está bem.

Novo silêncio.

— E' Jane, como vai?

— Vai indo. Sempre sofrendo de reumatismo. Mas eu ainda dou graças a Deus de ter alguém que me ajude em casa. Hoje não há criadas. E' um problema.

Subitamente, ela sentiu como deveria pare-

cer ridículo a um homem que enfrentara a morte várias vezes, uma pessoa se queixando por causa de criadas. Não era esse o assunto que ela queria tratar. Falaria, segundo seu plano, do seu amor, da sua ansiedade, da espera horrorosa. Mas, afinal de contas, esses sentimentos, demasiado profundos, poderiam, na verdade, ser expressos, sem o exagero que os tornava ridículo? Tinha a certeza de que ela sabia de tudo. Não seria preciso dizê-lo.

O taxi parou à porta de casa. Ela lembrou-se que ele gostava de sentar-se depois do jantar e discutir os negócios do dia. Talvez, naquele momento...

— Você, acha que dá tempo para eu tomar um banho? Sinto-me sujo...

— Pode. Enquanto isso, eu vou preparando a ceia.

— Ótimo.

Ele foi para o banheiro. Com um sorriso, ela lembrou-se de que era seu hábito molhar tudo, jogar a toalha a um canto. E que ela sempre reclamava:

— Você parece uma criança mal educada.

A VOLTA

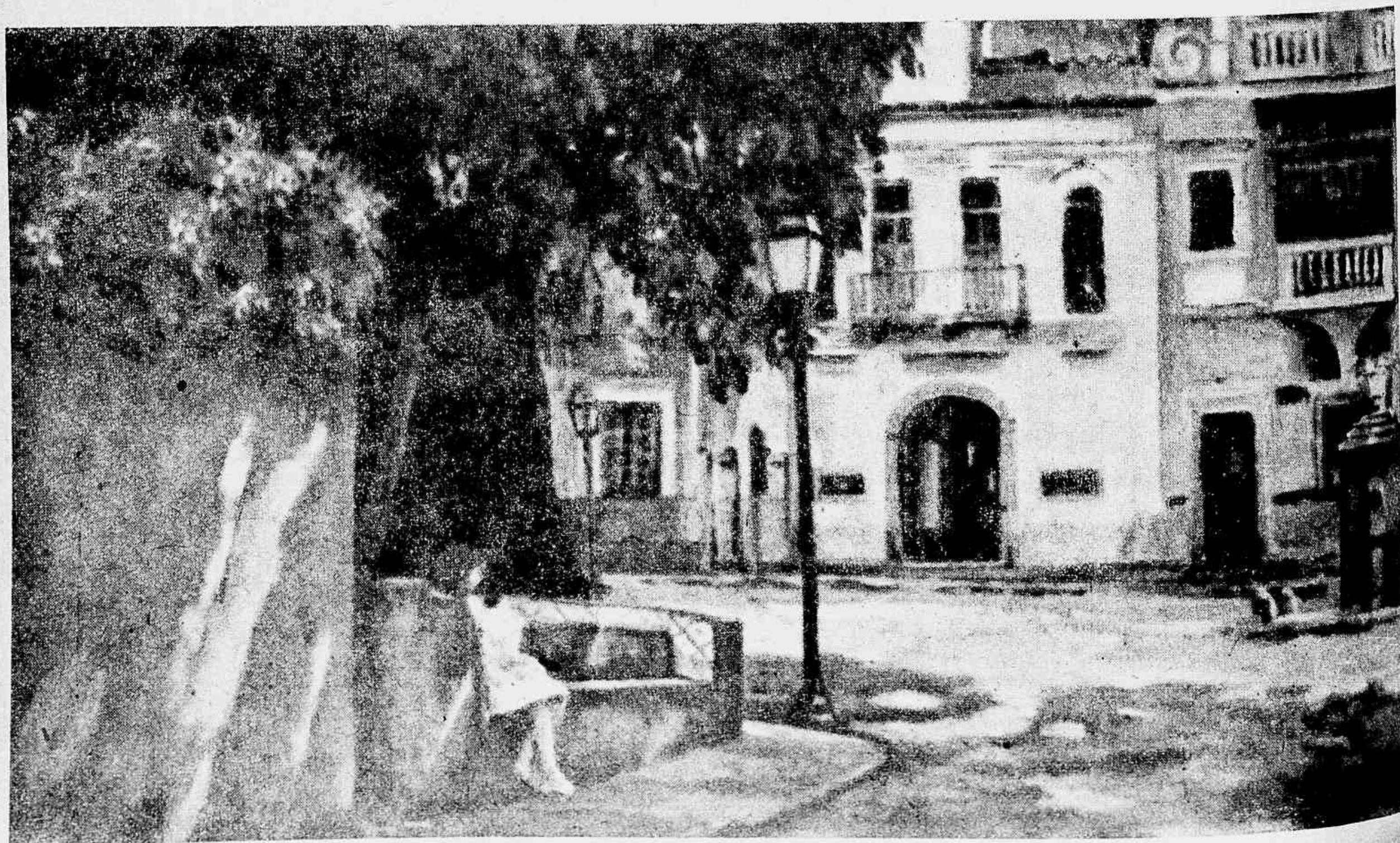
Conto de DOROTHY HUGHES



Artes plasticas

Trata-se de um artista novo. Ele não conhece as emoções de uma exposição inteiramente sua, nem merece ainda as classicas referências lisongeiças e amáveis. No seu caso, porém, não carece da exposição para recebê-las, e com justiça. José Batista Morais — esse o seu nome — vale pelo que pinta, pela segurança de suas telas, pela reprodução fiel e convincente dos exteriores, dos interiores, dos detalhes de natureza morta, das paisagens que vai apanhar no dia a dia da nossa grande cidade. Aqui estão, nesta página, três exemplos, e sem duvida os originais possuem relêvo extraordinariamente maior.

A primeira exposição desse artista vai inaugurar-se dia 17 do corrente, no saguão do Liceu de Artes e Ofícios sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Belas Artes, devendo estender-se por duas semanas. E será um legítimo acontecimento da temporada.





RENDAS E PLUMAS

LONDRES — Duas modas encantadoras e impregnadas de um perfume sutil dos velhos tempos — chapéus adornados com penas de avestruz e luvas de rendas, estão sendo novamente vistos em Londres. Sua Magestade a Rainha e S.A.R. a Princeza, Elizabeth usaram chapéus de penas de avestruz na tribuna de honra do Desfile da Vitória. Isto significa que estamos retornando ao romantismo e á poesia? Esperamos que sim.

Principalmente para as senhoras de trinta ou mais anos de idade, as penas de avestruz não podem deixar de ser consideradas como uma moda atraente. A realidade é que esse material outorga dignidade a qualquer "toilette" e a qualquer rosto tranquilo.

Também as luvas de renda ou em forma de rede estão merecendo as maiores atenções das elegantes londrinas, que as usam principalmente nos "parties" á noite.

E assim, surge a mulher novamente com os recursos mais femininos e atraentes da moda. Rendas e plumas... Haverá algo mais feminino?

Por **VICTORIA CHAPELLE**



Em cima: Londres assiste ao renascimento das luvas de renda, ali está um lindíssimo modelo em preto. A direita: Chapéu de feltro, com fita larga de seda, fartas penas negras de avestruz e véu sobre o rosto.

PRÓPRIO PARA MOCINHAS

7 — Saia marron com duas pregas, jaqueta azul, enfeitada com fita também azul, plissada e formando dois laços. 8 — Gracioso modelo em quadros preto e branco, pala pespontada nos ombros, prendendo franzidos. Aplicações e laço em tafetá vermelho. 9 — Modelinho pratico, em tecido listrado. Tiras enviezadas na frente. Gola e bolsos em tecido unido. 10 — Para reuniões, modelo em tafetá azul celeste. Mangas formadas por preguiados que terminam em "V" na blusa. Babadinho "godet" na saia. 11 — Vestido de seda azul marinho, blusa franzida, com amplo "jabot". Faixa de tafetá rosa claro. 12 — Modelo de "albêne" turquesa, com fita de veludo marron enfiada, terminando em gracioso "chou" na cintura.



8

9

7



10

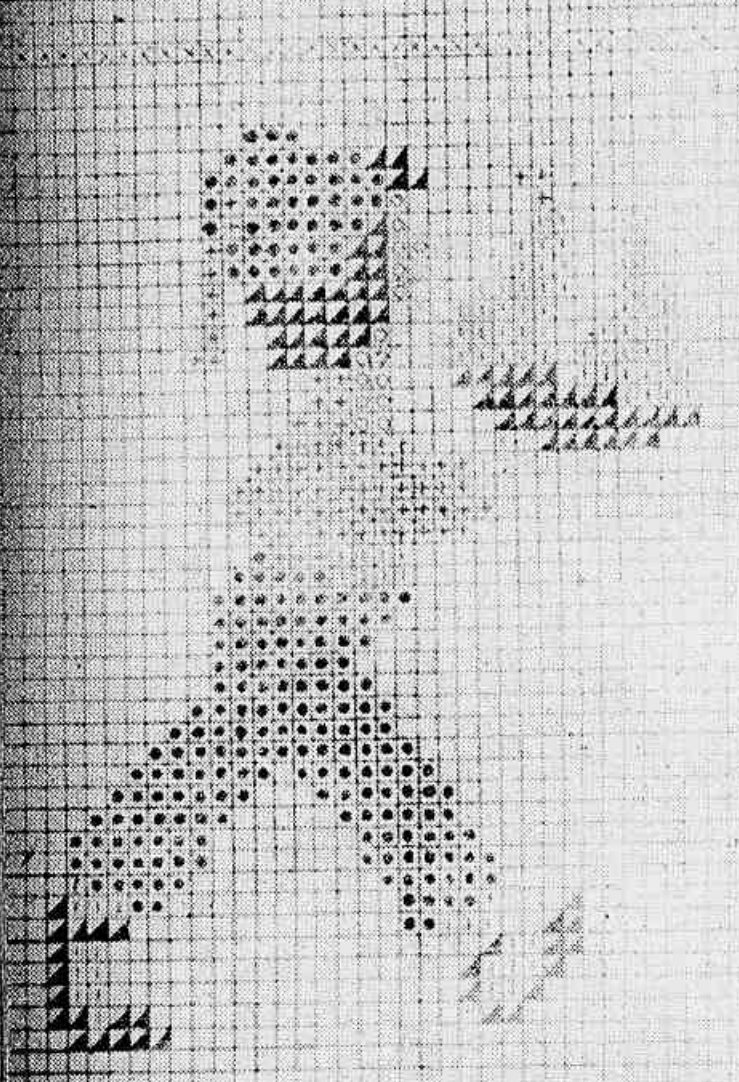
11

12

TAILLEURS

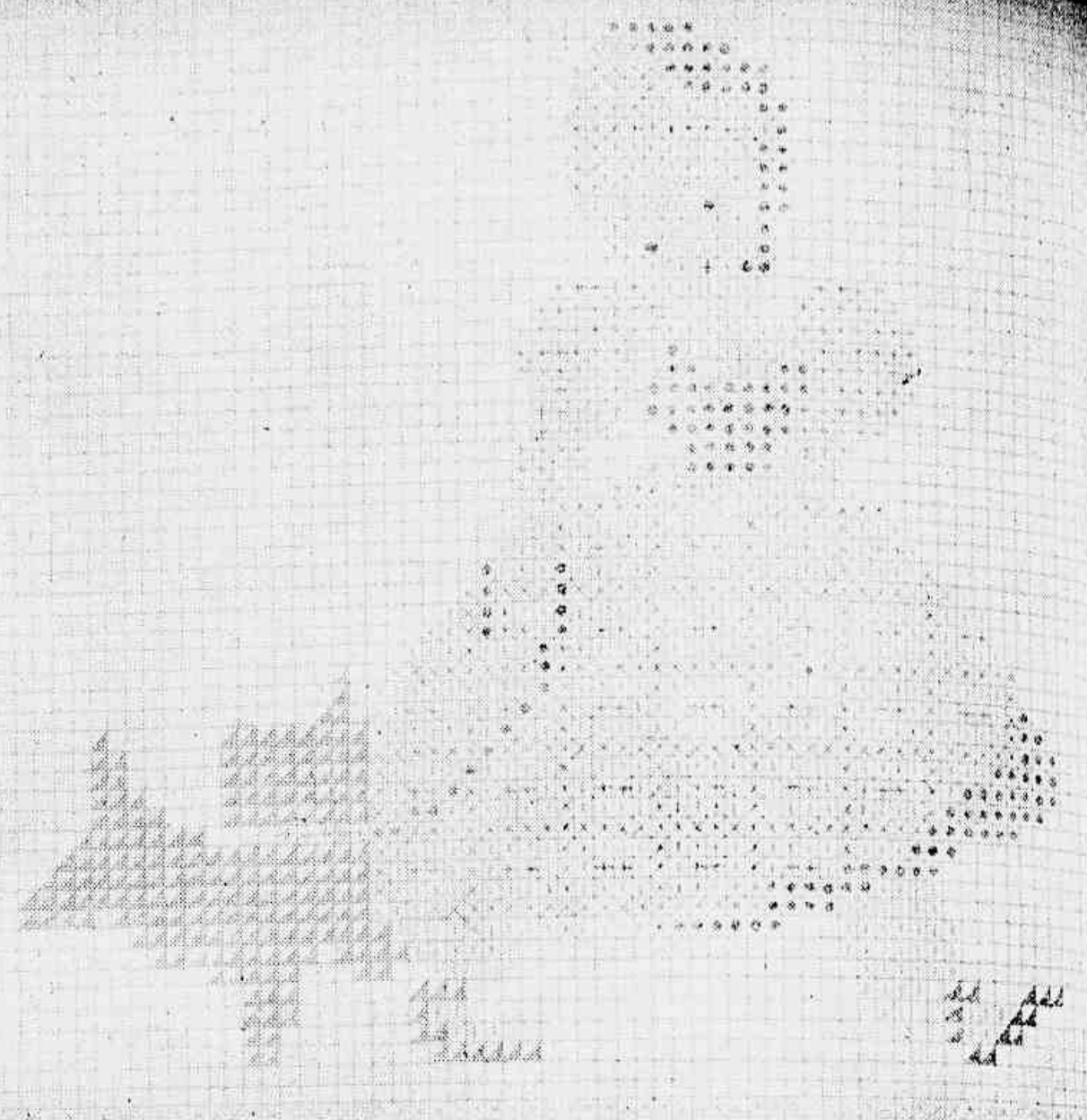
1) "Tailleur" de lã verde bordado com "soutache" do mesmo tom. 2) "Tailleur" de veludo negro com lapela e galão bordado em "cordonnet". 3) Modêlo suntuôso em lã verde garrafa, casaco todo bordado com "soutache". 4) "Tailleur" em lã "bordeaux", grande "plastron" bordado a "soutache". 5) "Tailleur" de lã negra com fino trabalho de "soutache".





CHAVE

■	= 469
□	= 489
■	= 523
■	= 764
■	= 699
■	= 590



1857
Material Necessario: —
 Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".
 2 meadas de cada — F469 (Vermelho Fogo)
 F489 (Amarelo Canario) F523 (Jade) F764 (Azul Forte).
 1 meada de cada — F590 (Beije escuro) F699 (Preto).

(Usar três fios de linha)

45 x 50 cm. de Talagarça Creme, ou um ou-

TRABALHOS MANUAIS

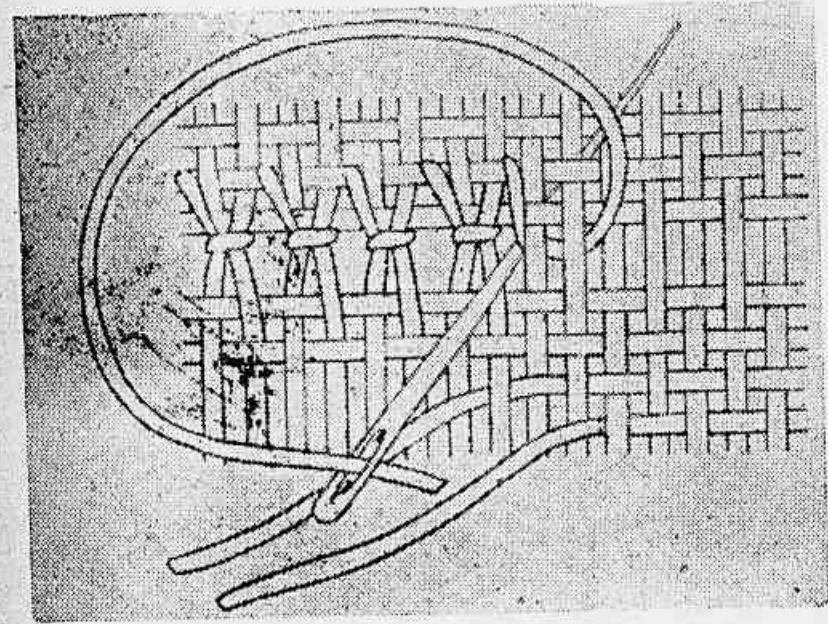
TOALHA PARA BANDEJA

tro tecido que tenha os fics da mesma grossura, tendo 28 fios para 2,5 cm. 1 agulha Milward para tapeçaria, n.º 23.

côr semelhante á do tecido, amarrando somente dois fios de cada vez.

Recortar o tecido em toda a volta da toalha deixando 6 cm. á contar da bainha aberta, desfiando toda essa parte para fazer uma franja. Fazer uma franja de nó de cada uma das cores usadas no bordado intercalando-as com as do proprio tecido. Passar bem o bordado pelo lado do avesso.

Este trabalho também pode ser feito com: Linha Brilhante Perola marca "Ancora" n.º 8 (Nov. de 10 gramas) usando 1 novelo de cada uma das cores acima mencionadas.

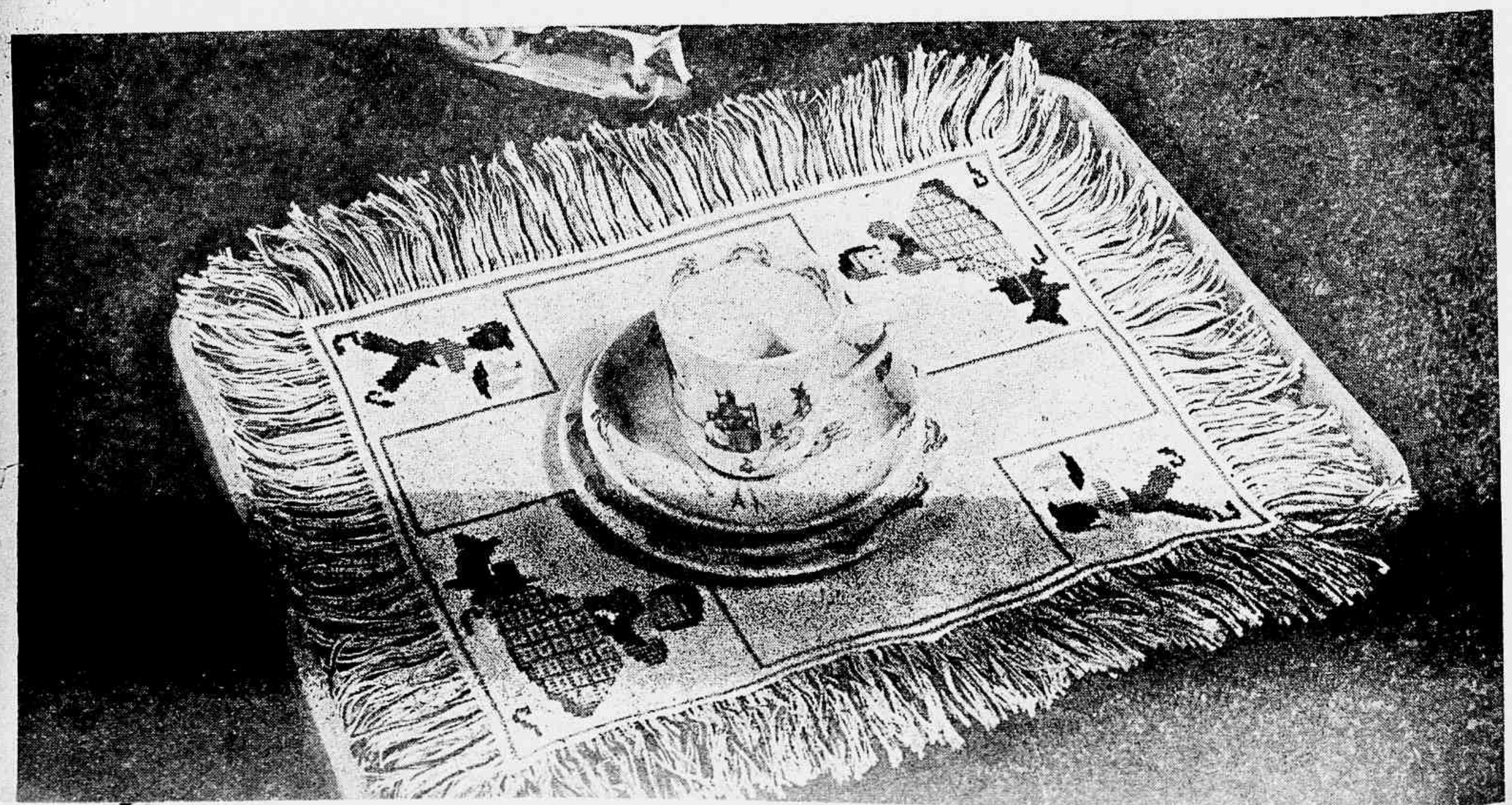
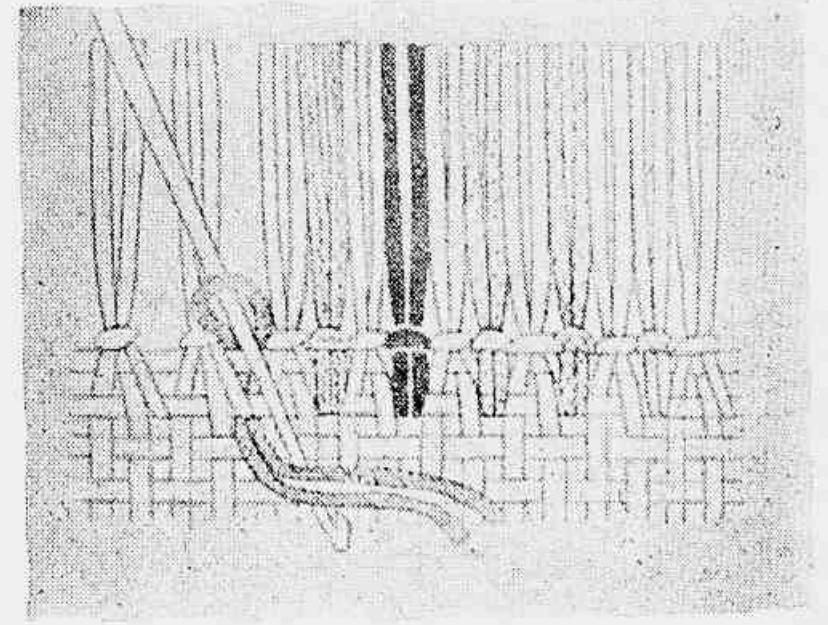


Os pontos de cruz são trabalhos sobre dois fios de cada lado da trama, 14 cruces para 2,5 cm.

Começar trabalhar no canto a 7,5 cm. das bordas, seguindo o diagrama I e chave para o desenho e colocação de cores. Esse diagrama mostra metade do desenho, devendo-se fazer a outra metade, da mesma maneira para completar a toalha.

Os quadros no fundo do diagrama representam dois do tecido.

Depois do trabalho terminado, contar seis fios fóra da carreira de ponto de cruz e retirar um fio, fazendo ponto ajour com linha de



ALCOVITEIROS ILUSTRES

Ignéz Mariz

A alcovitice não é uma ocupação privativa de comadres provincianas, como poderá parecer à primeira vista. Reis, padres e magistrados também podem ser alcoviteiros. D. João VI exerceu esta "profissão" quando Príncipe Regente e depois de Rei caiu em reincidência. Padre Manuel da Nobrega não foi, em última análise, senão um grande agente casamenteiro, e o desembargador João Rodrigues de Brito também se exercitou nêsse agradável passatempo...

A decisão do Reino, de 15 de dezembro de 1810, remetida ao governador da Bahia, mandava acabar com o uso das rótulas nas portas e janelas da Boa Terra.

Não sossego enquanto não consigo destrinchar o "porque" de certas leis. Saí pois de déu em déu, de autor, procurando explicação para o arrasamento daquelas venezianas. Parece que existe uma providência especial regendo o destino dos pesquisadores de assuntos históricos. Naturalmente a gente precisa ajudar êsse gênio bom com um pouco de lógica, respondendo a perguntas como essas: Qual o autor que se teria interessado pelo mesmo assunto em que trabalha agora? Qual o livro que, pelo título poderá conter a matéria que me empolga neste momento? Se a pessoa está apta a responder, é quase certo o esclarecimento da dúvida. Às vezes, porém, dá-se com os burros nágua, ficando perdidas horas e horas de penoso trabalho. Tive sorte, no caso das rotulas. Talvez aí se tratasse apenas de uma reminiscência de leitura feita há muitos anos passados. Não sei nem isso tem importância agora. O essencial é que se tome conhecimento do seguinte: encontrei explicação para o assunto nas "Cartas econômico-políticas" sobre agricultura e comércio da Bahia, pelo desembargador João Rodrigues de Brito e outros. A 20 de maio de 1807 o Senado da Câmara da Boa Terra, apelando para a sua autoridade, enviava àquele senhor uma espécie de intimação, para que respondesse a umas perguntas muito sérias, cujas respostas interessavam sobretudo ao governo local.

A vadiagem era de amargar, na Bahia daquele tempo. E o magistrado, estudando as suas origens, classificou-as pela ordem, sendo que o motivo n.º 7 era "a reclusão do sexo feminino, a quem os costumes dêste país têm reduzido aos exercícios domésticos do interior da casa, os quais não bastando para ocupar um tão grande número de braços, fica por conseguinte aquela bela metade da nossa povoação destituida de meios de subsistência, e a cargo dos varões, que por isso evitam os matrimônios. Nêste particular a introdução dos costumes das Nações mais civilizadas da Europa, onde o belo sexo se ocupa em vender nas lojas, e no exercício de todas as artes, que não exigem grandes forças, não só duplicaria a soma das riquezas anualmente produzidas pelo trabalho humano, mas também a povoação; e eu ousa crêr que as suas virtudes não perderiam nada na livre comunicação e trato civil dos homens; antes a maior independência, em que ficariam a respeito deles, as preservaria dos perigos, a que expõe a necessidade. Além disto o hábito do trabalho ativo lhes daria uma constituição mais vigorosa e animada; pois vejo a maior parte das senhoras definir em moléstias nervosas, precedidas da inação e enjôo em que vivem. Seria conveniente auxiliar a comunicação das famílias, estabelecendo um passeio público com as comodidades competentes, para atrair o concurso dos moradores a vêrem-se e falarem-se. As gelosias também obstem à civilização, escondendo o belo sexo ao masculino, para aparecer a furto, sempre envergonhado. A destruição dêste esconderijo mouroso poria as senhoras na precisão de vestir-se melhor para chegarem às janelas, a satisfazer a natural curiosidade de vêrem e serem vistas, e assim familiarizando-se com o sexo masculino, não olhariam como virtude o insocial recolhimento, que as faz evitar os homens como a excomungados".

Assim pensava o desembargador, assim o disse ao governo local. Este, por sua vez, mandou contar tudo ao Rei, que muito descansado, só tomou providências três anos depois.

A 13 de agosto de 1817 D. João VI caía em reincidência alcoviteira, baixando Carta Régia em que revogava a proibição de habitar mulheres na Ilha Fernando de Noronha, e declarava: "é muito digno da minha real vigilância, não só remover as causas que podem contribuir para a diminuição da povoação, mas até procurar por sábias providências que ela se aumente". (A Carta não explica se

(Continua na pág. 58)



A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.



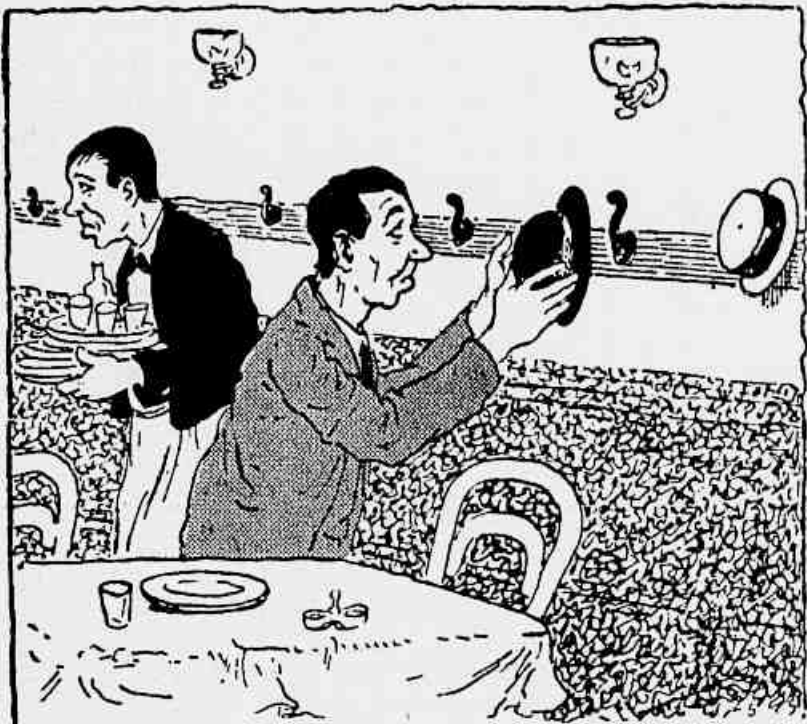
Baton

Van Ess

a cor moderna
adequada
ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado

Uma encapelação



Na vida quotidiana e quotinoturna de professor avulsão, Filomelo suportava, resignado, os altos e baixos do orçamento minguado. Períodos de equilíbrio estável e fá- ses de malabarismos no orçamento, na indumentária e no carvão da máquina alimentícia. Nos dias de verba es- cássa, recorria a simplório restaurante da praça Tiraden-



tes, onde a refeição trivial custava a linda soma de dois cruzeiros, com meio copo de vinho (*ó tẽmpora, ó móres!*). Modesta e limpa, mas afreguesada, a casa funcionava so- mente até às dez horas da noite.

Numa das épocas de vacas magras, chegou mais tar- de para jantar, quase á hora de correr as portas. Aban-

cou-se, depois de pendurar o chapéu, com muito cuidado, no cabide corrido, que ocupava a parede, desde a entrada até á copa. Esse cuidado protegia outra cópa, a do cha- péu-côco, que ameaçava divorciar-se das ábas e seria de- sabódo, se uma costura desalinhavada não garantisse a integridade do "quico"; éra lustroso pela antiguidade e molhado pelo chuvisco, que lacrimava a cidade. Retirou- se o penúltimo freguês e Filomelo ficou sosinho.

O bronze de S. Francisco anuciou as dez horas; o pessoal de serviço empilhava as cadeiras sobre as mesas, sinal certo de limpeza geral e encerramento da função. Rangiam as portas da rua. Filomelo deu as ultimas gar- fadas na sobremesa de goiabada e banana, sorveu o ca- fésinho, erqueu-se, pagou o "bródio" e foi tomar o cha- péu, o unico que restava no extenso cabide.

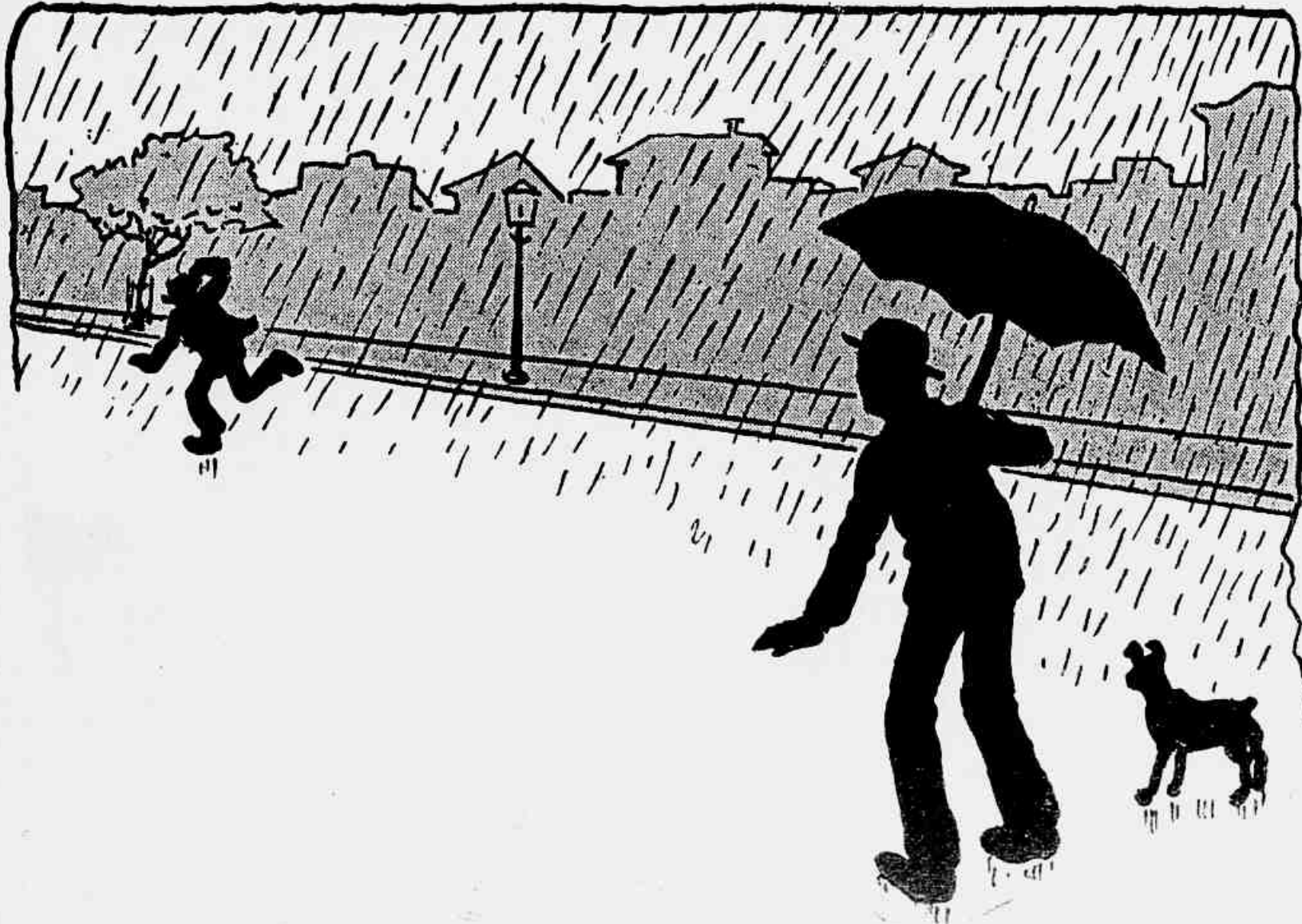
Sentiu um bem estar desconhecido, ao pôr o traste na marmíta dos pensamentos. Nunca o tuitigo gosára tão de- licioso conforto. Examinou o "quico". Era da mesma fôr- ma e novo em folha. Concluiu naturalmente que não era o seu e qualquer de nós diria a mesma coisa. Olhou em torno, mirou o cabide comprido, — não havia viva alma de freguês nem de chapéu; somente esse, que lhe calháva como uma luva em primeira mão. Talvez o legítimo dono fôsse colecionador de antiguidades. Talvez fôsse um tipo abstrato e, nesse caso, voltaria em búscia do que era seu e "destrocar" o capelo. Resolveu esperar á entrada, en- costado ao humbral, sob o chuvisco; assim permaneceu algum tempo, um tanto afilto e hesitante.

A' luz do gaz mortígo, Filomelo divisou, na calçada oposta que ladeia o jardim, um vulto que seguia tran- quillo, protegido por guarda chûva de bom calibre. Pelo andar, pelo "geitão", identificou-o sumariamente. Não havia dúvida, era o Esperidião, amigo velho de tempo do onça. Para aproveitar a companhia e o abrigo do parágua contra a importuna broéga (mais cacête do que discurso de so- bremesa ou novela em prestações), atravessou a rua, apro- ximou-se do vulto, deu-lhe uma pancadinha nas costas e, com ares de intimidade, exclamou:

"Olá, meu caro, passe-me um bocado dessa "barraca".

O vulto voltou-se assarapantado. Não era o Esper- dião amigo. O Filomelo ia desculpar-se, mas o homem não lhe deu tempo para isso; assutadíssimo, deixou a pará- gua nas mãos do nosso heróe e desatou em desabalada carreira.

Tal como "sobre um penêdo outro penêdo", Filomelo, estático e perpléxo, não sabia que anjo bom lhe oferecêra gratis um Chapéu novo e um guarda chûva de primeira agua...



Abriçado sob a "barraca", dirigiu-se aos penais; aos pinotes sobre as pògas; procurou descançar a con- ciência no travesseiro do esquecimento do episodio. Real- mente esqueceu, a aventura e a frequencia ao dadivoso restaurante. O sucesso foi de se tirar o chapéu...

RAUL



RAUL

A D
NAL
EM

Aspecto da re-
tro, o Cõsul
Valeur, Mme.
muller, ex-m-
São

Aqui temos a
da representa

M

É curio-
depois de
bilingues
houvessem
forma, re-
mente ex-
melodran-
que essa
nos do fa-
naux can-
to do ele-
da contr-
espetácul-
de dois es-
ferentes:
Petit Re-
Tagliavin-
O jove-
sil prece-
da que
Gigli. A-
por enq-
condiçõe-
paração.
mente ri-
tivo de
batedore-
transpor-
gliavini
bem tim-
sempre
Usa e al-
nissimos
tura s

A DATA NACIONAL FRANCESA EM SÃO PAULO



Aspecto da recepção no Hotel Esplanada, vendo-se, ao centro, o Cônsul Geral da França em São Paulo, Sr. Roberto Valeur, o Capitão Frederic Stadtmüller, ex-membro da antiga Missão Militar Francesa em São Paulo, cercados por pessoas gradas.

Aqui temos a assistência no Teatro Municipal, por ocasião da representação do espetáculo de arte, o qual se achava literalmente cheio.



(Especial para REVISTA DA SEMANA)

PATROCINADA pelo respectivo consulado, a data nacional da França foi, mais uma vez, comemorada em São Paulo com várias e expressivas solenidades.

Relembrando a memorável queda da Bastilha, verificada a 14 de Julho de 1789, ha 157 anos, portanto, tiveram início as festividades comemorativas a tão grata efeméride, com uma concorrida recepção nos salões do Hotel Esplanada, oferecida à Colônia francesa, autoridades e demais pessoas gradas pelos Cônsul Geral da França em São Paulo e Exma. Consuleza, Sra. Robert Valeur.

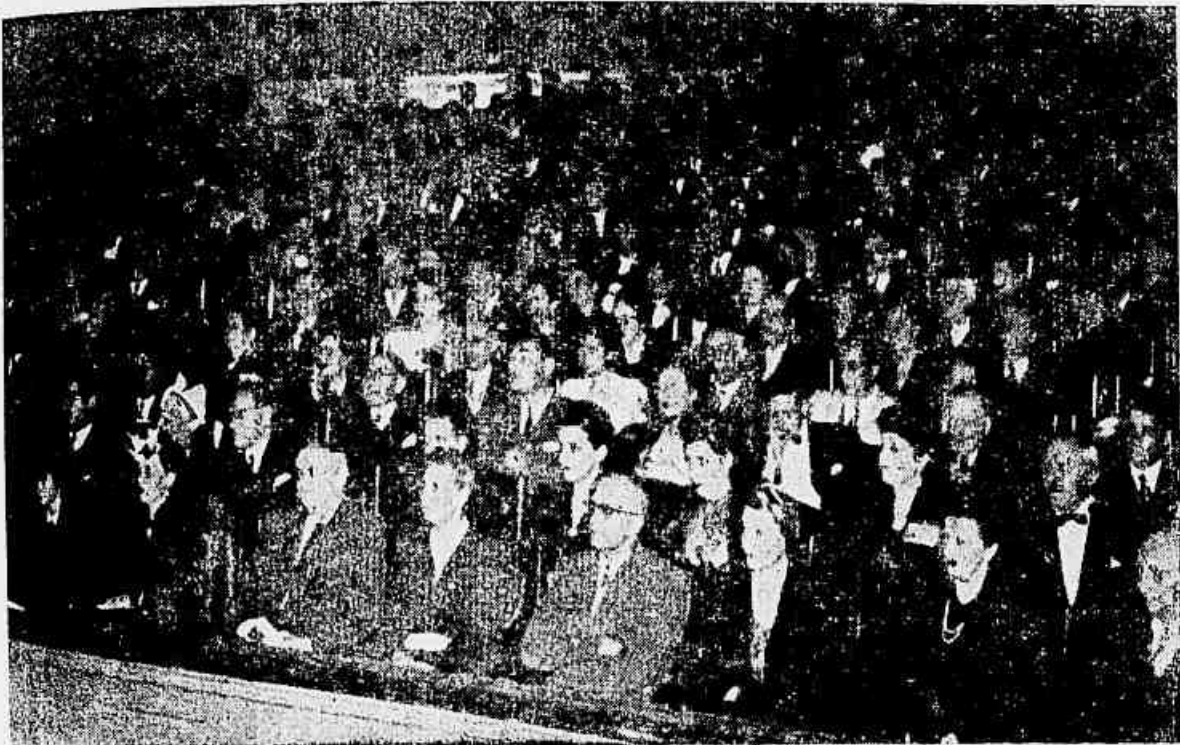
Usando da palavra, nessa ocasião, o Sr. Cônsul teve ensejo de dirigir uma carinhosa saudação aos presentes; discorreu sobre o significado da grande data que se comemorava e, a seguir, fazendo alusão aos laços tradicionais da amizade franco-brasileira, concluiu a sua oração congratulando-se com os dois povos pelos esforços comuns que vêm dispendendo, afim de tornarem cada vez mais estreita a fraternidade que tanto une e identifica as duas Pátrias.

Em prosseguimento ao programa, teve

lugar, às 21 horas, no Teatro Municipal, um selecionado espetáculo de arte, a cujas representações prestaram seus inesquecíveis concursos, o cantor Jean Sablon, a atriz Germaine Sablon, a Sra. Clarerie, Srs. M. Rognani, Marcel Avronsart, Louis Tognani, Roland Veyrier, Mlle. Irene de Bojano, os Maestros Calixto Corazza e Marcel Cartopassi, além de diversos alunos do "Ballet" do Teatro Municipal, sob a direção da Prof. Maria Olenewa. O encerramento verificou-se após a execução do Hino Nacional e da Marselhesa.

Realizou-se a seguir, em conclusão, um grandioso baile nos salões do Hotel Esplanada, muito concorrido e bastante animado.

E foi assim que, mais uma vez, os franceses radicados na Capital de Piratininga, festejaram, condignamente, o aniversário da Tomada da Bastilha, uma das mais expressivas datas para a civilização, porque, em verdade, 14 de JULHO ha muito deixou de ser apenas uma data que lembra o acontecimento histórico mais significativo da França, para transformar-se numa data simbólica e perene para toda Humanidade.



M U S I C A

T O S C A

É curioso notar que, somente depois de ouvir várias versões bilingues da Tosca, os críticos houvessem notado que, dessa forma, resalta o que forçosamente existe de convencional no melodrama lírico. Parece-me que essa impressão deriva menos do fato de Solange Petit Renaux cantar em francês e o resto do elenco em italiano do que da contraposição, no segundo espetáculo da temporada lírica, de dois estilos completamente diferentes: a da próprio Solange Petit Renaux e o de Ferruccio Tagliavini.

O jovem tenor chegou ao Brasil precedido por uma propaganda que o dava como um novo Gigli. Acredito que, pelo menos por enquanto, ele não esteja em condições para suportar a comparação. De resto, é perfeitamente ridículo esse afan desportivo de indicar os campeões, os batedores de records, quando transportado para a arte. Tagliavini é dono de uma bela voz, bem timbrada se bem que nem sempre corretamente emitida. Usa e abusa dos recursos italianíssimos de fazer com que a partitura siga os seus caprichos

emocionais, apoiando-se nas tenutas, soberanamente indiferente aos portamentos, semeando o canto de soluços, nos momentos em que cabe uma demonstração de dor. Cenicamente, gesticula de maneira convencional e preocupa-se menos com a interpretação do papel do que com as oportunidades fornecidas pelo compositor para exibição da voz, em árias de grande efeito. Contudo, nem sempre consegue a maleabilidade necessária.

Solange Petit Renaux conserva, apesar de tudo, as qualidades superiores de intérprete fina e compreensiva. Por isso, torna-se interessante observar os contrastes entre a arte espontânea, instintiva de Tagliavini, com os efeitos calculados — às vezes demasiadamente calculados, como nos famosos pianíssimos — de Solange Petit Renaux. De qualquer forma, eis uma cantora que nos dá, verdadeiramente, uma interpretação, baseada numa concepção unificadora do papel, que não admite a ideia de que uma ópera significa mais ou menos momentos cuidadosamente preparados para "grande efeito". Assim, ela extrai todo o rendimento possível de uma voz que já está perdendo o frescor. É um verdadeiro triunfo da arte. Gerhard Pechner exagerou

um pouco a nota caricatural na sua versão do cômico sacristão. Alvary, entretanto, deu relevo ao pequeno papel de Angelotti.

A criação de Silvio Vieira, como Scarpia, já é bem conhecida. Valorizando, sobretudo, o papel, com sua habilidade dramática, ele se esforça por oferecer, vocalmente, uma performance digna de louvor. De sobejo conhecidas são as suas qualidades como os seus defeitos. De qualquer forma, o seu Scarpia já adquiriu foros de cidade e constitui, verdadeiramente, uma interpretação cuidadosamente concebida e executada.

Angelo Questa regeu com segurança a conhecidíssima partitura, de um verismo violento

que, apesar de ter perdido um pouco o vigor com os anos, ainda produz o seu efeito.

Roberto Lyra Filho

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiza é incômoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe a abraçar uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiza com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro



GEORGINA HOTEL - A cidade de São Geraldo, em Minas Geraes, pode agora orgulhar-se de possuir um modelar estabelecimento de hospedagem. Referimo-nos ao Georgina Hotel, empreendimento levado a efeito pelo conceituado patricio, Dr. Oswaldo de Oliveira Duarte. Na fotografia acima, vemos a fachada do novo estabelecimento que, devido aos seus espaçosos e bem aparelhados aposentos, oferece aos seus hospedes o máximo conforto, causando magnífica impressão a todos que o visitam.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



A mulatinha do rancho

(Continuação da pág. 34)

uma pipa e um cavalete onde se amontoavam, em desordem, pelegos e serigotes.

— Boa tarde, moço! disse uma voz arrastada, cansada, como voz de carreta que andou léguas sem parar.

Voltei-me rápido e encherguei uma velha gorda, de cor branca, óculos esganchados na ponta do nariz vermelho, cabelos grisalhos e emaranhados, vestida com um camisolão comprido e largo, atado na cintura, com mangas curtas e apertadas nos cotovêlos. Olhei para essa roupa que, além de esquisita tinha uma cor cinzenta, desbotada, e que de longe em longe apresentava partes mais escuras, quasi negras, e fiquei pensando. Mais tarde, com o auxílio de um trecho de conversa, descobri que era um vestido de luto.

Cheguei-me para a porta estreita, bloqueada por aquele corpo largo e estendi-lhe a mão.

— Boa tarde, moço! repetiu ela, apertando-me a dextra com sua mão forte e áspera. Vá passando prá dentro que o sol está quente.

Entrei. Uma sala espaçosa, com chão de terra preta socada, ofereceu-me um ambiente estranho, porém fresco e sosegado. Num canto uma mesa comprida, no outro uma cadeira de palha, já esfiapada, e no outro um banco de madeira. Sentei-me neste último.

Por uma porta lateral vislumbrei um pé de parreira. Cachos grandes e pretos pendiam de entre as folhas, como que tentando-me. Nunca desejei tanto comer um punhado de uvas!

Depois de um pouco de trela a velha hospiteira ofereceu-me um chimarrão. Aceitei e ela gritou virando-se para uma porta que lhe ficava nas costas.

— Tuca! Traz o chimarro!

Minutos depois apareceu a mulatinha de olhos grandes com uma chaleira azul numa das mãos e na outra, uma cuia.

Pela outra porta quasi ao mesmo tempo, surgiu um velho, arrastando os pés como si eles pesassem como chumbo, e tossindo com dificuldade.

— Bitá! rouquejou ele. Me alcança o casaco. Tuca, sai daqui, relachada! Vai botar um vestido que tape essas pernas!

Sua fala rouca era apressada, interrompida às vezes por acessos de tosse. De quando em quando levava a mão trêmula á altura do coração e suspirava fundo. Um forte sotaque de turco transparecia nas palavras mastigadas ás pressas.

A velha olhou-me com humildade, assim como um cão, quando pede desculpas com o olhar, e saiu pela mesma porta que o velho entrara.

Os grandes olhos da mulatinha encheram-se de lágrimas, que rolaram, grossas, lentas, pelo rostinho magro e triste.

— Tuca! Já não disse?

As palavras eram ríspidas. O tom de voz, duro como uma bofetada.

E a mulatinha esgueirou-se ao longo da parede suja e fugiu, soluçando, para o pátio.

— Tuca! rugiu o velho, pouco depois. Tuuuuucca!

O esforço exigido, pelos gritos tirou-lhe a respiração.

A pobre Tuca veio andando de vagar, mansa como um cordeiro, abotoando ainda, ás pressas, um vestido de algodão escuro que lhe chegava ás canelinhas finas.

— Vai buscar um balde d'água para molhar o chão. Não vês que está levantando poeira?

Balbuciando um "sim" muito suave a mulatinha foi saindo.

Depois virando-se para mim, o velho desabafou:

— E' isso! Ter casa sem soalho de madeira é um inferno!

Biiiiita! Onde está o meu casaco? Biiiiita!

Seu rosto cor de cêra tornava-se purpúreo, os olhos esbugalhavam-se, as mãos entrefechavam-se com raiva.

A velha apareceu arrastando as chinelas, com um casaco pendurado num braço e tendo na mão direita um prato cheio das uvas que eu tanto havia desejado.

— Sirva-se, disse ela com um sorriso triste. Não estão bonitas, mas servem para comer.

Dirigiu-se para o velho e agasalhou-o carinhosamente.

Era chocante ver aquela ternura. Mas algo quebrou o enlevo. Os olhos do turco, ao fitarem as frutas, brilharam de raiva e tornaram-se ameaçadores quando encontraram os cansados olhos da velha Bitá. Eu compreendi num instante que eles diziam:

— Velha danada! Que é que tu tinhas de aparecer com obséquios?

— Pois é; me disse ele virando-se para o meu lado como se continuasse uma conversa. Os tempos andam máus. Não há nada e o que há é tão pouco! Passamos miséria no inverno e mais miséria no verão!

Dizer isso quando os marmeleiros debruçavam-se ao péso dos galhos carregados, os pessegueiros fartos e as figueiras deixando cair os figos que sobravam. Dizer isso quando a fartura invadia suas terras!

E continuou a desfiar um longo rosário de privações e escassez, sem contudo afastar seus olhos do cacho de uvas que eu tinha nas mãos.

Subitamente meu apetite se foi. Empurrei o prato para um lado do banco e fiquei olhando para os porquinhos que corriam no pátio.

— Ora, coma um pouco mais! começou a

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 1.ª Loja

insistir a velha com um sorriso cansado nos lábios sem cor. Começou porém não continuou, pois o velho teve um acesso de tosse e só parou quando a velha Bitá, olhando para ele, compreendeu de certo, que não devia insistir.

— Tuca! E a água que te pedi?

Daí há pouco surgiu a mulatinha vergada ao péso de um balde cheio até ás bordas. Caminhava de vagar e penosamente.

Afastei a vista das faces escuras e lustrosas de suor da pobre mulatinha, para o brilho do sol que caía em cheio num pequeno cocho onde o cusco bebericava uma água muito suja.

Foi talvez nesse momento em que eu não via nada, que aquilo aconteceu.

— Anda depressa, desaforada! urrou o velho.

E logo se ouviu o som ruidoso de uma bofetada. Rolou o balde, no chão, guinchando, espalhando água para todos os lados, gritou a velha Bitá em desespero, com as mãos sujas na cabeça, gritou o cusco medroso, e resmungou o velho, com a respiração alterada e as feições lívidas.

Só quem não gritou nem gemeu foi a mulatinha, que se levantou do chão com vagar.

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período, quando o fluxo mensal começa a aparecer, são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes, sem perda de tempo, o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentias, tristes e, o que é pior, atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos, são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier, usado em seu número adequado, dá às mocinhas, e às senhoras na idade crítica o bemestar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO ENGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MUITO DE MEIO SÉCULO.
MULTIFAEMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

S.S. Publicidade

SOBRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
ROBUSTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



SEAGERS
 ((DIGA SIGA))
 DESDE 1805
SEAGERS
 SIGNIFICA
 SUPERIORIDADE



HEMORRÓIDAS E VARIZES
Hemo-Virtus
 USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

passou a mão magra e molhada pelos cantos da boca manchada de sangue e saiu da sala, sempre com os olhos muito grandes, cheios de tristeza, boiando em lágrimas.

O sol vinha descambando quando eu saí do rancho.

Logo ali adiante, ao passar por um amontoado de árvores ouvi um "psiu" tímido. Encurtei as rédeas fazendo o cavalo parar e virei-me para trás.

Ali estava a mulatinha, parada no meio da estrada, com os braços finos longo do corpinho franzino e os olhos tristes, iluminados intensamente.

Fitou-me sorrindo. Seu rostinho magricelo embelezou-se com aquele sorriso.

Antes que eu dissesse alguma coisa ouviu-se no ar, nítido e ameaçador, o grito do velho turco.

— Tuuuuca! Vem cá, relaxada!

Seu sorriso fugiu e os olhos grandes encheram-se de pavor.

Ela me olhou. Nos seus lábios trêmulos, entreabertos, eu compreendi um pedido desesperado.

Estendi-lhe a mão e em dois tempos eu a tinha em cima do cavalo. Era uma pena de tão leve!

Pobre criança infeliz!

— Tuuuuca!

O grito demorou-se no ar, como uma ameaça.

Quando o rêlho estalou nas ancas do animal, a mulatinha estremeceu.

Saímos á galope, sem respeitar as pedras pontudas que forravam a estrada.

— Tuuuu...

E o resto se perdeu no esquecimento da distância.



Um PERFUME *Inesquecível!*

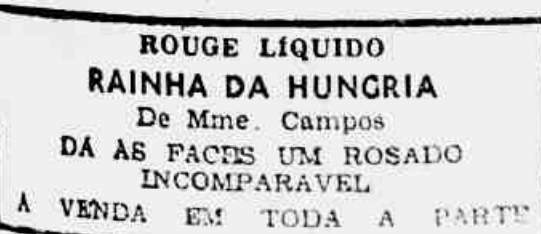
Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Êles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume ORGANDY de BAZIN. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...



Proteja seu filho contra as afecções do couro cabeludo. Após o banho, friccione-lhe a cabeça com **Tônico Oriental**. Ele ficará imune à ação de germens nocivos e terá cabelos fortes e belos para o resto da vida.



Organdy de BAZIN

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL

O tempo retrocede

(Continuação da pág. 19)

samento, mesmo um casamento doido como o nosso, há momentos inesquecíveis, que marcam o pessoa para o resto da vida. As horas de amor — minhas, só minhas. Eu fui o primeiro. E ela me amava, compreende? Quando nos casamos, nos primeiros tempos, fomos intensamente, maravilhosamente felizes... Depois, mesmo entre duas brigas, havia o nosso amor para aplacar as dificuldades...

— Ela esquecerá... ela esquecerá...

— De que adianta repetir essa frase, como um estribilho, quando você bem sabe que o que eu digo é a verdade?

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Pega-nos pelo correio o novo **CATÁLOGO de OCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista. Adquirir seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface (**Brilhante**), ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um de de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "**Brilhante**" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "**Brilhante**". Experimente-o. É um produto dos laboratórios Alzira de Freitas.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

FINO, ADEQUADO E INESQUECÍVEL
A VENDA EM TODA A PAÍS

— Lowry, não me faça perder a cabeça!

— Você perde a cabeça por iniciativa própria e não por intervenção dos outros!

— Lowry eu estou lhe avisando que não permitirei que um homem fútil, vaidoso, irresponsável como você destrua toda uma felicidade que eu vinha construindo a custo. Quando você abandonou sua mulher, eu a encontrei e a amparei. Nunca lhe disse que a amava, mas ela haveria de aprender a deixar que eu dirigisse sua vida, eliminasse todos os atropelos. Ela estava cansada da vida que tinha levado com você e estava precisando de repouso...

— Sim, e daí?

— Daí que ela é um pouco minha, porque eu conservei a sua mocidade, porque eu lhe dei novamente a saúde abalada... E você voltou, voltou quando a viu assim, mais forte e mais alegre, para tomá-la...

— Mas você não compreende que eu sou o seu marido? Não sabe o que significa isso para uma mulher como ela?

— Lowry você ha de se arrepender de tudo isso.

Sem dizer mais nada, Ltham saiu batendo com a porta. Sobre a mesa de Lowry havia um retrato de Janet. Era bem recente. Ela lh'o entregara na hora da partida.

18.40 — Creio que há alguma coisa de anormal, disse o piloto.

— Por que?

— O capitão foi chamado lá em baixo.

O oficial assobiou:

— Já?

— É verdade. Mal partimos e já temos encrenca.

— Que será?

— Só pode ser avião ou submarino, por esta zona. Não sendo avião...

— Mas eles quererão destruir o comboio?

— Depende do número. Nunca se pode saber de onde partirá a sabotagem. Talvez tenham sabido da partida e vindo em flotilha. Talvez, também, seja um submarino solto e, nesse caso, é mais fácil liquidá-lo.

— Que estaria fazendo um submarino solto por aqui?

— Talvez seja um dos famosos transportes de espiões, de que se fala tanto...

O piloto riu: essa é boa! transporte de espiões!

O oficial olhou para ele:

— Que é que você está rindo?

O piloto, porém, ficou sério, de repente:

— Esta guerra é o diabo!

— Profunda filosofia, comentou o oficial.

E o piloto não compreendeu a ironia.

O marinheiro Latham apareceu:

— O capitão está chamando o senhor lá em baixo, disse ao oficial. Parece que os escutas ouviram o ruído de um submarino.

— Nesse caso vamos ter que parar as máquinas.

Lowry estava dando ordens.

— Parem as máquinas!

A seguir, dirigindo-se para o seu camarote, disse:

— Mande-me os mapas.

E seguiu, sem reparar que o marinheiro Latham o seguia.

16 horas. — No momento em que ele pos o pé a bordo, verificou que ia viajar novamente com Latham. O marinheiro pediu a transferência mas não conseguira a tempo. Toda a tripulação estava pronta, para saudá-lo. Mas Lowry notou em Latham sorria ironicamente ao fazer-lhe continência. Ia ter que controlar bem os nervos na viagem.

Apalpou o bolso da farda. Ali estava o retrato de Janet.

— Fôra de forma! ordenou. E encaminhou-se lentamente para o seu camarote.

— Capitão!

Era Latham.

— Que há?

— Posso falar-lhe por alguns minutos?

— Diga.

— Queria que o senhor soubesse que durante esta viagem não conversaremos sobre o assunto íntimo que deveríamos tratar.

— Nem eu permitiria que tocasse nele.

— Entretanto, eu creio que o senhor tem em seu poder alguma coisa que me pertence.

— Como?

— Uma fotografia.

— Não darei importância às suas palavras. Por esta vez, está desculpado pela alusão. Mas da próxima será devidamente punido por desacato. Assim, espero que não se esqueça de seu posto, enquanto durar a viagem.

— Não esquecerei. Como poderia esquece-lo?

Lowry encarou-o alguns momentos em silêncio. Depois disse:

— E' só. Pode retirar-se.

Latham fez a continência devida e desapareceu. Mas Lowry notara que novamente, no momento de prestar-lhe a homenagem devida ao posto, um sorriso irônico se esboçara nos lábios do marinheiro.

15 horas. Ele estava fazendo as malas. Janet se aproximou:

— Robert...

— Hum?

— Não gostei da maneira pela qual terminemos com Jack...

— Está arrependida de ter recusado a proposta dele?

— Oh, não! Mas... mas ele sempre foi tão bom para mim...

— Você acha que seria feliz ao lado dele?

— Não.

— E então?

Ela veio para perto dele. Robert estava debruçado sobre a cama, colocando as roupas na mala. Estendendo a mão, ela aliou-lhe os cabelos. Ele voltou-se e sorriu.

(Continuação da pag. 58)



MALTOGENO
Granado

Medicação
tônico-nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE

T. TARGUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases inebam o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

A TOSSE REBELDE ENFRAQUECE OS PULMÕES

Evite esse risco! Para bronquite, tosse e coqueluche, use

PEITORAL DE ANACAHUITA

DE KEMP Composto

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

A VOLTA

(Continuação da pág. 45)

Com que prazer, agora, sentia-o no banheiro patinando n'água, molhando o chão que ela teria, mais tarde, que enxugar, uma vez que o reumatismo de Jane não lhe permitira abaixar-se.

— Está pronto? disse ele, voltando para a sala.

Vestira um pijama velho. Ela notou que ele emagrecera bastante. Seu rosto, queimado do sol tinha uma expressão um tanto dura, de sofrimento, suavizada por um sorriso — o mesmo sorriso de sempre...

— Tudo aqui...

— Hum... Está delicioso.

Depois do jantar, ele sentou-se perto do rádio e perguntou:

— Você comprou os jornais?

— Estão em cima da mesa. Vou buscar.

Ele começou a folhear, lendo os cabeçalhos.

— Mamãe disse que ia telefonar a que horas?

— Às nove.

Ele estava bocejando.

— Se você soubesse como eu estou cansado... Há muitas noites que não durmo um sono bom...

— Por que você não se deita? Quando sua mãe falar eu o chamo?

Está certo.

Ela sabia que ele estava querendo que ela sugerisse aquilo e, com um esforço, fizera a sua vontade, mesmo com sacrifício de todos os seus planos. Os momentos ternos, de confidências deliciosas, não tinham vindo. Talvez mais tarde...

Quando a mãe dele falou, ela não teve coragem de acordá-lo. Ele dormia como uma criança. Mais tarde, quando ele deitou-se ao seu lado, ele remexeu-se na cama e encostou a cabeça no braço dela. Lentamente, ela acariciou os seus cabelos. Ele devia estar tendo belos sonhos... Uma expressão de paz desceu sobre o seu rosto.

Às seis horas da manhã tinha que levantar-se. O café bebido às pressas, ainda vestindo a farda. Um beijo de despedida, rápido. E acabou-se. A porta bateu. Ele tinha partido.

Ela voltou, lentamente, para arrumar a casa. E o plano maravilhoso? Tudo ruira. Ele viera e nada daquilo que ela planejava acontecera. Sentia-se insatisfeita. De repente, largou a vassoura e sentou-se no sofá, chorando. Ele adormecera, como uma criança. Gastara o tempo reparando as forças... Agora, devia esperar mais alguns meses, antes que voltasse...

VITRAIS

(Continuação da pág. 20)

trito de igrejas atualmente construídas constitui um sério obstáculo ao desenvolvimento dessa arte. Apesar disso, o século XX produziu interessantes vitrais para templos europeus. Na Grã-Bretanha, a atividade da arquitetura religiosa não tem sido muito grande. Todavia, não nos faltam artistas prontos a se entregarem a novas experiências destinadas restituir aos vitrais a beleza e a simplicidade características dos grandes artezãos, — qualidades que lhes permitam simbolizar nas suas obras o próprio espírito da época em que vivem.

PARA DEFENDER
SUA SAÚDE
exija um
refrigerador:



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(eq. Praça Marçal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

Quina Petroleo ORIENTAL,
finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



**Quina Petroleo
ORIENTAL**

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

ALCOVITEIROS ILUSTRES

(Continuação da pág. 51)

as mulheres seriam destinadas aos presidiários, medida humaníssima, que devia ser adotada em toda parte).

E, para que sirva de meditação a todos aqueles dentre nós brasileiros que possuem veleidades sobre as suas altas origens, vou transcrever um trecho da carta que o padre Manuel da Nobrega, da Companhia de Jesus daqui escreveu para Portugal em 1549 ao padre mestre Simão, da Companhia de Jesus de lá: "Todos se me escusam que não têm mulheres com quem casem. E conheço eu que casariam, se achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado, que veio nesta armada, pelejavam sobre ela a quem a haveria por mulher. E uma escrava do governador lhe pediam por mulher e diziam que lhe queriam forrar. Parece-me coisa mui conveniente mandar S. A. algumas mulheres que lá têm pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, contanto que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra mui grossa e larga, e uma planta que se faz uma vez, dura dez anos aquela novidade, porque assim como vão apanhando as raízes plantam logo os ramos, e logo arrebentam. De maneira que logo as mulheres teriam remédio de vida e estes homens remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra".

Pois é, meu povo. Mesmo erradas serviam. Desde que não fossem erradas demais...

O tempo retrocede

(Continuação da pág. 56)

Depois, olhando para o relógio, disse:

- Está na hora.
- Já?
- Sim. Tenho que ir.
- Robert! Não Vá!
- Que é isso, meu bem?
- É um pressentimento que eu tive... Não vá, Robert. Vai acontecer alguma coisa... Você tem certeza de que Jack foi transferido?
- Absoluta.
- Eu não sei... Eu tenho a impressão que...
- Bobinha! Não vai acontecer nada...

Mas antes dêle partir ela ainda se agarrara a ele, e murmurara, entre lágrimas:

— Volte logo! volte logo!

Ela previra tudo. Aquela intuição que lhe dissera que alguma coisa de importância e de trágico ia acontecer fora justa.

Num momento, enquanto Latham batia desesperadamente

no casco, com afan destruidor o destroyer inteiro estava à sua procura. O submarino alemão preparou-se para entrar em ação. Um torpedo partiu.

19.30 horas, um torpedo lançado pelo submarino alemão destruiu o destroyer Larmont, que fazia parte de um comboio que se dirigia para a Inglaterra. Morreram quase todos os tripulantes. O submarino foi posto a pique, mais tarde. A lista dos sobreviventes do destroyer, entretanto, foi pequena: Capitão Robert Lowry...

O nome do marinheiro Jack Latham não figurava entre os que tinham sido salvos. E ninguém soube, jamais, o que aconteceu as 19 horas e vinte e cinco minutos e as dezenove horas e trinta minutos, quando explodiu o torpedo. Ninguém soube como Lowry encontrara Latham nem os marinheiros que procuravam a origem do ruído, naqueles últimos momentos, presenciaram a luta travada, no convez...

é sempre
no mesmo
lugar...



Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com PURA SEDA. Evite aborrecimentos. Use somente retrôs de PURA SEDA. Todas as cores estão à venda nas boas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294

Fabricantes da
melhor linha de SEDA
para coser.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traidores inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas
- 4 podem contrai-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorrêia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o aviso da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorrêia usando o método experimentado Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com FORHAN'S, o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrêico do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram melhoras positivas em apenas 30 dias de uso deste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e são e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

Forhan's



"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorrêia"

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

TRAVESSA CAMPOS SALES 85 - BELÉM

ALUGA-SE UM PLANETA

(Continuação da página 5)

fáce hostil de Marte? Não importa! A Terra, a essa altura, será um cemitério que rola pelos espaços inter-planetários. Para que o Dia, num mundo morto? Toda noite será benvinda, num lugar em que a alvorada não é acolhida pelo canto festivo dos passaros, nem pela bu-

lha matinal das crianças. Chovam trevas sobre a Terra suicida Trovejem tempestades sobre o planeta insano! Trocou a catedral gótica pela bomba atômica, a Bíblia pelo avião-foguete!

E, certo dia, os habitantes de outros mundos, que vojavam proximamente, encontra-

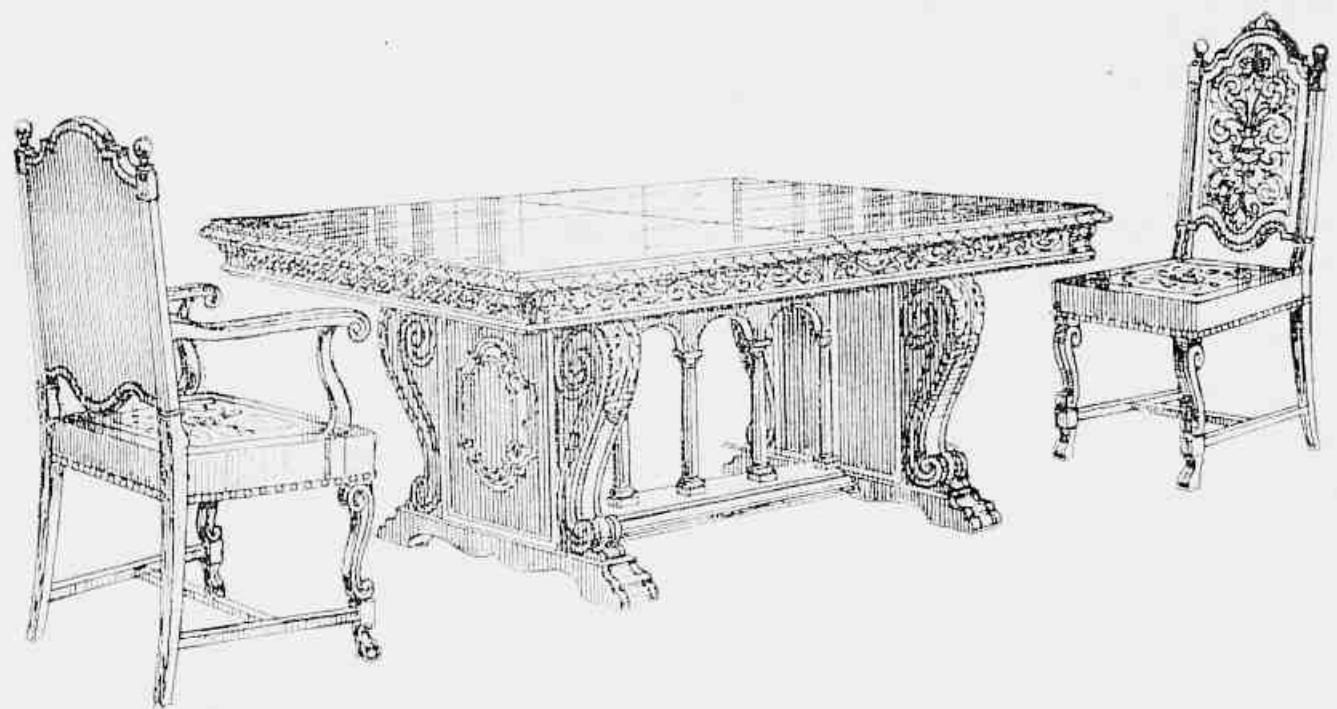
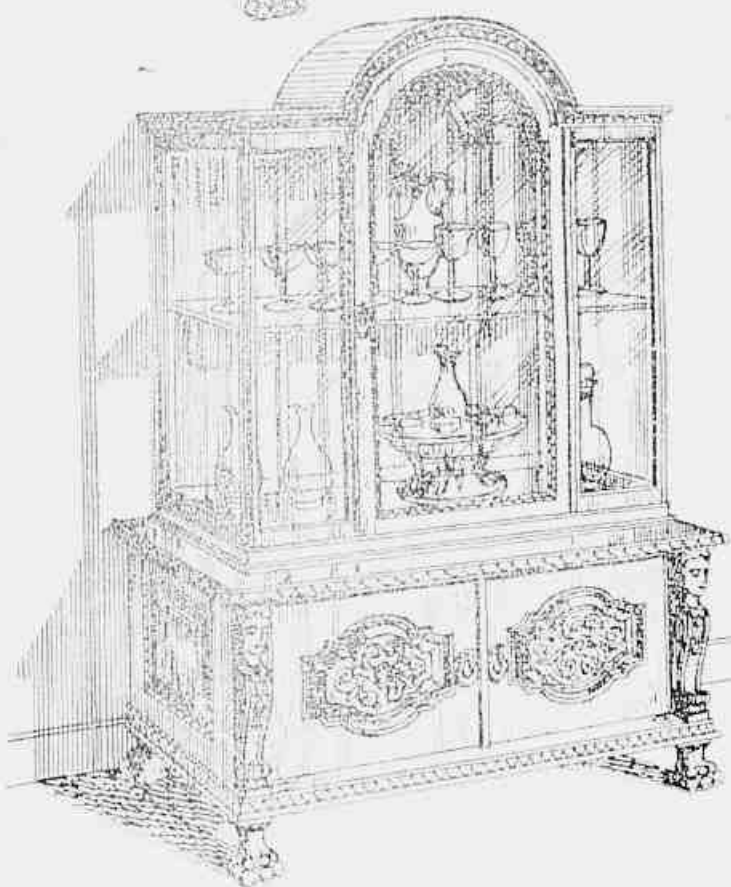
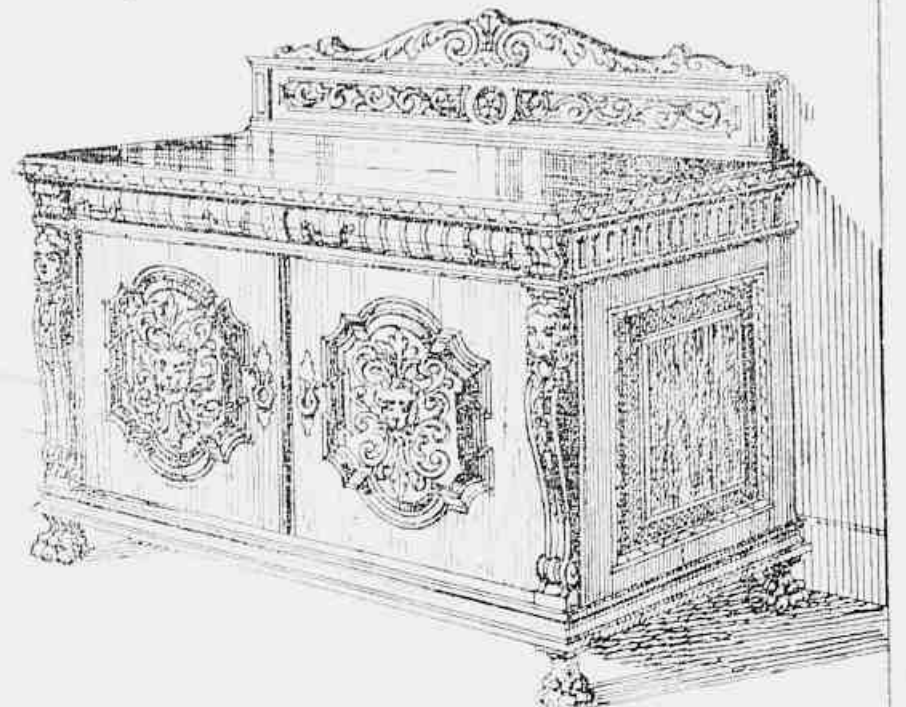
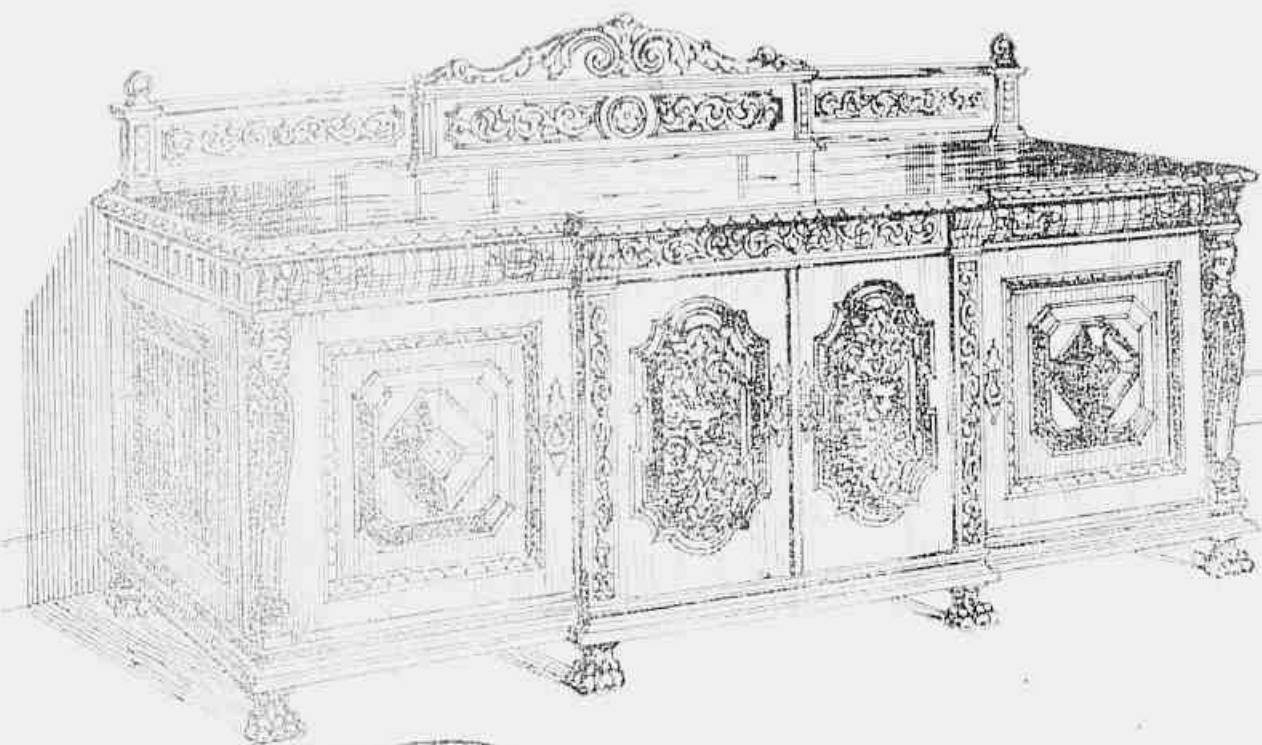
rão a novidade bulhenta: um planeta com escritos. Aluga-se a Terra, com ou sem contrato. Para que? Talvez para que os cientistas de outros mundos, escavando nos escombros dela, encontrem os vestígios de um bicho daninho, a que um sábio ingênuo pôs, de uma feita abafando um riso discreto, a legenda humorística: HOMO SAPIENS.



« Não sofra inutilmente, quando é tão fácil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem receio. Experimente-os, serão a sua salvação! »

AZIA - DISPEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MAU HÁLITO
FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DORES
DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

PAPEIS BANKETS



SALA DE JANTAR

Aí está uma sala de jantar em colonial estilizado, com cadeiras de guarnição de couro bordado, preso por grandes taxas douradas. Os pés destas cadeiras, como os dos outros móveis, são torneados e recurvos, o que dá a todas as peças um encanto todo próprio e original. Além da "étagère" de duas portas, baixa, estreita, fazem ainda parte do mobiliário um "buffet", dividido em três partes, e uma cristaleira de formas curvilíneas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



GINGER ROGERS

OFERTA DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1947
EM PREPARO